



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS TERRITORIAIS – PROET

TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS
ORGANIZADAS DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

NATÁLIA MORENA LAGE SILVA

Salvador - BA

2024



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS TERRITORIAIS – PROET

NATÁLIA MORENA LAGE SILVA

TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS
ORGANIZADAS DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

Dissertação apresentada pela Linha de Pesquisa 2 – Processos Territoriais e Dinâmica Urbano-Regional do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET), do Departamento de Ciências Exatas e da Terra, *Campus I*, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Orientador: Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto

Salvador – BA

2024

S586 Lage Silva, Natália Morena

Territorialidades e Hierarquias em Torcidas Organizadas do Sport Club Corinthians Paulista / Natália Morena Lage Silva. Orientador: Agripino Souza Coelho Neto. Salvador, 2024. 157 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade do Estado da Bahia.

Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET, Salvador. 2024.

Contém referências, anexos e apêndices.

1. Geografia Política. 2. Geografia Urbana. 3. Ciências Sociais. I. Coelho Neto, Agripino Souza. II. Universidade do Estado da Bahia. Salvador.


CDD: 322

NATÁLIA MORENA LAGE SILVA

**TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS ORGANIZADAS
DE FUTEBOL: SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais, do Departamento de Ciências Exatas e da Terra I, da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador/Bahia, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre(a) em Estudos Territoriais.


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **AGRIPINO SOUZA COELHO NETO**
Data: 11/09/2024 19:42:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Agripino Souza Coelho Neto – Orientador

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)


Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Documento assinado digitalmente
 **ALCIDES DOS SANTOS CALDAS**
Data: 12/09/2024 18:21:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Alcides dos Santos Caldas

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Doutor em Geografia pela Universidade de Santiago de Compostela (USC)

Documento assinado digitalmente
 **BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA**
Data: 11/09/2024 21:52:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Faculdade Getúlio Vargas (FGV)

Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)

Dedicatória

Para minha mãe Adriana Lage e vó Creuza Lage

Para meu pai Ronaldo, o Bonitão

Para meus irmãos Bruno, Beatriz e Rodrigo

É preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê.

Sou nós, amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Iniciar uma jornada de pesquisa no campo vibrante e emocionalmente carregado do futebol, enquanto participante ativa e torcedora organizada, apresentou desafios únicos. Neste processo, foi fundamental manter uma postura de neutralidade e um rigor científico impecável, a fim de traduzir com fidelidade as dinâmicas de territorialidade e hierarquias nas arquibancadas. Esta dissertação não representa pra mim apenas um produto acadêmico, escrevê-la me demandou um exercício de autocontrole e profissionalismo, aspectos que procurei manter em equilíbrio durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

Apesar do processo de construção acadêmica ser solitário, nunca estive sozinha durante minha trajetória. “Prepara uma avenida, que a gente vai passar”. Essa conquista é fruto de um amparo coletivo, de muita dedicação e força. Agradeço a muitos.

Inicialmente à minha mãe, Adriana Lage, por todo cuidado e amor. Agradeço pela atenção e pelo conforto de sua voz nos momentos de caos, pelo alento, presença e ajuda em todo e qualquer momento. Você me inspira coragem e persistência e me faltam palavras pra expressar o quanto sou grata por ter você comigo. Eu te amo, muito obrigada por tudo.

Agradeço ao meu pai, Ronaldo Bonitão, pelo suporte carinhoso e pelas palavras de conforto e incentivo nesses anos. Por vibrar cada conquista minha como se fosse tua, porque, de fato, é.

Agradeço à Creuza Lage, geógrafa inspiradora, mas primeiramente vovó amorosa. Cheia de histórias, bons conselhos e colo quente para auxiliar nas adversidades da vida. Me sinto feliz por trilhar esse percurso geográfico tendo o estímulo de seus passos.

Aos meus amados irmãos, Bruno, Beatriz e Rodrigo, sempre respeitando a hierarquia da idade (rs). Vocês são mais do que meus companheiros de vida, são pedaços do meu coração que tornam a jornada mais leve e cheia de significado. Agradeço profundamente pelo carinho, pela fraternidade e pela cumplicidade que compartilhamos. Cada riso, cada conversa e cada silêncio entre nós é um tesouro que carrego comigo. Perdoem minhas ausências, elas nunca diminuem o amor imenso que sinto por vocês. A saudade aperta, e o desejo de estarmos juntos outra vez é constante. “É, Morenos, tá tudo bem, sereno é quem tem, a paz de estar em par com Deus [...] Pra nós, todo amor do mundo”.

Agradeço à minha tia Bárbara Hurst, pelo apoio, zelo e palavras de carinho. Mulher forte com quem posso sempre contar, te amo e admiro.

A meu namorado e companheiro de vida, Matheus de Castro, a você peço desculpas pelos momentos de estresse, ausência e silêncios que se fizeram necessários durante o período do mestrado. Te agradeço pela parceria, apoio, cuidado e compreensão durante esse processo.

Obrigada por acreditar em meus sonhos e por partilhar do cotidiano ao meu lado. “Ainda bem que você vive comigo, porque senão como seria essa vida?”.

“Onde a má fé não faz morada e a maldade não se cria, me cerco de boas intenções e amigos de nobres corações”. À Maísa, Luiza, Camilla, Natália Leone, Amanda, Misma, Samanta, Átila, Daniel e Emanuel, agradeço pelos conselhos e afeto, por entenderem minha ausência e por celebrarem comigo cada pequena vitória. E por falar em Vitória, uma irmã que o mestrado me deu, mulher aguerrida e carinhosa, agradeço a você, a Laysla e a Ítalo, obrigada pela escuta, por partilharem das angústias e tensões do processo, dividindo os fardos e as delícias da pós-graduação.

Agradeço profundamente ao professor Agripino Souza Coelho Neto, cuja paciência, expertise e orientação foram indispensáveis para a concretização deste estudo. Uma parceria de muito incentivo e acolhimento, que trouxe a segurança e possibilitou a liberdade criativa que eu precisava, sem abrir mão dos questionamentos e apelos que buscavam aprofundar meu entendimento sobre a temática. Muito obrigada, professor, poder contar com um orientador tão atento e humano como o senhor é privilégio. Espero que este e outros trabalhos em conjuntos nos rendam bons frutos.

Agradeço também ao professor Bernardo Buarque de Hollanda e ao professor Alcides Caldas, por terem aceitado avaliar este trabalho como banca examinadora. Suas críticas e sugestões enriqueceram significativamente meu trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da UNEB, professores e técnicos, sobretudo Antônio Muniz, Jussara Fraga e Edmilson, pelas oportunidades acadêmicas e profissionais, por confiarem em meu trabalho, agradeço pelas portas abertas e por compartilharem seus ensinamentos.

Agradeço à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, cujo suporte financeiro e estrutural foi essencial para a realização deste trabalho.

À Geografia por me conceder um olhar sensível e atento a esse problema de pesquisa, ao Corinthians por ser paixão e às torcidas organizadas participantes, que compartilharam suas experiências e perspectivas, permitindo que este estudo ganhasse vida e relevância. Sobretudo, aos meus irmãos de arquibancada da Fiel Salvador pela caminhada aqui, lá e em qualquer lugar.

Por fim, aproveito a oportunidade para lembrar que o futebol não pode estar em impedimento: Ódio eterno ao futebol moderno!

“Saudosos dos velhos tempos da fé, o torcedor tampouco aceita os cálculos de rentabilidade que frequentemente ditam as decisões dos dirigentes, numa época que obriga os clubes a se transformarem numa fábrica produtora de espetáculos. Quando a fábrica vai mal, os números vermelhos mandam sacrificar o ativo da empresa. Um dos gigantescos supermercados Carrefour, de Buenos Aires, levanta-se sobre as ruínas do estádio do San Lorenzo. Quando o estádio foi demolido, em meados de 1983, os torcedores saíram chorando, levando um punhado de terra no bolso.

O clube é a única cédula de identidade na qual o torcedor acredita. E em muitos casos, a camisa, o hino e a bandeira encarnam tradições profundas, que se expressam nos campos de futebol mas vêm do fundo da história de uma comunidade.”

Eduardo Galeano (1995)
Camisa Fiebre (Fervor da camisa)
El fútbol a sol y sombra

LAGE SILVA, Natália Morena. Territorialidades e Hierarquias em Torcidas Organizadas do Sport Club Corinthians Paulista. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

Resumo

Esta dissertação trata das territorialidades relativas às torcidas organizadas de futebol no Brasil, fundamentadas em hierarquias de poder. Estrutura-se em duas partes: uma de cariz teórico e outra de cariz empírico. Na primeira parte apresenta-se uma revisão da literatura que embasa todo o trabalho, subsidiando o contexto histórico relativo ao surgimento do futebol e a ascensão da cultura torcedora, buscando compreender a origem e formação das torcidas organizadas no Brasil e como também são estabelecidas as hierarquias e relações de poder nesses grupos. Apresenta-se em seguida uma análise das territorialidades torcedoras nos estádios de futebol. Na segunda parte apresenta-se uma investigação cujo objetivo foi analisar o poder das torcidas organizadas e suas influências nas arquibancadas dos estádios de futebol, acionando o conceito de territorialidade para compreender o comportamento espacial das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista. Para isso, foram selecionadas as torcidas organizadas mais expressivas do Sport Club Corinthians Paulista, levando em consideração seu contexto histórico de surgimento, quantidade de associados, influência sociopolítica sobre o clube e representação espacial nas arquibancadas. A metodologia adotada foi a estratégia de estudo de caso, em que se buscou investigar a existência de poder hierárquico como premissa para as ações, representações e ordenamento espacial nas torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista. Nesse contexto foram feitas entrevistas semiestruturadas a dirigentes das respectivas torcidas organizadas. As principais conclusões desta pesquisa são as seguintes: I) as torcidas organizadas corinthianas buscam demarcar territórios de controle e influência, nos estádios de futebol do Brasil; II) O poder simbólico (faixas, bandeiras, cânticos e rituais das torcidas) são dispostos e entoados nas arquibancadas, obedecendo a uma ordem hierárquica definida, aplicada e seguida pelas torcidas e seus membros; III) Verifica-se uma hierarquia consolidada dentro dos estádios de futebol, segundo critérios concebidos e acordados pelas torcidas organizadas; IV) Ocorre o delineamento territorial dentro dos estádios obedecendo a uma diretriz hierárquica implementadas pelas torcidas organizadas hegemônicas. Com base nos resultados deste estudo, entende-se que o conhecimento das dinâmicas internas dessas torcidas e das suas estratégias de demarcação territorial é fundamental para a elaboração de políticas públicas eficazes, que visem a manutenção da ordem e da segurança nos eventos esportivos. Além disso, este estudo contribui significativamente para o campo da Geografia ao fornecer uma investigação detalhada das territorialidades urbanas em um contexto específico, como o dos estádios de futebol, destacando como espaços urbanos podem ser apropriados, organizados e hierarquizados por diferentes grupos sociais.

Palavra-Chave: territorialidades, hierarquias, torcidas organizadas, ordenamento espacial.

LAGE SILVA, Natália Morena. Territorialidades e Hierarquias em Torcidas Organizadas do Sport Club Corinthians Paulista. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

Abstract

This dissertation addresses the territorialities related to organized football fan groups in Brazil, grounded in power hierarchies. It is structured in two parts: one theoretical and the other empirical. The first part presents a literature review that underpins the entire work, providing historical context for the emergence of football and the rise of fan culture, seeking to understand the origin and formation of organized fan groups in Brazil, as well as the establishment of hierarchies and power relations within these groups. This is followed by an analysis of the territorialities of fans in football stadiums. The second part presents an investigation aimed at analyzing the power of organized fan groups and their influence in the stands of football stadiums, utilizing the concept of territoriality to understand the spatial behavior of the organized fan groups of Sport Club Corinthians Paulista. For this purpose, the most significant organized fan groups of Sport Club Corinthians Paulista were selected, considering their historical context of emergence, number of members, sociopolitical influence over the club, and spatial representation in the stands. The methodology adopted was a case study strategy, seeking to investigate the existence of hierarchical power as a premise for the actions, representations, and spatial organization within the organized fan groups of Sport Club Corinthians Paulista. In this context, semi-structured interviews were conducted with leaders of the respective organized fan groups. The main conclusions of this research are as follows: I) Corinthians' organized fan groups seek to demarcate territories of control and influence in football stadiums across Brazil; II) Symbolic power (banners, flags, chants, and rituals of the fans) is displayed and chanted in the stands, following a defined, applied, and followed hierarchical order by the fans and their members; III) A consolidated hierarchy is observed within football stadiums, according to criteria conceived and agreed upon by the organized fan groups; IV) Territorial delineation occurs within the stadiums, following a hierarchical directive implemented by the hegemonic organized fan groups. Based on the results of this study, it is understood that knowledge of the internal dynamics of these fan groups and their territorial demarcation strategies is essential for the development of effective public policies aimed at maintaining order and safety at sporting events. Moreover, this study significantly contributes to the field of Geography by providing a detailed investigation of urban territorialities in a specific context, such as football stadiums, highlighting how urban spaces can be appropriated, organized, and hierarchized by different social groups.

Keywords: territorialities, hierarchies, organised supporters' group, spatial planning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do estádio Pacaembu	97
Figura 2 – Torcidas hegemônicas no estádio Pacaembu	97
Figura 3 – Registro da partida Corinthians x Corinthians em 10 de maio de 2014	100
Figura 4 – Mapa da Neo Química Arena	101
Figura 5 – Distribuição das torcidas hegemônicas no setor Norte da Neo Química Arena	102
Figura 6 – Distribuição das torcidas hegemônicas no setor Norte da Neo Química Arena	103
Figura 7 – Distribuição das torcidas hegemônicas na Fonte Luminosa	104
Figura 8 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2022	105
Figura 9 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2023	105
Figura 10 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2024	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação dos sujeitos do estudo	18
Tabela 2 – Dimensões e objetivos constantes no guião de entrevista	21
Tabela 3 – Invasões Corinthianas	38

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Distribuição geográfica das torcidas organizadas corinthianas entrevistadas	19
Mapa 2 – Distribuição das subsedes e pontos de encontro das torcidas hegemônicas do Corinthians no Estado de São Paulo.....	111
Mapa 3 – Distribuição das subsedes e pontos de encontro das torcidas hegemônicas do Corinthians no Brasil (exceto no Estado de São Paulo)	113

APÊNDICES

Apêndice 1 – Guião de entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa entre 2023 e 2024	135
Apêndice 2 – Aprovação pelo Comitê de Ética da UNEB	139
Apêndice 3 – Carta-convite para participação na pesquisa	149
Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O SURGIMENTO DO FUTEBOL E A ASCENSÃO DA CULTURA TORCEDORA	25
1.1. O futebol como fenômeno socioespacial.....	25
1.2. A inserção do Brasil: “O país do futebol”	28
1.2.1. É o time do povo, é o Coringão!.....	35
1.2.2. O futebol e suas implicações na configuração dos espaços.....	39
1.3. Formas de torcer: Da prática à cultura torcedora	42
1.4. Dinâmicas torcedoras: A formação das torcidas organizadas brasileiras.....	46
1.5. Instrumentos de legitimação jurídico-social em torcidas organizadas	55
2. AS RELAÇÕES DE PODER E AS HIERARQUIAS NAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA.....	61
2.1. Relações de poder: Hierarquia, dominação, disciplina, imposição e legitimidade.	61
2.2. Hierarquia de torcidas como fato social, expressão de poder e representação	73
2.3. Hierarquias em torcidas organizadas corinthianas	82
3. TERRITORIALIDADES TORCEDORAS	90
3.1. Territórios e territorialidades	90
3.2. As arquibancadas como territórios do torcer	94
3.3. Territorialidades hierárquicas: as redes e multiterritorialidades.....	107
3.4. A produção do estádio e o direito à arquibancada.....	114
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
Referências	126
Apêndice	134

INTRODUÇÃO

*“Domingo, eu vou lá no Itaquerão, vou ver o jogo do Timão.
Vou levar foguetes e bandeiras, não vai ser de brincadeira, ele vai ser campeão.
O que não quero é cadeira numerada,
eu vou de arquibancada pra sentir mais emoção!”*

Parte de cântico entoado na arquibancada do setor Norte da Neo Química Arena (Itaquera) por torcidas organizadas do Corinthians em 15 de novembro de 2017.

O futebol é um dos esportes mais populares entre os brasileiros. No entanto, esse esporte surge no país através das elites e a sua difusão pelo território brasileiro ocorreu de modo complexo, hierárquico e implicando em transformações nas configurações sociais já existentes, promovendo, para além da atividade esportiva, a criação de espaços de socialização. A sua expansão, se dá de forma gradativa, no final do século XIX e início do século XX, ao mesmo tempo em que se tornou um fenômeno social que atravessou barreiras de classe e permitiu que pessoas de diferentes origens e localidades pudessem participar e se envolver no esporte, contribuindo para sua popularização e consolidação como parte integrante da cultura brasileira. Ou seja, o futebol saiu dos clubes criados pela elite brasileira e estendeu-se para as ruas e terrenos baldios (Couceiro, 2003).

O processo de urbanização das capitais ocorrido no início do século XX no Brasil, levou ao aumento da concentração de pessoas nas cidades e com isso surgiram mais espaços de lazer e entretenimento, incluindo campos de futebol, que passaram a ser frequentados por diferentes grupos sociais (Silva, 2013). Aos poucos, o futebol foi se popularizando e gerando em quem o acompanhava, um forte sentimento de pertença e identificação com times locais. Esse sentimento unificador em torno de um time, acabou por criar as torcidas voluntárias que se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos (Correia Sobrinho, 1997).

Com o passar do tempo, as torcidas foram crescendo e se consolidando, tornando-se um elemento essencial do contexto futebolístico. Entretanto, foi na década de 40, que surgiram as primeiras torcidas organizadas no Brasil, inspiradas nas torcidas organizadas da Inglaterra e de outras partes do mundo, em que torcedores se uniam em grupos, trajados com as cores e símbolos dos seus clubes favoritos (Toledo, 1996).

A identidade e o sentimento de coletividade em relação ao clube de futebol pelos seus torcedores passaram a não se limitar apenas ao momento dos jogos e as torcidas organizadas já não eram só um grupo de apoio dos seus times, mas, sim, elemento

fundamental de rivalidade entre as equipes que disputavam as partidas, gerando confronto nos espaços coletivos de torcer e demarcando-os através de seus símbolos. A necessidade de espaços adequados para a prática do jogo levou a construção dos estádios de futebol pelo Brasil e conseqüentemente ao crescimento do público torcedor nas arquibancadas, trazendo uma nova dinâmica de ocupação socioespacial.

Com a popularização do futebol, esses grupos torcedores foram se estruturando, tornando-se mais organizados e criaram identidades próprias, com símbolos, bandeiras, faixas e cantos característicos. As torcidas organizadas, associadas a um clube específico, têm um setor reservado nos estádios que foi criado como mecanismo de controle, de modo a garantir a segurança dentro dos estádios, buscando evitar o confronto de algumas torcidas, sejam elas rivais ou pertencentes ao mesmo clube (Toledo, 1996).

O confronto nas arquibancadas está relacionado aos espaços delimitados que tendem a ser impenetráveis por torcidas rivais, no entanto, com o surgimento de torcidas organizadas diversas de um mesmo clube, constituídas através de processos sociais, políticos e culturais contraditórios, as tensões se tornam latentes no seio da paixão que envolve o torcer por um clube, outrora, movidos por um mesmo ideal, as torcidas organizadas seguem apropriando, ressignificando e disputando os espaços de visibilidade das arquibancadas.

As disputas dos espaços nas arquibancadas dos estádios de futebol entre torcidas organizadas, sejam adversárias ou dissidentes, suscitaram meu interesse como geógrafa e apreciadora do esporte. É nesse contexto que essa pesquisa se insere (justifica), ao buscar compreender como o poder é exercido por essas torcidas, como sua influência e hierarquia são estabelecidas, conformando territórios do torcer.

Embora o tema futebol ainda seja pouco debatido nos trabalhos acadêmicos, há um crescente interesse de estudiosos como Toledo (1996), Mascarenhas (2001), Holanda (2010) que dedicaram esforços para compreensão deste fenômeno sociocultural. Entretanto, a análise no contexto da geografia, mais especificamente nos aspectos significativos do processo de disputas por espaço e estabelecimento de territorialidades (território como relação espaço-poder), perspectiva inerente à ciência geográfica, ainda carecem de estudos aprofundados, ensejando com isso, campo para um trabalho de pesquisa. Essa é a finalidade dessa pesquisa.

A definição e formulação correta do problema a ser estudado são tarefas complexas e demoradas. De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), o investigador

deve rapidamente escolher um fio condutor para que seu trabalho possa iniciar sem demora e se estruturar de maneira coerente. Os autores também destacam que a questão inicial deve ser clara (precisa, concisa e inequívoca) e pertinente (uma verdadeira pergunta com o objetivo de compreender o fenômeno estudado). Nesse entendimento buscamos compreender o cenário em que se desdobram as ações torcedoras e as disputas de espaço-poder, e que possibilitaram a emergência de questões como abaixo apresentadas:

- Como ocorrem as relações de poder entre as torcidas organizadas e quais suas influências nas arquibancadas dos estádios de futebol?
- Como se estabelecem as relações de poder a partir das dinâmicas hierárquicas em torcidas organizadas corinthianas?
- Como se conformam as territorialidades hierárquicas em torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas?

Todas essas questões acabaram por motivar esse trabalho de pesquisa, que se propõe a analisar as relações de poder e territorialidades em torcidas organizadas corinthianas e suas influências nas arquibancadas dos estádios de futebol, que carecem de um estudo mais aprofundado no âmbito da Geografia.

Como objetivo geral estabelecemos: analisar o poder das torcidas organizadas e suas influências nas arquibancadas dos estádios de futebol, acionando o conceito de territorialidade para compreender o comportamento espacial das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista. Sendo a territorialidade uma flagrante relação espaço-poder (Raffestin, 1983; Souza, 1995; Haesbaert, 2004a; Coelho Neto, 2013a), em que os grupos sociais (as torcidas organizadas, em nosso caso) estabelecem relações entre si e com o espaço, o poder se torna um componente (e uma categoria) fundamental para lançar luz ao fenômeno investigado. Orientados por esta perspectiva, foram estabelecidos, em termos secundários, os seguintes objetivos específicos:

- Investigar o contexto histórico de formação das torcidas organizadas no Brasil e no mundo, em especial das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista.
- Analisar os documentos legais e fatores que legitimam, juridicamente ou socialmente, as torcidas organizadas.
- Investigar como se estabelecem as relações de poder a partir das dinâmicas hierárquicas em torcidas organizadas corinthianas.

- Compreender a conformação das territorialidades hierárquicas em torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas.

Para prosseguir e cumprir com os objetivos acima propostos, delineamos uma investigação baseada no estudo de caso como método de pesquisa, que passaremos a apresentar. De acordo com os estudos de Yin (2010), a utilização da estratégia de estudo de caso ocorre preferencialmente quando as questões de pesquisa “como” ou “porque” são propostas, quando o investigador tem pouco controle sobre os eventos ou quando o enfoque está sobre um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real.

Assim, na nossa investigação empírica, o estudo de caso afigurou-se como a uma opção metodológica possível, pois se concentra na investigação de um ou mais casos específicos, e nos orienta nesta interpretação de significados. De acordo com Yin (2010, p. 73), "o estudo de caso único pode envolver mais do que uma unidade de análise." Isso se aplica quando, dentro de um único caso, a atenção é também direcionada a uma ou mais sub-unidades. Em nosso estudo, adotamos essa abordagem metodológica ao considerar a torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista como a unidade principal de análise. As torcidas organizadas relativas ao clube são tratadas como sub-unidades integradas. Essa estrutura nos permite explorar de forma abrangente as dinâmicas internas e as interações entre as torcidas, proporcionando uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado. A estratégia de estudo de caso é uma ferramenta valiosa para a pesquisa qualitativa, permitindo uma investigação contextualizada e para isso o pesquisador deve aprofundar-se na revisão bibliográfica e nas múltiplas fontes de evidências, como entrevista, documentos, observação, registros históricos, a fim de obter uma visão completa e minuciosa do caso em questão (Yin, 2010).

Conforme Amado (2009), o estudo de caso possui duas características essenciais: primeiro, ele examina o objeto de estudo dentro de um contexto específico, que pode ser social, cultural, espacial ou de outra natureza. Segundo, o objetivo é compreender e explicar as particularidades desse contexto.

No âmbito da investigação qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) identificam cinco características essenciais que o investigador deve levar em consideração:

- O ambiente é a principal fonte de dados e o investigador é o instrumento central da pesquisa.
- Essa abordagem é descritiva, focando em palavras e imagens em vez de números.
- A ênfase está no processo investigativo tanto quanto nos resultados.

- Os dados são analisados de forma indutiva, em vez de confirmarem hipóteses pré-estabelecidas.
- A investigação qualitativa valoriza os significados atribuídos pelos participantes aos seus contextos e experiências, focando-se em como as interpretam e as apresentam.

Assim, podemos afirmar que “os investigadores qualitativos desenvolvem estratégias e procedimentos que consideram as experiências do ponto de vista dos informantes. O processo de condução da investigação qualitativa envolve um diálogo entre os investigadores e os sujeitos, sendo que estes últimos não são abordados de maneira neutra” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 47).

Paralelo a isso, a Geografia enquanto ciência humana nos oferece instrumentos fundamentais para a compreensão dos fenômenos sociais, ao nos permitir, por meio das categorias geográficas, analisar de forma mais profunda as implicações dos/nos espaços em todas as suas dimensões.

Com este desenho de investigação foi possível perceber as particularidades dos contextos socioculturais, econômicos e históricos podem, eventualmente, influenciar a interpretação que os participantes fazem das torcidas ou movimentos torcedores que dirigem e de que modo podem condicionar a tomada de decisões no ordenamento e na configuração das arquibancadas dos estádios de futebol. Tornou-se possível, assim, averiguar divergências ou semelhanças entre os procedimentos adotados pelas diferentes torcidas que estabelecem relações de poder entre si a partir das dinâmicas hierárquicas.

Sendo o Sport Club Corinthians Paulista um dos maiores times de futebol do Brasil, é esperado que sua torcida seja ampla e diversificada, ultrapassando os limites do estado de São Paulo. Considerando o contexto macro deste estudo, restringimos nossa análise às dez torcidas designadas abaixo.

Como foi proposto investigar as relações hierárquicas entre as torcidas e como este aspecto resulta em territorialidades, diversas torcidas foram selecionadas. São participantes deste estudo as torcidas do Sport Club Corinthians Paulista, mais especificamente as torcidas: Estopim da Fiel (SP), Fiel Belo Horizonte (MG), Fiel CE (CE), Fiel João Pessoa (PB), Fiel Manaus (AM), Fiel Piauí (PI), Fiel Salvador Torcida (BA), Gaviões da Fiel Torcida (SP), Torcida Clube Desportivo Pavilhão 9 (SP), Torcida Jovem Camisa 12 (SP), todas representadas por seus dirigentes (presidentes, vice-presidentes ou ex-presidentes), inclusive podendo ser entrevistado mais de um representante oficial por torcida.

Para a escolha das torcidas foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Histórico de surgimento: considerando data e local de fundação, evolução ao longo do tempo (infraestrutura, gestão);
- Número de associados (representatividade): crescimento ao longo dos anos, benefícios aos associados;
- Representação nas arquibancadas em jogos do clube: presença nos estádios, engajamento da torcida;
- Acessibilidade privilegiada onde tínhamos contatos, que nos permitiu uma entrada mais livre, um maior acolhimento e sensibilidade à dinâmica investigativa.

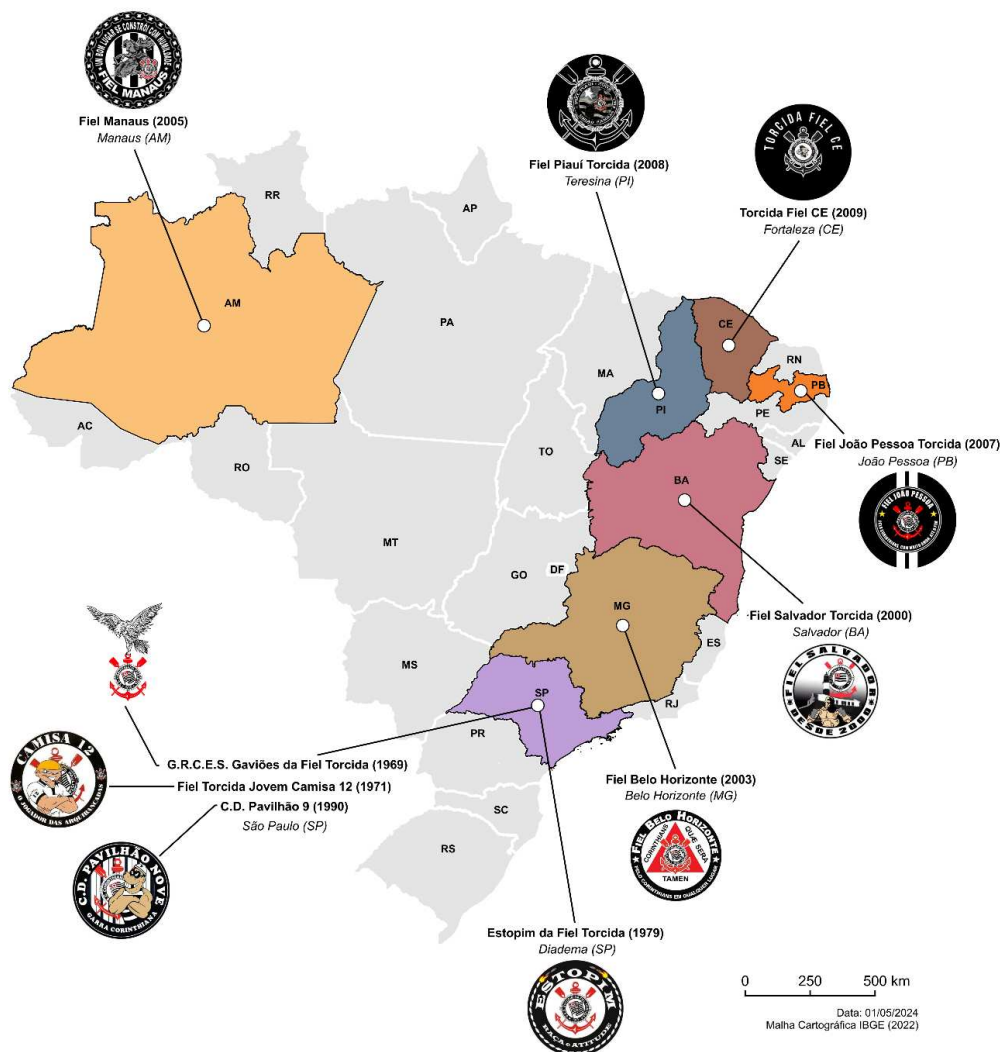
Para sistematizar melhor as informações, dividimos as torcidas em dois grupos (Tabela 1), baseando-nos nos critérios mencionados acima e na expressividade dessas torcidas no cenário estudado. Consideramos torcidas hegemônicas aquelas que possuem maior tempo de existência, ampla representatividade e forte presença nos estádios, independentemente de estarem alocadas no Estado de São Paulo ou em outras regiões do Brasil. Torcidas não-hegemônicas são aquelas que, apesar de serem significativas, têm menor tempo de existência, menor representatividade ou representação mais restrita nos estádios.

Torcidas hegemônicas	Torcidas não-hegemônicas
Camisa 12	Fiel BH
Estopim da Fiel	Fiel CE
Gaviões da Fiel	Fiel João Pessoa
Pavilhão 9	Fiel Manaus
	Fiel Piauí
	Fiel Salvador

Tabela 1 – Classificação dos sujeitos do estudo
Elaboração da autora (2024)

Para melhor ilustrar a distribuição espacial, o ano de fundação e a atuação das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, especificamente as torcidas Estopim da Fiel (SP), Fiel Belo Horizonte (MG), Fiel CE (CE), Fiel João Pessoa (PB), Fiel Manaus (AM), Fiel Piauí (PI), Fiel Salvador Torcida (BA) e Gaviões da Fiel Torcida (SP), Torcida Clube Desportivo Pavilhão 9 (SP), Torcida Jovem Camisa 12 (SP),

elaboramos um mapa detalhado que apresenta essas informações O Mapa 1 permite situar a presença e a influência dessas torcidas em várias regiões do Brasil, destacando suas respectivas localizações e datas de fundação.



Mapa 1 – Distribuição geográfica das torcidas organizadas corinthianas entrevistadas
 Elaboração da autora (2024)

Neste estudo, utilizamos duas principais técnicas de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas (Apêndice 1) e análise documental. As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas por permitirem flexibilidade nas perguntas, permitindo que os entrevistados desenvolvessem o tema conforme suas perspectivas, destacando o que considerassem mais relevante (Amado, 2009). A análise documental incluiu a consulta a documentos de torcidas organizadas, como estatutos, atas e relatórios de atividades. Vieira (2011) explica que essa técnica não envolve interação direta com os participantes,

mas permite ao pesquisador traçar uma linha condutora nos dados coletados, reconstruindo acontecimentos e atribuindo-lhes significados. Esses dados podem ser tratados isoladamente ou combinados com informações de outras fontes, como entrevistas, o que adotamos neste estudo.

Além de documentos das torcidas, recorreremos à legislação brasileira, atas e normativos de clubes e confederações nacionais e internacionais, alguns acessíveis em websites oficiais. Essas diversas abordagens nos ajudaram a construir instrumentos de coleta de dados confiáveis e alinhados aos objetivos do estudo. Obtivemos autorização para acessar documentos das torcidas na primeira entrevista com seus dirigentes, o que foi essencial para caracterizar as torcidas e entender sua influência no contexto em que estão inseridas.

Bogdan e Biklen (1994, p. 134) afirmam que “em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas como a estratégia dominante para a coleta de dados ou em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas”. Sendo assim, as entrevistas semiestruturadas, planejadas com base no referencial teórico e na análise documental, seguiram uma ordem lógica e prática para obter o máximo de informações e expressões dos participantes (Amado, 2014).

Para tanto, construímos um roteiro baseado em Amado (2014), contendo seis dimensões e objetivos específicos para estruturar as entrevistas, alinhando-as aos objetivos do estudo. Essas dimensões são as que em seguida passaremos a descrever na Tabela 2:

Dimensões	Objetivos
Identificação do entrevistado	Apresentar a relevância do estudo ao entrevistado e estabelecer um ambiente propício a entrevista.
Perfil e motivações da torcida	Obter dados acerca do histórico de surgimento das torcidas participantes desse estudo, localização, propósitos, principais motivações para torcer pelo time.
Legitimação jurídica e/ou social	Captar informações acerca da formalização jurídica das torcidas junto ao clube. Objetivou-se ainda conhecer os documentos que formalizam juridicamente e socialmente as torcidas organizadas e quais são os benefícios obtidos a partir dessa legitimação.
Hierarquias	Identificar os pressupostos de hierarquias nas arquibancadas, compreendendo-as como fato social e forma de representação. Além disso,

	buscamos apreender como se estabelecem as relações de poder entre torcidas do mesmo time.
Territorialidades	Compreender como ocorre a dominação geográfica dos espaços nas arquibancadas pelas torcidas e como os espaços para a representação torcedora são delimitados nas arquibancadas.
Agradecimentos e finalização	Agradecer a participação e disponibilidade do entrevistado.

Tabela 2 – Dimensões e objetivos constantes no guião de entrevista
Elaboração da autora (2024)

Durante as entrevistas com os dirigentes, utilizamos a técnica de explicitação (Vermersch, 2019). Isso nos permitiu coletar informações por meio de um discurso espontâneo, onde os entrevistados se sentissem à vontade para falar, respeitando seu fluxo de raciocínio e seus silêncios. Também permitiu a adição de perguntas e a alteração de sua ordem conforme necessário. Assim, as entrevistas acabaram sendo modificadas em relação ao roteiro original, pois, à medida que surgiam informações valiosas, foi necessário clarificar certos aspectos e acrescentar novas perguntas além das previamente estabelecidas. Desse modo, das 22 perguntas iniciais foram acrescentadas mais 15, totalizando 37. As entrevistas só foram marcadas e realizadas após a submissão e aprovação do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da UNEB (Apêndice 2).

Posteriormente, estabelecemos contatos com as torcidas organizadas, a fim de agendarmos as entrevistas com seus respectivos representantes. Os contatos de e-mail e WhatsApp dos dirigentes foram obtidos por meio de ligações telefônicas e visitas pessoais às sedes das torcidas. Foram contactadas 16 torcidas organizadas, entretanto, só 10 responderam ao nosso contato demonstrando interesse em participar no estudo. Em seguida, foram enviadas por e-mail a carta convite (Apêndice 3) para o agendamento do dia e hora para cada entrevista. Neste primeiro contato foram apresentados os objetivos do trabalho.

Com o consentimento informado e devidamente assinado pelo dirigente da torcida participante, e depois de solicitarmos a devida autorização (Apêndice 4), recorreremos à gravação das entrevistas, tendo lembrado ao participante, antes do início da gravação, quais eram os objetivos das entrevistas, assegurando a confidencialidade da informação recolhida.

As entrevistas decorreram no período de 04 de junho de 2023 a 31 de maio de 2024, presencialmente e on-line, foram individualizadas, gravadas em áudio e vídeo, para

os fins específicos dessa pesquisa, onde ficarão devidamente armazenados no Repositório Virtual da Universidade do Estado da Bahia pelo período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora. Após este período, os dados serão destruídos, respeitando as questões éticas de sigilo, confidencialidade e anonimato. As entrevistas com os dirigentes duraram em média 1 hora. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente em 2024. De modo a facilitar o entendimento e a preservar o sigilo dos participantes atribuímos um código de identificação, sendo classificados aleatoriamente em torcida (A até D) entre as hegemônicas e em torcida (1 até 6) entre as não-hegemônicas.

Quanto aos dados recolhidos das entrevistas, seguindo Bardin (2018), procedi à sua transcrição e posteriormente leitura exploratória realizando um levantamento pormenorizado utilizando técnicas de análise do conteúdo.

Segundo Almeida e Freire (2003, p. 197),

[...] o passo final em uma investigação envolve a análise dos dados coletados por meio da observação ou avaliação realizada. Esse tratamento de dados, seja qualitativo, quantitativo ou ambos, permite ao pesquisador tirar conclusões de seu estudo sobre um indivíduo, grupo, situação ou instituição.

Para atender às normas dos estudos qualitativos, procuramos realizar uma análise de conteúdo que fosse imparcial e organizada em categorias. Inicialmente, fizemos uma leitura das entrevistas e da documentação coletada. Em seguida, passamos para a descrição e análise dessas informações, considerando a problemática do trabalho. Por fim, buscamos tirar conclusões dessa análise. Essas etapas correspondem às três fases da análise de conteúdo descritas por Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na busca por sintetizar as informações coletadas, procedemos à sua interpretação com o objetivo de compreender e refletir sobre o fenômeno estudado. Estabelecemos conexões com a revisão da literatura que realizamos. Para garantir clareza e respeitando o princípio do literalismo, incluímos excertos das entrevistas ao longo dos capítulos sempre que necessário, de modo a ilustrar nossas observações.

Vários são os princípios éticos que devem se ter em consideração ao realizar uma pesquisa de cariz qualitativo. Segundo Vieira (2011), em uma investigação desse tipo, enfrentamos duas questões éticas distintas. A primeira diz respeito ao contato entre o

investigador e os participantes do estudo. A segunda envolve diversos aspectos, como o problema de plágio, a propriedade intelectual e a possível manipulação de dados.

Nesse estudo muito cuidados éticos foram tomados, de modo a não prejudicar os participantes. Tratando-se de torcidas organizadas e da rivalidade que cerca esse contexto foi necessário acautelarmos alguns princípios defendidos por Vieira (2011, p. 63), quando exemplifica as razões que fundamentam as questões éticas nos estudos qualitativos:

- ⇒ Porque a investigação realizada pode fazer mal às pessoas envolvidas;
- ⇒ Porque a prioridade deve ser colocada no bem-estar de quem é estudado;
- ⇒ Porque no decurso de uma investigação os participantes nunca deverão correr riscos superiores àqueles que correriam no seu dia a dia;
- ⇒ Porque a importância da questão de investigação deve ser relativizada;
- ⇒ Porque não devem ser usadas estratégias de investigação camufladas;
- ⇒ Porque os participantes envolvidos devem ser totalmente esclarecidos das intenções do investigador e dos propósitos da investigação;
- ⇒ Porque as pessoas envolvidas deverão dar a sua anuência através de um consentimento informado;
- ⇒ Porque se algo tiver de ser ‘sacrificado’, então sacrifica-se a investigação e nunca as pessoas;
- ⇒ Porque o investigador costuma ser um ‘instrumento vivo’ de recolha de dados, e em algumas pesquisas participa na vida das pessoas que estuda;
- ⇒ Porque a investigação deverá ser conduzida tendo em mente que os seus resultados deverão contribuir de alguma forma para a melhoria da vida das pessoas envolvidas”.

Percebe-se claramente que um dos princípios fundamentais defendidos por Vieira (2011), é assegurar que o estudo não cause nenhum tipo de dano aos participantes. E nesse sentido, "o investigador deve considerar se os indivíduos envolvidos podem sofrer prejuízos, incluindo os de ordem psicológica, em decorrência de sua participação na pesquisa" (Almeida; Freire, 2003, p. 216). Também é essencial respeitar os valores e interesses das pessoas estudadas, garantindo que estas sejam protegidas contra quaisquer possíveis danos resultantes da investigação (Vieira, 2011).

Com base nesses princípios éticos, realizamos as entrevistas aos dirigentes das torcidas mas, optamos por não divulgar alguns nomes por não ser relevante a pesquisa

científica. Buscamos, assim, garantir que os dados apresentados sejam o mais fidedignos possível e reflitam fielmente o que foi dito nas entrevistas.

1. O SURGIMENTO DO FUTEBOL E A ASCENSÃO DA CULTURA TORCEDORA

Nesse capítulo buscamos apresentar o contexto histórico de surgimento do futebol e a formação das torcidas organizadas no Brasil e no mundo. As subseções deste tópico são: 1.1. O futebol como fenômeno socioespacial; 1.2. A inserção do Brasil: “O país do futebol”; 1.3. Formas de torcer: Da prática à cultura torcedora; 1.4. Dinâmicas torcedoras: A formação das torcidas organizadas brasileiras; 1.5. Instrumentos de legitimação jurídico-social em torcidas organizadas. Ao longo dessas subseções, apresentaremos a evolução da prática esportiva e torcedora, discutindo como o futebol e sua cultura torcedora se tornaram partes importantes da identidade social e coletiva, apresentando uma visão crítica sobre a relação entre clubes de futebol e torcidas organizadas que levaram à utilização de instrumentos de legitimação jurídico-social por ambas as partes para que possam fazer valer seus interesses, na maior parte das vezes, conflitantes.

1.1. O futebol como fenômeno socioespacial

Lourenço Júnior (2007), assegura que o futebol é considerado o esporte mais popular do planeta, suas práticas antecessoras estão espalhadas por diversos continentes, cada uma com suas características próprias e peculiaridades. De acordo com alguns historiadores, o esporte é o resultado de uma evolução de diferentes jogos com bola e que culminou com o que atualmente conhecemos e consideramos futebol. Segundo Collins (2005), o futebol, em suas diferentes formas, foi jogado e apreciado por diferentes culturas ao longo dos séculos e a diversidade de práticas esportivas com bola em várias civilizações antigas, revelam como essas atividades foram a base para o desenvolvimento do futebol na atualidade.

Ainda segundo o autor, civilizações antigas como China, Grécia e Roma já praticavam jogos com bolas e as evidências desses fatos estão nas fontes escritas, como registros históricos, artefactos arqueológicos e outros vestígios que revelam a presença e a natureza desses jogos em diferentes culturas. Ao abordar a China antiga, Collins (2005), explora os registros históricos que mencionam o jogo de "cuju", como uma atividade esportiva que envolvia chutar uma bola de couro através de um orifício em uma rede, datada do século III a.C. O autor recorreu a pinturas e artefatos arqueológicos que retratam essa prática esportiva, a fim de obter mais informações sobre suas características e importância cultural.

De acordo com Murad (2012), a prática tinha muito pouco ou quase nada a ver com um jogo esportivo, afinal representava um ritual de guerra, pois após os combates, a tribo vencedora jogava um 'futebol' cujas 'bolas' eram sete cabeças dos derrotados: a do chefe e mais seis dos melhores guerreiros inimigos, os mais valentes e habilidosos.

No Japão, a prática do *kemari* acontece desde 644 d.C. difundido pelo imperador Tenji, envolvendo uma bola feita com fibras de bambu que era tocada com as mãos e com pés, entretanto, seu objetivo principal era não deixar a bola cair no chão.

Outros esportes semelhantes foram praticados por civilizações antigas da África e da América Central.

No antigo Egito, há registros, datados de aproximadamente 1.000 a.C., de desenhos em pedras, em túmulos de faraós, que mostram o jogo, no qual um objeto esférico era chutado com os pés. Neste mesmo período, por volta de 900 a.C., em outro continente, nas Américas, no local que hoje é México, ou especificamente na Península de Yucatán, os maias praticavam um jogo disputado com crânios humanos, servindo como bola (Klein, 1999, *apud* Pereira, 2003, p. 26).

Os países europeus também tiveram forte contribuição nos primeiros passos do que hoje conhecemos como futebol. Em relação à Grécia e Roma na Antiguidade, Collins (2005), analisou diversas fontes literárias clássicas, como os escritos de Aristóteles, Homero ou Plínio, que fazem referências a jogos com bola praticados na época. Além disso, ele analisou relevos e pinturas encontrados em sítios arqueológicos que retratam cenas esportivas com bola, fornecendo pistas sobre as regras, objetivos e significado desses jogos na sociedade antiga. Pereira (2003) sugere que na Grécia, o berço dos jogos em Olímpia, iniciados em 776 a.C, que mais tarde se tornariam os Jogos Olímpicos, o *epyskiros* se mostra um antecessor do futebol.

Em seu livro “*A história do esporte*”, Duarte (2004) explica que o esporte era jogado com uma bola confeccionada a partir de uma bexiga de boi, recoberta com uma capa de couro. Embora os detalhes desse jogo tenham se perdido ao longo do tempo, sabe-se que sua prática foi adotada no Império Romano, ficando conhecido como *harpastum*.

Há referências de competições disputadas por divisões da guarda romana, esses teriam sido os primeiros torneios do futebol primitivo. Uma partida de *harpastum* poderia durar várias horas consecutivas, até que uma equipe atingisse a pontuação pré-definida. Entre os jogos considerados como precursores do futebol, o *harpastum* foi o primeiro que definia uma espécie de estruturação tática (Enciclopédia Mirador Universal, 1987, p. 22).

Como explica Proni (2000), já no século XVI, com o Renascimento, surgiu em Florença, na Itália, uma competição batizada *calcio fiorentino*, a qual muitos atribuem como a primeira versão do futebol moderno.

Ainda de acordo com Proni (2000), após passar por transformações significativas tanto no Ocidente quanto no Oriente, devido aos diferentes modos de vida das civilizações durante o período histórico, as práticas precursoras do futebol passaram a ser praticadas de maneira incisiva no século XVII, o que promoveu a disseminação do esporte.

Elias e Dunning (1992) explicam que, embora a prática de jogos de bola com os pés remonte há centenas de anos, o futebol clássico, como é conhecido e praticado atualmente, tem como marco a segunda metade do século XIX na Inglaterra. A sua história pode ser interpretada como um fenômeno que integrou um processo civilizador mais amplo da humanidade, em que a Football Association representou um marco devido à institucionalização de regras e normas para controlar ou eliminar a violência extrema – mudanças possíveis porque a sociedade inglesa teria igualmente se civilizado.

Mas o futebol do qual falamos - essa atividade recreativa racionalmente organizada, desvinculada do calendário de festas civis ou religiosas, com manual de regras e intermediação de árbitros para inibir a violência e a trapaça, e com campeonatos regidos por uma associação esportiva - surgiu somente em meados do século XIX na Inglaterra (Proni, 2000, p. 133).

O futebol foi disseminado primeiramente pela Europa, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879, à Alemanha em 1889 e à Itália em 1893. A Federação Internacional de Futebol, a FIFA, surge em 1904, regulamentando o esporte como uma prática de visibilidade e projeção mundial. Dessa forma, o futebol expandiu seus horizontes, tornando-se palco para grandes competições disputadas por diversos países, com campeonatos locais, regionais, nacionais e internacionais. O esporte deixou de ser apenas diversão popular para adentrar na indústria do entretenimento profissional, com formação de clubes, presença de atletas muito bem treinados e pagos, alta cobertura midiática e público torcedor apaixonado (Collins, 2018).

Nas últimas três décadas, mais intensamente, o esporte tem ganhado mais destaque, inclusive em países onde outras modalidades esportivas eram predominantes. Isso se deve ao fato, de ser um esporte de regras simples, que envolve paixão e emoção, amplamente difundido nas mídias e inserido veementemente na economia global, movimentando um mercado bilionário. Souza (2014) considera importante salientar que a indústria cultural do futebol não se limita a um país, pois se revela internacionalmente,

sendo os megaeventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, exemplos emblemáticos. O futebol se apresenta na atualidade como um fenômeno de concentração de capital e consequentemente de poder.

1.2. A inserção do Brasil: “O país do futebol”

Como salientamos acima, o futebol ao longo da sua história foi se espalhando pelo mundo e logo chegou ao Brasil, assim, a inserção do país está diretamente relacionado à história da chegada e influência dos britânicos no Brasil no século XIX. Embora os registros históricos sobre os primeiros jogos de futebol no Brasil sejam imprecisos, sabe-se que o esporte foi introduzido por marinheiros e mercadores britânicos que frequentavam os portos brasileiros a partir da década de 1860 (Wisnik, 2008).

Acredita-se que a primeira partida de futebol realizada em solo brasileiro tenha ocorrido em 14 de abril de 1895, na cidade de São Paulo, entre funcionários de empresas inglesas. O jogo foi organizado por Charles Miller, um brasileiro de ascendência britânica que estudou na Inglaterra e trouxe consigo a paixão pelo futebol, além de bolas e regras do jogo e difundiu-os entre os “jovens de boa família”.

Miller é considerado uma figura fundamental no desenvolvimento inicial do futebol no Brasil, enquanto divulgador do esporte e criador de clubes para a prática futebolística e seu pioneirismo reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando outros a praticá-lo também (Santos Neto, 2002). Nascido em São Paulo, filho de um pai escocês que veio a trabalho e uma mãe brasileira, Charles Miller foi estudar na Inglaterra aos dez anos, onde aprendeu a jogar futebol, se tornando um grande entusiasta do desporto. Em seu retorno ao Brasil, em 1894, Miller trouxe para além das bolas e do livro de regras, um par de chuteiras e uniformes.

Alguns historiadores contestam o pioneirismo de Miller enquanto precursor do futebol no Brasil, afirmando que o esporte já era praticado de modo recreativo desde 1870, por parte de marinheiros de navios britânicos, franceses e holandeses que atracavam no porto do Rio de Janeiro, antes mesmo da chegada de Miller (Giulianotti, 2002). De acordo com o geógrafo Mascarenhas (2001), a propagação do futebol no território brasileiro possuiu diversas rotas e agentes, sendo extremamente redutor colocar o protagonismo em uma única pessoa. Segundo o autor, a disseminação do futebol encontra uma associação direta com o período do imperialismo britânico e sua esfera de influência em diferentes escalas e regiões. A propagação da prática futebolística, possivelmente,

ocorreu através de uma variedade de agentes, incluindo operários, educadores das instituições de ensino inglesas, tripulações dos navios britânicos, jovens graduados de universidades europeias e missionários do continente europeu. Estes desempenharam um papel fundamental na propagação do futebol por várias cidades brasileiras, tais como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belém, quase simultaneamente.

Um ambiente cosmopolita e industrial, aliado a um desejo de modernidade foram ingredientes fundamentais para que o futebol germinasse velozmente em São Paulo, ao contrário de Belém do Pará, a despeito da intensa conexão dessa cidade com a Inglaterra, enquanto porto exportador da borracha (Mascarenhas, 2014, p. 68)

O futebol era um esporte que estava aliado ao novo, à atualidade, enquanto a influência econômica e cultural inglesa no mundo impetrava os ideais civilizatórios da época. Nesse sentido, a elite brasileira buscava ajustar-se aos costumes ditados pela Europa adotando, dessa forma, os esportes ingleses nos seus hábitos.

Couceiro (2003, p. 130) aponta que “introduzido no país como um jogo de elite, o futebol era frequentado no início do século no Recife por uma assistência de famílias elegantes, que se deslocavam para os campos em automóveis e usavam toaletes especiais para torcer para seus times preferidos”. Nessa mesma perspectiva, Alves (1978) descreve que os encontros pareciam mais sociais que esportivos, já que ao término do jogo, independente do resultado, os jogadores saíam incorporados ao buffet, bebiam a vontade, cantavam, davam “hurras” e depois se dispersavam. Dessa forma, no que se refere à prática do futebol ainda nesse período, constatamos que o esporte era restrito a uma parcela economicamente privilegiada da população: a elite branca que dominava as ligas de futebol. Como grande exemplo, o São Paulo Athletic Club, fundado em 1888 por Miller em São Paulo, teve um papel importante na estruturação do futebol entre a elite paulista, já que as competições eram realizadas por membros da alta sociedade em colégios católicos, militares e particulares da cidade.

Pereira (2000) apresenta uma perspectiva abrangente sobre o desenvolvimento do futebol no país, explorando como o esporte surgiu inicialmente entre as elites urbanas, mas, ao longo do tempo, tornou-se uma atividade popular e acessível a diferentes classes sociais. O autor analisa como o futebol foi utilizado como ferramenta de inclusão social para grupos marginalizados, bem como uma forma de exclusão e controle social.

Durante longos anos, as camadas mais pobres da população e os negros não foram autorizadas a frequentar os espaços do mundo do futebol, até que em 1920 passaram a ser

aceitos, na medida que este esporte foi se expandindo por todo território brasileiro. Cada vez mais popularizado, o futebol foi se tornando uma paixão nacional, gradativamente praticado por todos e não apenas em campos oficiais mas, inclusive, em terrenos baldios, campos de várzea e nas ruas em bairros suburbanos.

[...] A prática do jogo estende-se dos campos oficiais dos clubes para as ruas e terrenos baldios da cidade gerando grande número de queixas. Um novo e diferente público aderiu ao futebol imprimindo sua marca na prática do esporte (Couceiro, 2003, p. 116).

No entanto, as restrições e os preconceitos aos negros e aos menos desfavorecidos em relação à prática do futebol não acabaram com a popularização desse esporte. A desigualdade e o preconceito ficavam cada vez mais evidenciados em estatutos, comentários esportivos, jornais e, sobretudo, nos altos valores cobrados para participarem dos clubes.

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o 'grande futebol', o das elites, e o 'pequeno futebol', dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos gentlemen ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de 'canelas negras' (Santos Neto, 2002, p. 53).

Cabe ressaltar que os clubes naquela época eram espaços designados aos bem-nascidos, regidos sob estatutos que delimitavam o número de participantes, as regras e os objetivos para os associados. Nesse sentido, Melo (2007) explica:

Os *clubs* chegaram ao Brasil com os imigrantes, que começam a se tornar mais comuns no país a partir de 1808, com a chegada de Dom João VI. Antes de criação de clubes esportivos, havia muitos outros de caráter recreativo, literário, político. [...] Desde sua criação, os clubes foram importantes instituições na sociedade brasileira, extrapolando suas supostas funções recreativas. [...] Eram um espaço privilegiado de encontro e de autoidentificação entre os membros das elites. [...] Os primeiros clubes esportivos de importância, ligados ao turfe, eram basicamente dirigidos por latifundiários e comerciantes vinculados à agricultura (meados do século XIX), enquanto os de remo, que sucederam os anteriores em importância, eram dirigidos por engenheiros, médicos e militares de alta patente e empresários da indústria nacional em formação (fim do século XIX). No final do século XIX, surgem os primeiros clubes criados por uma classe média urbana em formação, uma nova configuração das elites nacionais, curiosamente os que mais tempo sobreviveram (no caso do Rio de Janeiro, este é o caso dos quatro 'grandes clubes': Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense) (Melo, 2007, p. 36-37).

Ainda sobre a ótica dos clubes como espaços elitizados e do futebol ser um jogo pertencente a uma ‘casta superior’, Mário Rodrigues Filho (1947) aponta para a diferenciação de classes e as restrições impostas nos estatutos dos clubes brasileiros à participação aos negros e pobres no início do século XX.

Com a disseminação da prática do futebol, o acesso à camada popular foi inevitável, a ruptura de um esporte altamente elitista para um esporte das grandes massas deu-se no contexto de transformações políticas, econômicas e sociais geradas no Brasil no início do século XX. O surgimento de uma nova elite econômica composta por artistas, advogados, médicos, intelectuais, comerciantes e imigrantes cidadãos, em contraste com a maioritária elite agrária brasileira, acaba por gerar mudanças nos costumes da sociedade. Foi essa nova elite intelectual e econômica que deu início à ruptura do privilégio de classe e de cor nos clubes esportivos. Mascarenhas (2014) argumenta que

[...] A conformação do território, ainda fortemente marcado pela herança colonial, condicionou o processo de difusão do futebol. Mas, as limitações não terminam aí. Uma vez conhecido o novo esporte, suas regras e seus significados, associados ao nobre cosmopolitismo e a modismos europeus, havia ainda algumas barreiras culturais à sua adoção (Mascarenhas, 2014, p. 56).

A expansão do futebol nas cidades brasileiras e a criação de clubes de futebol possibilitaram que pessoas de diferentes classes sociais pudessem participar e se envolver no esporte. Nesse contexto, o futebol desempenhou um papel importante como uma forma de inclusão social, proporcionando oportunidades para que indivíduos de origens diversas pudessem compartilhar uma paixão comum e interagir em um ambiente de igualdade.

Contudo, não se pode deixar de analisar a face oposta desse processo. Negreiros (1992), explica que o futebol, apesar de ser um meio de inclusão para alguns, também foi utilizado como uma ferramenta de exclusão para outros já que a estrutura social do Brasil, marcada por desigualdades econômicas e sociais, influenciou a maneira como o esporte se desenvolveu e como nem todos os grupos tiveram acesso igualitário ao futebol.

Ainda de acordo com o autor, ao longo da história do futebol brasileiro, foram evidentes as barreiras impostas a determinadas populações, como afrodescendentes e pessoas de baixa renda, que enfrentaram dificuldades para ingressar nos clubes e nas ligas de futebol, destacando uma exclusão que se refletiu nas arquibancadas onde a segregação racial e social eram comuns, inclusive em diversos estádios brasileiros até meados do século XX.

A criação de ligas de futebol, divisões e torneios nacionais e internacionais pela FIFA em 1904, acabou por impor uma maior flexibilidade aos participantes, no entanto, o preconceito das elites com a popularização do futebol ainda era um traço forte na sociedade, em especial a brasileira.

Ao mesmo tempo que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a capacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares (Negreiros, 2003, p. 4).

Ainda sob a ótica elitista brasileira, o futebol passou a ser associado a algo ruim, visto que a presença de jogadores negros e mestiços foi posta em causa e a estes creditados todas as derrotas e problemas. Nas palavras de Couceiro (2003), podemos compreender melhor como o futebol aos poucos vai se popularizando e ao mesmo tempo revela o incômodo das elites:

A popularização do futebol e sua difusão pelas ruas dos subúrbios e do centro da cidade começaram a incomodar alguns segmentos das elites, que passaram, aos poucos, a mudar o discurso com relação ao esporte. Torcidas apaixonadas, brigas e discussões nos campos, bondes lotados de jogadores suados em direção aos subúrbios transformaram a representação que fora construída sobre o futebol. De empolgante, elegante e apropriado para o exercício e saúde corporal, o esporte passa a ser referido nos periódicos como o violento sport bretão, o inconveniente jogo de futebol, cujos jogadores precisavam ser controlados pela polícia (Couceiro, 2003, p.118).

De acordo com Pereira (2000), o futebol não pode ser visto apenas como um entretenimento ou uma atividade esportiva, mas sim como um espelho da complexa realidade social e cultural do país. Para ajudar a compreendermos melhor todo esse contexto Levine (1982), propõe uma periodização que ilustra o processo de implantação e as mudanças do futebol no Brasil, identificando quatro fases a saber: 1ª fase (1894-1904), 2ª fase amadora (1905-1933), 3ª fase do profissionalismo (1933-1950), 4ª fase do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol (1950-1970).

Na 1ª fase (1894-1904), Levine (1982) descreve que o futebol foi introduzido no Brasil por marinheiros e mercadores britânicos realizando a primeira partida em 1895, na cidade de São Paulo. O esporte era praticado principalmente por membros das elites urbanas, com influência britânica nas regras e organização. Nesta fase inicial os clubes pioneiros foram criados, seguindo o modelo de clubes europeus.

Durante a 2ª fase, considerada “amadora” (1905-1933) o futebol começou a se popularizar entre outras camadas sociais além das elites. Surgiram mais clubes e

competições locais e regionais, entretanto, o amadorismo ainda prevalecia e os jogadores não eram remunerados. O esporte ganhou maior reconhecimento e interesse da população, tornando-se um fenômeno social em ascensão.

A 3ª fase denominada “do profissionalismo” (1933-1950) pelo autor, marcou a transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol brasileiro. As competições começaram a adotar o sistema de liga e os jogadores passaram a receber salários. O profissionalismo trouxe mudanças significativas na organização do esporte e atraiu mais investimentos. A criação do Campeonato Brasileiro, em 1959, foi um marco importante desse período.

A partir da 4ª fase, com o reconhecimento internacional e a comercialização do futebol (1950-1970), o Brasil se desenvolve como uma potência esportiva, sobretudo com a conquista da Copa do Mundo de 1958 na Suécia e a participação da estrela Pelé, impulsionando a projeção do Brasil no cenário global. O futebol tornou-se um negócio lucrativo, com aumento dos patrocínios e transmissões televisivas, enquanto os jogadores brasileiros passaram a ser exportados para clubes estrangeiros.

Essas quatro fases ilustram a evolução do futebol no Brasil, mostrando sua transformação de um esporte de elites a uma paixão nacional e uma poderosa indústria esportiva. Cada fase apresentou desafios e oportunidades, moldando o futebol brasileiro como o conhecemos hoje.

Segundo Negreiros (1992), a implementação dos primeiros clubes de futebol no Brasil ocorreu entre os anos de 1899 e 1910. Esses clubes frequentemente se associavam a outros gêneros esportivos ou estabeleciam ligações com o setor empresarial, enquanto muitos deles ainda possuíam nomes em inglês, seguindo a norma britânica da época. Foi nesse contexto que aconteceu a primeira liga oficialmente realizada pelos clubes pioneiros, concentrada principalmente no eixo do Sudeste. A fundação de alguns desses clubes teve relação direta com jogadores ou assessores do futebol europeu, que identificaram no Brasil um potencial promissor para a aceitação e difusão do esporte, contribuindo para a expansão e democratização do futebol e culminando na criação dos primeiros clubes paulistas e cariocas.

Esse período marcou o início do crescimento do futebol no Brasil, sua associação com a identidade nacional e a criação de uma cultura esportiva única no país. A trajetória histórica desses primeiros clubes é essencial para compreendermos a evolução e a importância do futebol no cenário esportivo e social brasileiro.

Rodrigues (2003) destaca que o futebol no contexto industrial foi influenciado pelos costumes europeus, onde o esporte estava associado ao lazer dos operários. O autor menciona o Bangu, o primeiro time vinculado ao setor industrial, fundado em 1904 e localizado no bairro de Bangu, próximo a uma fábrica de tecidos. Nesse caso, para completar o time foi necessário incluir operários, visto que não eram suficientes o número de jogadores. Essa foi uma das primeiras e mais significativas etapas na democratização do futebol brasileiro e na disseminação do esporte entre os operários, que, posteriormente, se tornariam os próprios profissionais do futebol.

A difusão do futebol no Brasil em 1919 coincidiu com o processo de popularização do esporte. Antes disso, o futebol era restrito à elite, mas começou a ganhar espaço entre o povo, o que levou ao surgimento de torcidas e à inclusão de operários e negros no futebol, algo que antes era proibido.

A aproximação do futebol com as grandes empresas é retratada por Rodrigues (2003), em meados da década de 1970, com o aumento dos recursos destinados exclusivamente ao futebol. As partidas começaram a ser televisionadas em dias específicos, houve um aumento significativo nos salários dos jogadores, ações de marketing foram implementadas e muitos jogadores brasileiros foram contratados por clubes europeus.

O sucesso da seleção brasileira em Copas do Mundo, especialmente na década de 1970, também contribuiu para a mercantilização do esporte e acabou por chamar a atenção do mundo do futebol para o Brasil. Esse destaque internacional e a abertura comercial no ramo futebolístico possibilitaram um maior investimento no esporte e uma maior atenção internacional.

Com a modernização do futebol, surgiram oportunidades para a comercialização do esporte. A publicidade e propaganda voltadas para o futebol se expandiram, com outdoors nos estádios e patrocínios nas camisas dos times, além do televisionamento das partidas que se tornou uma importante fonte de receita. Ademais, novos métodos de treinamento foram introduzidos e os clubes abriram espaços recreativos, proporcionando maior acesso ao sonho de se tornar jogador de futebol. Houve avanços na cientificação do futebol com o desenvolvimento de métodos de treino e recuperação de lesões mais avançados, enquanto os centros de treinamentos (CTs) se tornaram mais modernos e ofereceram melhores acomodações (Rodrigues, 2003).

Essas mudanças na estrutura e comercialização do futebol brasileiro contribuíram para o seu crescimento e consolidação como um dos esportes mais populares e lucrativos do mundo.

1.2.1. É o time do povo, é o Coringão!

A respeito da história do clube que engendra este estudo, Plínio Negreiros (1992) nos ajuda a desvendar o que chama de “Gênese do Sport Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo”. A formação do Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) em 1910, reflete um fenômeno de deselitização do futebol na cidade de São Paulo, desafiando a prática dominante do esporte como uma atividade exclusivamente elitista.

Fundado em 1º de setembro de 1910 na cidade de São Paulo, o clube surgiu como uma ideia entre um grupo de operários do Bom Retiro, um dos muitos bairros da cidade habitados por imigrantes e trabalhadores. Essa iniciativa foi fortemente influenciada pelo impacto de uma partida de futebol entre a equipe inglesa Corinthian FC e uma seleção paulista, realizada no Parque São Jorge. Os fundadores, impressionados com o estilo e a elegância dos jogadores ingleses, decidiram nomear o novo clube em homenagem ao Corinthian FC.

A reunião de fundação ocorreu numa pequena loja localizada na Rua José Paulino, no Bom Retiro. Os presentes, incluindo os cinco trabalhadores que são considerados os fundadores do clube — Joaquim Ambrósio, Antônio Pereira, Rafael Perrone, Anselmo Correia e Carlos Silva —, eram em sua maioria operários de fábricas e imigrantes, refletindo a demografia do bairro e a base popular do clube.

Desde os mais antigos relatos e depoimentos sobre o SCCP até os mais contemporâneos, é possível notar uma narração que contém as mesmas situações, a partir de um fio condutor comum. Têm-se sempre, nessas narrativas, operários de um bairro de trabalhadores, o Bom Retiro, que fascinados pela presença de um grande clube inglês, o Corinthian's team, e influenciados pela importante expansão da prática do futebol na cidade de São Paulo, resolvem organizar um clube. Entretanto, foram muitas as dificuldades econômicas e as de caráter social, por se tratar de um clube de bairro. Essas dificuldades foram enfrentadas com um invejável espírito de luta. Mas essas explicações acerca dos primeiros anos de vida do clube não tecem maiores detalhes. De qualquer forma, percebe-se parte de um processo de destruição da separação oficial entre a prática do futebol entre as elites e a prática popular do mesmo esporte. Enquanto o futebol extraoficial já não podia oferecer mais nada ao SCCP, ao mesmo tempo a prática do futebol oficial não comportava continuar excluindo as camadas populares do seu seio. (Negreiros, 1992, p. 73)

Assim, o Corinthians emergiu em um contexto onde o futebol começava a se popularizar, desafiando as estruturas de poder tradicionais que confinavam o esporte às classes mais altas, sendo um clube fundamental na democratização do futebol na cidade, atuando como um catalisador para a inclusão de setores sociais anteriormente excluídos deste esporte. Sua origem está fortemente ligada às dinâmicas de resistência cultural e social, onde pessoas comuns, muitas vezes imigrantes e trabalhadores, buscavam no futebol uma forma de expressão e afirmação identitária. Evidencia esse contexto a fala de um dirigente da torcida A:

O Corinthians não se coloca num patamar igual a outro clube do mundo. [...] Aqui a parada é diferente. O Corinthians foi a primeira ferramenta social após a abolição da escravidão! Onde o negro pôde falar que ele pertence a alguma coisa. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

Nesse processo de inclusão e resistência, um dos momentos mais significativos na história do Sport Club Corinthians Paulista foi o advento da Democracia Corinthiana na década de 1980, período marcado pela redemocratização do Brasil. A Democracia Corinthiana transcendeu o contexto esportivo, posicionando-se como um fenômeno relevante que refletiu as transformações sociais e políticas do país.

Esta fase inovadora foi liderada por figuras marcantes como Sócrates, Wladimir, Casagrande, e o diretor de futebol Adilson Monteiro Alves. Juntos, eles instauraram um modelo de gestão democrática e participativa que foi pioneiro no contexto do futebol brasileiro. No âmbito desse modelo, as decisões dentro do clube não eram mais restritas à alta gestão, mas sim submetidas ao voto de jogadores, comissão técnica, funcionários e, em alguns casos, até mesmo dos torcedores. Essa abordagem horizontal de gestão promoveu uma ruptura significativa com os métodos tradicionais de administração de clubes de futebol, que geralmente eram marcados por uma estrutura hierárquica rígida e centralizada.

A Democracia Corinthiana incentivou a participação ativa nos processos decisórios do clube e se destacou pelo seu engajamento em questões políticas nacionais. Durante esse período, o Corinthians tornou-se um espaço de expressão política, utilizando o futebol como plataforma para debates e manifestações em prol das Diretas Já, campanha que exigia eleições diretas para presidente da República, desafiando, assim, o regime militar vigente. Esse engajamento demonstrou como um clube de futebol poderia influenciar e ser influenciado pelo contexto sociopolítico mais amplo, servindo como um microcosmo das lutas pela democracia que ocorriam em todo o país.

O dirigente da torcida 6 ressalta que:

A Democracia Corinthiana vai além do esporte. Ela vai na política, ela vai no social, ela vai no nosso cotidiano, no nosso dia a dia, na nossa vida como um todo. Eu acho que se o nosso país se seguisse os preceitos dessa democracia, daquilo que foi colocado pelas pessoas que idealizaram a Democracia Corinthiana, com certeza nós teríamos um país melhor. (Entrevista realizada em 20 de maio de 2024, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Dessa maneira, a Democracia Corinthiana teve um impacto substancial no desempenho esportivo, com o Corinthians conquistando importantes títulos estaduais nesse período. Esses sucessos ajudaram a consolidar o modelo de gestão democrática como um experimento político, mas além de tudo como uma abordagem viável e eficaz no esporte profissional, desafiando concepções convencionais sobre liderança e organização no futebol.

Além de uma história marcada por conquistas esportivas, o Sport Club Corinthians Paulista, por diversas vezes, reafirmou sua notabilidade pelo comportamento singular de suas torcidas organizadas, especialmente durante eventos que foram chamados de "Invasões Corinthianas", designadamente: a invasão ao Maracanã em 1976; a participação no Mundial de Clubes de 2000, também no Maracanã e; o Mundial de Clubes de 2012 no Japão (Tabela 3).

Invasão ao Maracanã	A primeira invasão correu em 1976 durante o Campeonato Brasileiro, quando cerca de 70 mil corinthianos viajaram ao Rio de Janeiro para assistir ao jogo contra o Fluminense no estádio do Maracanã. A magnitude dessa invasão ilustra a capacidade de mobilização e organização das torcidas, estabelecendo um precedente para futuras manifestações de apoio que transcendiam as barreiras geográficas.
Mundial de Clubes de 2000	A segunda invasão aconteceu no ano 2000, durante o primeiro Mundial de Clubes da FIFA, realizado no Brasil. Milhares de torcedores corinthianos se deslocaram para acompanhar o time em jogos

	cruciais, especialmente na partida final no Maracanã, demonstrando novamente a força e a dedicação da torcida. Este evento foi significativo pelo apoio torcedor maciço, mas também por ocorrer em um período de crescente comercialização do futebol, destacando uma resistência cultural às mudanças na gestão esportiva e reafirmando a identidade coletiva da torcida.
Mundial de Clubes de 2012	A terceira invasão foi durante o Mundial de Clubes de 2012 no Japão, onde mais de 30 mil torcedores do Corinthians viajaram milhares de quilômetros para apoiar sua equipe. A "Invasão do Japão" simbolizou o ápice da globalização da paixão futebolística do Corinthians, mostrando a capacidade da torcida de se fazer presente e influente mesmo fora do contexto nacional. Este evento destacou a natureza global da identidade corinthiana e serviu como uma manifestação poderosa de suporte globalizado.
Tabela 3 – Invasões Corinthianas Elaboração da autora (2024)	

As Invasões Corinthianas expressaram as demonstrações torcedoras de fidelidade ao clube, se caracterizando por atos profundamente enraizados em uma cultura de resistência, expressão coletiva e identidade partilhada, refletindo aspectos distintos da evolução das torcidas organizadas do Corinthians, de sua relação com o clube e da conexão com o modelo de sociedade da época.

A trajetória do Sport Club Corinthians Paulista é, portanto, um espelho das lutas e transformações sociais do Brasil. Através de sua história, o clube tem desempenhado um papel fundamental dentro e fora dos campos, atuando como um agente de mudança social e cultural. O Corinthians continua a ser mais do que um clube de futebol; é uma instituição que reflete as aspirações, os desafios e a resistência de uma comunidade vibrante e diversificada, reafirmando seu impacto duradouro na sociedade brasileira.

1.2.2. O futebol e suas implicações na configuração dos espaços

As obras do geógrafo Gilmar Mascarenhas trazem uma riqueza de informações a respeito da conquista do Brasil pelo futebol. Em seu livro de 2014, intitulado “*Entradas e bandeiras*”, o autor comenta sobre a inserção do Brasil no futebol. Segundo o autor, “quando o futebol inicia sua larga difusão planetária (1880-1900), encontra no Brasil um território fragmentado e com uma diminuta base urbana: menos de um décimo da população brasileira vivia em cidades em 1900” (Mascarenhas, 2014, p. 56).

Mascarenhas (2014) se apoia em Milton Santos (1993) para explicar o surgimento e adoção do futebol no Brasil, que seguiu a lógica da organização do território brasileiro. Santos (1993) salienta que durante muitos séculos, o Brasil era composto por vários subespaços que seguiam suas próprias lógicas, influenciadas principalmente pela relação com o mundo exterior, formando assim um grande arquipélago. A partir do século XIX, com a mecanização do país, houve um aumento da fluidez interna, mas somente em 1930 ocorreu a integração efetiva do território nacional, com uma urbanização cada vez mais presente. (Santos, 1993; Mascarenhas, 2014)

Aos poucos, o futebol foi perdendo a sua carga elitista e passou a ser vista de forma mais profissional, mas, também como um esporte popular, divertido e capaz de aglomerar um grande número de pessoas. A profissionalização do futebol em 1933 foi importante para a inserção de jogadores das classes baixas, para que estes pudessem viver desta profissão, o que promoveu a ocupação de novos espaços, por outros agentes sociais que nele interferiram e transformaram.

Nesse sentido, vimos no tópico anterior que a popularização do futebol rompeu com o seu antigo posto de esporte para os bem-nascidos em que se impunha uma distinção de classes. A medida que o interesse popular pelo esporte foi crescendo, ficou cada vez mais difícil a sua demarcação espacial. Em qualquer lugar se jogava futebol, fosse na rua, no campo, no terreno baldio, pois, como nos explica Couceiro (2003), o futebol de várzea, amador, praticado no terreno baldio foi a forma por meio da qual a população de baixo poder aquisitivo e periférica expressou o seu universo simbólico.

Essa penetração do futebol nos hábitos e costumes do brasileiro acabou por ressignificar e ou alterar os espaços da cidade, fossem eles planejados como os grandes estádios de futebol, fossem eles os espaços públicos apropriados para a diversão, como afirma Mascarenhas (2002):

Na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, são os estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica. Também se espacializa na proliferação de campos de futebol e na intensa apropriação de espaços públicos (ruas, praças, parques, praias) para a prática informal deste esporte (Mascarenhas, 2002, p. 1).

Cabe-nos refletir que em cada sociedade e no Brasil, mediante a sua ampla dimensão territorial e suas diferentes especificidades regionais, o futebol, apesar das regras e padronizações generalistas e/ou “unidade futebolística” (Damo, 2005), é concebido a partir da sua diversidade e melhor compreendido através das suas nuances sociais.

Se os futebolis tais quais eles existem pudessem ser tomados, dada a diversidade de formas e significados, por analogia a uma floresta, diria que é dado o momento de retornar às árvores, aos animais, às trilhas, aos córregos, às pessoas que habitam-na, às aparições fantasmagóricas, às lendas e à infinidade de heteróclitos que precisam ser postos em relação com posições bem demarcadas, a fim de ilustrar uma ideia mais precisa do que vem a ser a floresta. Muito do que se escreveu até o presente, peca pela pretensão de ir direto à floresta, ignorando ou simplificando demasiadamente a complexidade das relações que devem ser estabelecidas não apenas entre os fatos futebolísticos e esportivos, senão que destes em relação a outros fatos sociais para além do campo esportivo (Damo, 2005, p. 36).

São essas relações complexas demarcadas socialmente e, sobretudo, espacialmente, que se manifestam a diversidade do futebol no Brasil.

Damo (2005) enfatiza que o futebol possui derivações, ou seja, diferentes formas de ser praticado e vivenciado em diferentes contextos e comunidades. Essas variações vão além do futebol profissional e incluem as diversas manifestações do esporte em espaços urbanos e rurais, abrangendo desde as partidas informais em campos de várzea até as competições organizadas em nível amador. Portanto, é essencial reconhecer a existência do futebol amador e suas múltiplas expressões, a fim de apreciar a riqueza e a diversidade cultural que o esporte proporciona em diferentes regiões do Brasil.

Cada canto deste país expressa e organiza seus símbolos, espaços, linguagem, valores de uma forma diferente, apesar da “unidade futebolística” (Damo, 2005). A necessidade de alargarmos a visão, nos tira do reducionismo de encararmos o futebol apenas e unicamente pela prática profissional, clubista. Não que esta prática e seus efeitos, sobretudo, os perversos, não devam ser abrangidos e amplamente debatidos, mas, nunca e só exclusivamente esta. O futebol que se joga nas ruas, vielas, escolas, quadras de aluguel ou nos suntuosos estádios, sejam os craques da comunidade ou os de milhões de

euros, apesar das disparidades, os papéis que estes ocupam na sociedade precisam ser mais bem analisados e compreendidos. Considerar essas distintas práticas e experiências futebolísticas é fundamental para uma compreensão completa do papel do futebol na cultura e na sociedade brasileira.

É importante percebermos que essa nova configuração espacial possui ênfase social, à medida que o futebol promove, para além da atividade esportiva, a criação de espaços de socialização e coletividade, onde os torcedores se manifestam e se organizam, mas também política, já que esses espaços se tornam campos de disputas e os torcedores estabelecem territorialidades. Deverá ser compreendida como espaço laboral em que os protagonistas possuem relações de trabalho marcadamente desiguais mediante ao seu valor no mercado, além de lugar de prestígio e poder frente a comunidade (Bourdieu, 1983; Magnani, 1984; Toledo, 1996; Pereira, 2000). Dessa forma, perceber a prática do futebol na sua diversidade espacial, social e econômica é essencial para a compreensão dos seus efeitos na vida do povo brasileiro.

É inegável que, ao longo dos anos, o futebol de várzea no Brasil passou por mudanças significativas, resultando em uma redução de sua presença nas periferias, sejam das grandes ou pequenas cidades. Os campos de várzea eram verdadeiras incubadoras de talentos, onde jogadores surgiam aos milhares, improvisando partidas e desenvolvendo suas habilidades em terrenos precários, mas reconhecidos como espaços democráticos, acessíveis e abertos para toda a comunidade, proporcionando uma oportunidade para jovens promissores se destacarem e sonharem com uma carreira no futebol (Scaglia, 1999). A falta de estrutura formal não era um obstáculo, pois o que importava era o amor ao esporte e a vontade de jogar, no entanto, ao longo das últimas décadas, observamos uma mudança no cenário do futebol de várzea.

Com o crescente interesse no esporte e a profissionalização do futebol, surgiram as chamadas "escolinhas de futebol" oferecendo treinamentos mais estruturados, infraestrutura adequada e orientação técnica especializada para jovens aspirantes a jogadores (Scaglia, 1999). É preciso atentarmos para os impactos dessas mudanças, sobretudo quando se verifica que as escolinhas de futebol, enquanto espaços privados e seletivos, afinal, enquanto antes os campos de várzea serviam como verdadeiras escolas do futebol, proporcionando um espaço democrático e acessível para milhares de jovens, hoje as escolinhas de futebol pagas muitas vezes funcionam como um filtro para talentos em potencial (Couceiro, 2003).

O custo associado a essas escolhinhas, incluindo taxas de matrícula, mensalidades e equipamentos, exclui grande parte da população que não pode arcar com tais despesas (Scaglia, 1999). Dessa forma, o sonho de muitos jovens talentos de se desenvolver no futebol profissional é frequentemente frustrado por barreiras financeiras criando um cenário de desigualdade de oportunidades, onde aqueles que detêm melhores condições financeiras possuem mais chances de serem identificados, treinados e eventualmente ingressarem em clubes profissionais.

A democratização do acesso ao esporte e a manutenção dos espaços de lazer e prática do futebol para a comunidade tornaram-se questões relevantes nesse contexto. Todos esses espaços, sejam eles físicos, sociais, culturais, ocupados, apropriados e ressignificados fortemente pela prática futebolística revelam a intensidade com que o futebol se afirmou como o esporte mais popular do mundo, tanto para jogar, quanto para torcer.

1.3. Formas de torcer: Da prática à cultura torcedora

A partir do século XX, o futebol se tornou meio de integração e um dos fenômenos sociais mais expressivos no mundo, proporcionando prazer aos participantes, favorecendo a atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência comunitária, e, principalmente, constituindo-se como um importante veículo de construção em processos de identificação social (Tubino, 2001).

Eduardo Galeano (2014) cunhou a célebre frase “o clube é a única cédula de identidade na qual o torcedor acredita”, relatando em seu livro “*El Fútbol a Sol y Sombra*”, que “em muitos casos, a camisa, o hino e a bandeira encarnam tradições profundas, que se expressam nos campos de futebol, mas vêm do fundo da história de uma comunidade” (Galeano, 2014, p. 123). As torcidas são uma parte fundamental da cultura futebolística em todo o mundo. De maneira orgânica, grupos de torcedores se organizam com intuito apoiar seus times em jogos importantes, manifestando coletivamente a paixão pelo clube por meio do torcer.

A primeira forma dessa manifestação, por exemplo, é denominada, por alguns pesquisadores, de torcidas voluntárias. Torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube (Correia Sobrinho, 1997, p. 2).

Por se tratar do país onde o futebol teve maior difusão, os relatos de surgimento das primeiras torcidas apontam para a Inglaterra no final do século XIX.

Sabe-se que a difusão internacional dos esportes modernos originados na Inglaterra se deu na virada do século XIX para o século XX e que, dentre eles, o football association se disseminou com maior êxito graças à sua capacidade extraordinária de transposição de fronteiras geográficas, econômicas e sociais (Hollanda, 2010, p. 90).

Os clubes pioneiros eram formados por trabalhadores das fábricas locais e suas torcidas eram compostas, principalmente, por amigos e familiares dos jogadores como forma de apoio, assim, o futebol passou a se tornar um esporte popular. Com o tempo, as torcidas foram crescendo, se instituindo e tornaram-se um elemento importante da cultura do futebol inglês. Os torcedores se organizaram em grupos, vestidos com as cores e símbolos de seus clubes favoritos, criando as primeiras torcidas organizadas de futebol.

Com o crescimento do futebol em outros países, as torcidas organizadas também surgiram em outros lugares do mundo, muitas vezes inspiradas pelas tradições e práticas das torcidas inglesas. Nos anos 1940, como assegura Toledo (1996), surgiram novas formas torcedoras que permitiam a continuidade da identidade e dos sentimentos de coletividade dos torcedores pelo clube de futebol, os quais antes eram experimentados, quase que exclusivamente, durante os jogos, graças à estrutura dessas torcidas.

A década de 60 foi marcada pelo *boom* das organizações torcedoras: na Itália, as torcidas organizadas se tornaram conhecidas como *ultras*, que se caracterizam por uma forte identificação com o clube e uma atitude combativa em relação a torcidas rivais; na América Latina os *barra bravas* surgem como uma forma de mobilização e união dos torcedores de futebol em torno de seus clubes de coração, mas carregam características diferentes: as torcidas não eram apenas grupos de apoio aos clubes, mas sim elemento fundamental da rivalidade entre as equipes. As torcidas organizadas começaram na Argentina e depois se espalharam para outros países da região, como Brasil e Uruguai. (Pimenta, 2004; Hollanda, 2021)

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970 ascendem os *hooligans* no Reino Unido, como uma subcultura de torcedores de futebol. Esses grupos tinham uma forte identificação com seus clubes e frequentemente se envolviam em brigas com torcedores de times rivais. O termo provavelmente tem origem na palavra irlandesa *hooligan*, que significa um arruaceiro ou delinquente. A subcultura de *hooligans* se desenvolveu em um

ambiente de desemprego e desigualdade social, em que jovens de baixa renda procuravam uma saída para suas frustrações através da violência.

Inicialmente, os hooligans eram conhecidos por se envolverem em brigas em jogos de futebol, mas ao longo do tempo, o comportamento violento se espalhou para além dos estádios. Esses grupos torcedores foram responsáveis por uma série de incidentes violentos durante as décadas de 70 e 80, incluindo confrontos com a polícia, vandalismo e agressão contra torcedores rivais.

Assim, depois de codificar e de espalhar as regras do futebol associado profissional no final do século XIX para parte considerável do mundo, os ingleses, na década de 1980, vieram sua imagem atrelada à difusão de um modelo negativo de torcedor oriundo do seu ambiente esportivo: o *hooligan*. Diante dos princípios morais requeridos pelos esportes, a existência deste personagem no futebol moderno parecia a muitos um contra-senso, um anacronismo, um aparecimento extemporâneo (Hollanda, 2010, p. 28).

Com esses grupos em formação, as subculturas urbanas que já existiam como os mods, os rockers, teddy boys e os skinheads, transferiram suas rivalidades para o futebol durante os anos de 1970 e 1980 (Hollanda, 2021). A violência entre torcedores atingiu o pico em 1985, quando 39 pessoas morreram durante um confronto entre torcedores do Liverpool e do Juventus em Heysel, na Bélgica. Por conta do episódio, os torcedores ingleses e os clubes da Inglaterra foram banidos por cinco anos das competições europeias.

Em 15 de abril de 1989, ocorreu a tragédia de Hillsborough, no estádio do Sheffield United, na qual noventa e seis pessoas perderam suas vidas devido à superlotação, durante o jogo da semifinal da Copa da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest. Na ocasião, os torcedores do Liverpool foram injustamente responsabilizados pelo governo neoliberal de Margaret Thatcher, que ocupou o cargo de primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990. No entanto, a negligência do governo inglês em lidar com os *hooligans* foi a verdadeira responsável pela desorganização do evento (Santos, 2017).

A partir de então foram instalados protocolos e punições severas na Inglaterra através de um conjunto de medidas de segurança para conter a violência decorrente de confrontos entre torcidas de futebol, sendo o mais relevante o “Relatório Taylor”. Entretanto, o hooliganismo sobreviveu em suas práticas, inclusive perpassando pela década de 1980, quando os modelos violentos do torcer alcançaram adeptos na Alemanha, Itália, Espanha e outros países.

[...] Falam-se hoje nos *tifosi* italianos, nos *barra-bravas* argentinos, nos *ultras* espanhóis, nos *kutten-fans* alemães, nos *siders* belgas, além das torcidas do Leste Europeu, da Grécia e da Turquia. Até mesmo a África do Norte, através das torcidas argelinas, aparece integrada nesse quadro geográfico dos torcedores conhecidos por práticas violentas (Hollanda, 2009, p. 9).

A disseminação de comportamentos violentos entre torcedores possibilitou a formação de diferentes tipos de torcidas, refletindo padrões culturais variados, transpondo fronteiras que levaram à diversos modos de torcer.

Os *ultras* surgem na Itália e se espalham pela Europa carregando suas especificidades: extremamente politizados, esses torcedores utilizam materiais que remetem ao clube de paixão, demonstrando sua identidade torcedora por meio de faixas, bandeiras e pirotecnia; posicionados estrategicamente nas curvas dos estádios, se destacam por entoar cânticos, batiques de tambores e gritos de incentivo ao time (Giulianotti, 2002; Testa; Armstrong, 2010; Hollanda, 2018). Os *ultras* também são conhecidos por proclamarem o lema "contra o futebol moderno", preservando seus modos de torcer e se opondo à mercantilização do futebol, especialmente através de manifestações contra os preços elevados dos ingressos.

Na América Latina, os *barras* argentinas surgem na década de 1950, decorrente do movimento de *hinchadas*, tendo como um de seus marcos iniciais a queda do presidente Juan Domingo Perón. Fatores sociopolíticos, como a industrialização do país e a derrota da seleção argentina na Copa do Mundo de 1958 na Suécia, também contribuíram para o surgimento desses grupos de torcedores que se tornaram famosos pela mídia do país, tanto pela animação que promoviam nas arquibancadas, quanto pelos atos de violência (Romero, 1997; Oliveira, 2022).

A expressão *barra brava* se consolidou a partir da construção de uma identidade que tinha a violência como elemento estruturante, envolvendo a adoção de determinados comportamentos em relação à violência, além de um compromisso com o ethos da resistência. O que é compartilhado e diferenciado gera fortes sentimentos de pertencimento. (Alabarces; Zucal; Moreira, 2008)

Identificar-se com práticas estigmatizadas, conhecendo a condenação que recai sobre elas, é uma operação que leva ao extremo o exercício da identificação e diferenciação. Os torcedores que frequentam as barras sabem que suas práticas são rotuladas como violentas e que esse rótulo acarreta desacato, discriminação e perseguição. No entanto, eles escolhem esses signos como parte de uma identidade que eles tornam pública em práticas e discursos (Alabarces; Zucal; Moreira, 2008, p. 125)

Apesar dos confrontos rotineiros, as *barras* se articulam frequentemente com os dirigentes dos clubes, inclusive através do financiamento de ingressos e alimentação às torcidas para que possam comparecer aos estádios dos times rivais; a utilização de espaços físicos dos clubes para guardar material relacionado às suas atividades e, em alguns casos, até mesmo discutir questões relacionadas à compra e venda de jogadores (Yogui, 2008; Oliveira, 2022).

Para Alabarces (2008; 2012), na Argentina, os torcedores podem ser classificados como *barras* (aqueles que acreditam que a resistência é o mais importante dos bens simbólicos que compõem sua identidade), torcedores militantes (aqueles que assistem incondicionalmente aos jogos do time, torcendo independentemente dos resultados, podendo participar isoladamente de alguns confrontos) e torcedores comuns (aqueles não organizados ou não vinculados a uma organização específica, ligados à cultura não-violenta). As relações de poder e hierarquias são visíveis, fazendo parte da construção identitária desse modelo torcedor, o que muito se assemelha à postura de torcedor organizado no Brasil.

1.4. Dinâmicas torcedoras: A formação das torcidas organizadas brasileiras

A modernização do futebol se deu gradativamente acompanhando a evolução intencional do capital, mas, também, incluindo diferentes setores da sociedade, o que fez do esporte um programa social que unificou diferentes classes sociais em espaços diversos das grandes capitais brasileiras no século XX. Houve a estruturação dos grandes clubes brasileiros, alguns vinculados a organizações políticas partidárias, outros com influência dos demais esportes, de empresários e ramos da indústria, além, é claro, da popularização de alguns desses times.

Os meios de comunicação ajudaram na disseminação do esporte, seja por meio das rádios, da televisão, dos serviços de assinatura com pacotes de competições e, também, da junção de marcas e propagandas. O futebol ficou conhecido justamente por permitir essa inserção de camadas da população, sendo praticado por clubes de bairro, escolinhas e escolas com campeonatos locais, estaduais, regionais e como forma de lazer.

De acordo com Melo (2009), o futebol se tornou um campo de debates sobre a identidade do "povo brasileiro", abrangendo diversos setores sociopolíticos. Ao discutir a modernização do futebol, vários fatores podem ser considerados, desde a territorialização dos agentes envolvidos na prática futebolística até o acesso e a

popularização do esporte em todo o país, alcançando diferentes grupos sociais e dando forma a times, torcidas e grupos de afinidade relacionados.

A compreensão desse processo histórico de evolução do futebol envolve diversas representações e reproduções do ato de torcer em suas múltiplas camadas de intencionalidade. É nesse sentido que importa-nos apresentar de forma mais detalhada o contexto histórico, de modo a compreendermos a formação das torcidas organizadas no Brasil e suas articulações.

No fim do século XIX, as torcidas eram compostas por amigos e familiares dos jogadores que se reuniam para apoiar aos seus pares. Com a estruturação dos clubes e sua consequente profissionalização no início do século XX, não há um consenso a respeito da primeira torcida organizada brasileira. Pesquisadores dividem-se, mas apontam para os movimentos torcedores que surgem nos anos 1940 em grandes centros urbanos. Na maior metrópole brasileira ocorre a fundação da Torcida Uniformizada do São Paulo em 1940, decorrente do Grêmio São-Paulino, nascido em 1939. Enquanto em São Paulo surgiam como uma forma de reunir os torcedores mais fanáticos em torno de um clube e de uma ideologia, criando um ambiente de apoio incondicional ao time, no Rio de Janeiro adquirem características marcadas pela influência dos Desfiles das Escolas de Samba, como uniformes, músicas e animação, descritas como uma “carnavalização da arquibancada” (Hollanda, 2009), por meio da criação de charangas, como a marcante Charanga Rubro Negra, em 1942.

Toledo (1996) relata características dos fundadores dessas torcidas, ora chamados “torcedores-símbolo”. Entre os nomes mais marcantes nessa trajetória destacam-se Jaime Rodrigues de Carvalho, da Charanga Rubro Negra, além de Manoel Porfírio da Paz e Laudo Nate da Torcida Uniformizada do São Paulo. Era comum na época que a organização das torcidas fosse associada a figuras de destaque, como patronos. Muitas vezes, esses agrupamentos torcedores eram ligados a dirigentes dos clubes, políticos ou funcionários das federações de futebol.

Marcadas pela figura do “torcedor-símbolo” (Toledo, 1996), outras torcidas nascem compondo o que Souza (2020) propõe como a “primeira geração torcedora”, sobretudo no Rio de Janeiro: a Torcida Organizada do Vasco, criada em 1944, e a Torcida Organizada do Botafogo, fundada em 1957. Essas são chamadas de *torcidas uniformizadas* por carregarem como marca identitária as camisetas alusivas ao movimento torcedor que pertencem.

Com o tempo, as torcidas se tornaram cada vez mais estruturadas, com lideranças definidas, hierarquias e até mesmo estatutos, sobretudo nos anos 60, quando passam a ser indicadas como *torcidas organizadas* de futebol. Essas são consideradas a “segunda geração torcedora”, marcada pela burocratização e luta contra os poderes político-sociais vigentes na época, tão logo que o torcedor passa de mero espectador a protagonista (Souza, 2000).

Em São Paulo, o nome dado foi ‘Torcida Uniformizada’ e, no Rio, ‘Torcida Organizada’. A palavra “torcida” carrega em português um sentido semelhante à palavra italiana ‘tifo’. Expressa uma idéia de sofrimento corporal daquele que acompanha o jogo. Já as palavras organização e uniformidade fazem parte do projeto pedagógico de ordenar a platéia, dentro de um contexto político nacional marcado pela ditadura (Hollanda, 2009, p. 11).

Com o aumento da popularidade dos grupos torcedores e decorrente da expansão de um novo estilo de torcer, em meio ao crescimento do futebol como esporte de massa, são geradas dissidências que levam à multiplicidade de torcidas de um mesmo clube, processo apontado como a passagem da “carnavalização” para a “juvenilização” das torcidas (Hollanda, 2010).

A partir do final decênio de 1960, as Torcidas Uniformizadas começaram a conviver com outras torcidas do mesmo clube, não sendo mais torcidas únicas. [...] Nas associações torcedoras começaram a criar grupos dissidentes, principalmente criticando a hierarquia dos líderes das torcidas uniformizadas (Oliveira, 2022, p. 11).

Decorrendo da repressão à liberdade juvenil e do cerceamento dos direitos civis no período ditatorial, surgem as Torcidas Jovens. Esse modelo torcedor ascende tendo como proposta o questionamento aos poderes dos chefes de torcida e dirigentes dos clubes, buscando protagonismo em suas ações, combatendo hierarquias, constestando as antigas ordens e clamando por mudanças. (Silva, 1996; Toledo, 1996).

Já assumindo expressivo papel de pressão política diante dos clubes, no fim da década de 1960 houve a ascensão de grandes torcidas organizadas dos principais clubes de São Paulo: A torcida corinthiana Gaviões da Fiel e a santista Torcida Jovem do Santos em 1969; a Torcida Uniformizada do Palmeiras fundada em 1970; a Camisa 12, também do Sport Club Corinthians Paulista, em 1971; a Tricolor Independente, torcida são paulina, e a torcida da Portuguesa Leões da Fabulosa em 1972 (Diaféria, 1992; Toledo, 1996). Neste período observa-se a ascensão das torcidas jovens no Rio de Janeiro: A Torcida Jovem Flamengo, criada no ano de 1967, fruto de uma dissidência da charanga rubro-negra; a Torcida Jovem do Botafogo, fundada em 1969; além do nascimento das

torcidas do Fluminense e Vasco, respectivamente, Young-Flu e Força Jovem do Vasco, no início dos anos 70 (Teixeira, 2013; Souza, 2020).

O modelo de organização atual das torcidas organizadas só começou a se consolidar em 1970, classificadas por Souza (2020) como “a segunda geração torcedora”. Nesta década, as torcidas começaram a ter maior destaque nas arquibancadas e a ganhar uma grande importância no futebol brasileiro, em cenário pós-ditadura militar. Durante o período ditatorial, o Estado brasileiro passou a valorizar as práticas esportivas, enquanto a mídia acompanhava esse estímulo com excepcional investimento (Daólio, 1992; Reis, 1993). A modernização e a mercantilização que começa desde 1970, fortemente influenciado pelas políticas de propaganda da Ditadura, confere uma roupagem dinâmica quando o futebol foi usado como instrumento de controle social e de propagação de ideologias políticas em determinados momentos da história brasileira. Durante o regime militar (1964-1985), o esporte foi manipulado pelo governo como uma ferramenta de propaganda para projetar uma imagem positiva do Brasil no cenário internacional.

Após o processo de democratização no Brasil, o crescimento das torcidas organizadas no futebol brasileiro foi se intensificando, principalmente nas últimas duas décadas. Esses grupos de torcedores apaixonados e engajados foi se tornando uma força influente dentro do cenário esportivo, trazendo consigo desafios e perspectivas significativas.

A partir das últimas décadas do século XX, mais especificamente do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, houve uma transformação nas organizações torcedoras, criando uma dinâmica que foi denominada como a "espetacularização do torcer" (Hollanda, 2009; Souza, 2020), evidenciando a intencionalidade por trás da ideia de espetáculo que o futebol traz.

A indústria futebolística é a principal, em âmbito nacional, a movimentar o setor de esporte. Enquanto ser torcedor resulta em gastos e lucros, o futebol se torna um delírio consumista, se modernizando em todos os aspectos: desde a questão estrutural, até os clubes, que passam a contar com maior apoio e patrocínios, além da obtenção e compra de jogadores por meio de grandes empresários, passando pelos estádios, que passaram a adquirir função propagandista, e obviamente, a forma de torcer, que foi incorporada pelos clubes, se aliando ao capital.

A retração do caráter público dos estádios, vigente entre os anos 1940, com a inauguração de praças esportivas municipais como o Pacaembu e o Maracanã, e os anos 1970, quando os governos militares puseram a

termo seu projeto de edificação e de multiplicação de equipamentos futebolísticos em diversos quadrantes do território nacional, deu lugar ao modelo de estádios particulares de pequeno e médio porte. Estes, congruentes com uma nova configuração de público torcedor, atomizaram-no em assentos individuais e segmentaram-no em setores preestabelecidos (Lopes; Hollanda, 2018, p. 213).

A chamada “terceira geração torcedora” surge diante da necessidade de adaptação dos atores sociais envolvidos no espetáculo futebolístico (Souza, 2020). Essa se destaca por uma maior adesão de associados em movimentos torcedores, além dos complexos elos estabelecidos entre as torcidas e os clubes, entretanto, os interesses desses grupos ora convergiam, ora confrontavam. O crescimento - tanto em números quanto em prestígio social - das torcidas organizadas, levou a busca por apoio político-econômico de ambos os lados: por parte das lideranças de torcidas houve pretensão de auxílios financeiros com ingressos, custeio de viagens e demais benefícios frente aos torcedores comuns; já os dirigentes de clubes buscavam obter compensações na relação por meio do aumento na venda de ingressos e materiais oficiais, bem como amparo político em futuras eleições internas, ou até mesmo externas para os cargos políticos.

Como em todas as relações estabelecidas em nome de interesses e vantagens, essas aproximações revelaram-se tensas e ambíguas, entre dirigentes dos clubes e grupos de torcedores. Os maiores grupos do Recife chegaram a possuir entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 mais associados que os próprios clubes, principalmente entre a faixa etária dos 12 aos 35 anos. A venda de produtos oficiais dos clubes (camisas, bandeiras, insígnias) passou a sofrer a concorrência dos produtos comercializados pelos grupos organizados, vendidos informalmente e por valores mais baixos (em média 20% dos valores cobrados nos produtos oficiais), e neste aspecto, clubes e torcidas eram aliados e concorrentes, ao mesmo tempo (Souza, 2020, p. 207).

O “futebol moderno” foi um termo cunhado pelos torcedores *ultras* do Roma em 1999, em um site não oficial do clube. Esses se opunham ao processo de mercantilização do esporte e criminalização da cultura torcedora, organizando um manifesto “tu che scegli com chi stare: contro il calcio moderno [...]” (você que escolhe com quem ficar: contra o futebol moderno [...]). Segundo Lopes e Hollanda (2018), o termo “futebol moderno” se apresenta como um paradoxo conceitual, que em nada tem relação com a concepção histórica de modernidade, se assemelhando, assim, a uma categoria nativa crítica por parte dos movimentos torcedores organizados às mudanças sociopolíticas no cenário esportivo do futebol.

Refletir sobre a modernização traz à tona a questão socioespacial, de quando, onde e como começou essa condição moderna, e pensar o que a configura e a estrutura. O

referencial do que é moderno não se manteve o mesmo com o passar dos anos, pensando, é claro, nessa concepção espaço/temporal, a dinâmica das sociedades atreladas às suas mudanças estruturais e políticas.

O avanço da mercantilização do futebol implica em uma mudança relevante nos padrões esportivos, portanto, revisitaremos ideias já citadas anteriormente. Verificou-se nos anos 1970 a transmissão por meio de satélites de jogos televisionados ao vivo e ampla cobertura midiática, incentivadas pela FIFA durante a gestão do brasileiro João Havelange 1974-1998. Durante o período que presidiu a entidade, Havelange fez questão de estabelecer fortes relações com uma gama de grandes empresas globais, incluindo a Coca-Cola e a Adidas. De acordo com Santos (2017), os clubes, inicialmente, alimentaram esperanças para melhorar suas reservas financeiras, passando a liberar patrocínios empresariais em uniformes em 1981 e fechando contratos de cessão de direitos de imagem com a televisão. Em contrapartida, os escândalos de corrupção, o financiamento dos clubes pelo crime organizado e a alta exigência salarial por parte dos atletas marcam o período que levaram ao endividamento dos clubes, trazendo, assim, uma nova dinâmica: a transformação dos clubes em empresas.

A Itália foi a pioneira em transferir a propriedade dos clubes e associações esportivas para a mão de empresas privadas por meio de uma legislação aprovada em março de 1981. Em 1984, a França aprova uma lei que limita a participação estatal no subsídio das instituições esportivas e passa a autorizar a transformações destas em empresas. Na Espanha, com a exceção de Barcelona, Real Madrid e Athletic Bilbao, todos os clubes deixaram o caráter associações civis e foram transformados em empresas S.A. a partir de outubro de 1990, muito por conta de dívidas contraídas na reforma de estádios para a Copa do Mundo de 1982. Na Inglaterra, onde os clubes já eram tratados como empresas desde o início do século, a financeirização promovida na década de 1990, juntamente com o crescimento abrupto dos valores referentes a todos os aspectos do futebol, tornou as ações dos clubes demasiadamente caras, impossibilitando suas aquisições por torcedores comuns, como se dava até então (Santos, 2017, p. 231)

Santos (2017, p. 231) explica que seguindo a tendência de abertura econômica proposta pelo governo Collor em 1990, os dirigentes de clubes brasileiros buscavam auxílio financeiro empresarial como alternativa à crise instalada. Para tal, propuseram reformas legislativas que incentivassem o futebol-empresa, conflituando com as bases ideológicas da CBF e das federações esportivas, que se expressavam notadamente contra a proposta.

O projeto de construção de estádios monumentais, aliado a elitização do esporte levou ao expressivo aumento nos preços dos ingressos. Em paralelo, a baixa qualidade do

futebol interno por conta da oportunidade facilitada de migração transcontinental de atletas, o temor pela massiva presença das torcidas organizadas nas arquibancadas e a receita gerada pelos contratos milionários por direitos de transmissão contribuíram com o esvaziamento das arquibancadas e consequente déficit de arrecadação com ingressos (Santos, 2017). Desta forma, os clubes brasileiros buscavam alternativas para manterem o público torcedor presente - financeiramente - encontrando a solução no modelo de torcedor por associação.

O modelo de torcedor associado ao clube garante benefícios que vão desde ingressos disponibilizados de forma prioritária e com preços acessíveis em jogos, até descontos com a marca de patrocínio do clube, em assinaturas de jornais e clubes de compra. O torcedor brasileiro estaria gradativamente se aproximando do padrão europeu de torcer, com mensalidades, atendimento exclusivo e cadeiras privativas. À revelia desse projeto hegemônico, as torcidas organizadas resistiam nas arquibancadas.

O dirigente da torcida C destaca o papel proeminente das torcidas organizadas nas arquibancadas até meados da década de 1990, citando como exemplo a própria torcida à qual pertence:

Na hierarquia, a nossa representação se deu pela prestação, prestação pelas coisas que a gente fez durante um longo tempo aí. Quando teve aquela briga do Pacaembu, que proibia as torcidas organizadas, a gente continuou na arquibancada incentivando o nosso sócio, na palma da mão, sem a camisa, sem a nossa faixa, sem a nossa bandeira. Continuamos viajando o Brasil afora e o mundo atrás do Corinthians. Então a gente sempre fez valer onde nós estamos hoje.

Em relação ao episódio de conflito relatado pelo dirigente da torcida C que ocasionou no afastamento das torcidas organizadas nos estádios, nos referimos especificamente a "Batalha Campal do Pacaembu", no estado de São Paulo em 1995, que se configurou um evento significativo que marca um ponto de inflexão na história das torcidas organizadas no Brasil. O confronto entre torcedores organizados do Palmeiras e São Paulo em um jogo válido pela final da Supercopa SP de Juniores, resultaram em cenas de violência que atraíram extrema atenção midiática, popular e estatal, precipitando uma resposta regulatória severa por parte dos órgãos de governança do futebol.

Como resposta direta a esse incidente, as autoridades esportivas e civis adotaram a medida drástica de proibir a presença de torcidas organizadas nos estádios de futebol do país até 2002, chegando inclusive a extinguir o CNPJ de algumas dessas torcidas. Essa medida visou restaurar a segurança nos eventos esportivos e a reavaliar o papel dessas torcidas no contexto do futebol brasileiro.

O dirigente da torcida B elucida como isso impactou as torcidas organizadas corinthianas na época:

Houveram alguns momentos complicados, principalmente na década de 90. Tivemos a extinção do CNPJ, a extinção do nome das torcidas, não só a nossa torcida, como as demais torcidas também foram extintas. [...] Após aquele conflito no Pacaembu, entre as torcidas do Palmeiras e do São Paulo, o Ministério Público veio com força! Hoje, graças a muita luta, muito diálogo, muita conduta correta, para que a gente pudesse ter o voto de confiança do próprio Estado, para que a gente adentre a estádios, oficialize nossas caravanas, consiga trabalhar, buscar apoios, parcerias, com pessoas do ramo político também. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

Ao passo que o dirigente da torcida D tece uma crítica:

Esse processo de proibição foi muito pesado aqui em São Paulo, foi visto como uma perseguição mesmo. Depois foi amadurecendo, os órgãos públicos foram entendendo que não tem jeito, eles não têm o direito de proibir, de tirar a faixa. Entenderam que a torcida é um movimento único, não tem como você acabar com isso! Nós não precisamos de sede, não precisamos de quadra, não precisamos de espaço, nós precisamos de pessoas, de torcedores, então a gente se organiza numa rua, numa esquina, numa praça pública, e eles detectaram que não tinha jeito, então acabaram aderindo ao processo de torcida, criando algumas regras até meio espalhafatosas, e começou a liberar um pouquinho nesses anos, entre 2002 e aí para frente. (Entrevista realizada em 25 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

À medida que o novo milênio avançava, essa paisagem alterada nos estádios abriu caminho para uma mudança no perfil do público torcedor. Os anos 2000 se destacam pelo enfoque dos clubes na adoção de um público torcedor mais seletivo, alinhados a um modelo mais elitizado do torcer, os chamados sócios-torcedores. Nas primeiras iniciativas de implantação desse modelo, a adesão torcedora foi ínfima, levando os clubes à estratégias e sistemas diferentes do proposto na Europa.

Uma vez que as TOs não acabaram e os planos de sócio-torcedor deixaram de ter o objetivo inicial, a proposta foi uma remodelação da ideia. Diante da nova abordagem dada ao assunto nos últimos anos, ser um sócio-torcedor é como se cadastrar no buyers club de alguma rede de supermercado: aproveitar vantagens em compras, acumular descontos e ter acesso a serviços ofertados para poucos (Santos, 2017, p. 250).

A partir de então, as torcidas organizadas passam a ser criminalizadas diante o imaginário midiático e social, dando lugar nos estádios aos sócios-torcedores, esses descritos por Toledo (2012, p. 151) como “uma espécie de acionista minoritário do seu time empresa”. As propostas do clube-empresa e do sócio-torcedor antagonizam ao

proposto pelas torcidas organizadas, que clamam por maior participação política e maior influência nas decisões dos clubes.

Retomando as tendências geracionais dos torcedores brasileiros, abordadas por Souza (2020) e adotadas neste trabalho, temos, então, a “quarta geração torcedora”. Em virtude da crescente oposição estrutural à presença das torcidas organizadas nas arquibancadas, novas estratégias de resistência passam a ser traçadas, inclusive o que chamamos de “alianças entre torcidas”. Souza descreve este processo do seguinte modo:

As parcerias tornaram-se explícitas através de aproximações entre grupos de cidades distintas, reconhecidas em termos nativos por ‘amizades’. Inicialmente buscavam apoio logístico nas cidades onde as partidas de futebol seriam realizadas (transporte, alimentação e estadia). As primeiras ‘amizades’ foram então estabelecidas entre seguidores cujos clubes possuíam sinais diacríticos semelhantes (cores dos uniformes e mascotes), ou mesmo por motivações de cunho étnico. Surgiram assim ‘amizades’ entre integrantes da ‘Gaviões da Fiel’ (Corinthians/SP) e da ‘Fúria Jovem (Botafogo/RJ), que possuem as mesmas cores no uniforme (preto e branco); como também entre grupos organizados da Portuguesa de Desportos/SP e do Vasco da Gama/RJ, clubes fundados pelas colônias portuguesas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. [...] A intensificação dos contatos entre os grupos de cidades distintas deu origem a ‘amizades’ que passaram a ser compartilhadas por uma rede de amigos em comum, dando origem as relações de alianças entre torcidas de cidades diferentes (Souza, 2020, p.19).

Para além da questão logística óbvia de presença e manutenção em jogos, sobretudo em torcidas cujos times disputam regularmente campeonatos nacionais, as relações de alianças auxiliam em confrontos, conhecidos como “pista”, onde as torcidas buscam se apoderar dos patrimônios (faixas, bandeiras, camisas, agasalhos) da rival, concedendo vantagem numérica por contarem com o apoio das aliadas locais para defesa destes acessórios. Temos também vínculos de sociabilidade em festas, campanhas e venda de materiais, fruto da modernização consumista, já enraizada nas torcidas organizadas.

As alianças tornaram-se fundamentais também como possibilidade de minimizar os impactos causados pelos prejuízos financeiros, uma vez que a ampliação dos vínculos entre grupos de cidades distintas criou novas alternativas de arrecadação e cooperação. Passaram a vender mais produtos nas lojas de grupos “aliados”, ou mesmo através das lojas virtuais criadas e mantidas pelos grupos com maior capacidade de organização interna, possibilitando uma extensa rede de consumo dos produtos característicos do “estilo” dos grupos organizados (Souza, 2020, p. 22).

Em meio a postura mercantilista dos clubes, com ações de conversão do torcedor em consumidor, que visavam moldar o público por meio aumento no preço dos ingressos

e extinção de espaços específicos para as organizadas, bem como as arbitrárias medidas do Ministério Público e das autoridades governamentais para coibir a violência dos estádios, resultando em constante afastamento da arquibancada, as torcidas organizadas passam a se instituir e se representar por meios jurídicos. Souza (2000, p. 208) explica que “muitas torcidas tornaram-se formalmente ‘Pessoa Jurídica de Direito Privado’ e assumiram modelos de organização que se assemelham a empresas, incluindo estruturas físicas transformadas em sedes sociais”.

1.5. Instrumentos de legitimação jurídico-social em torcidas organizadas

Os clubes de futebol têm se esforçado para aumentar o número de seus associados (torcedores) em nível local e nacional, buscando investimentos, desenvolvendo campanhas e promovendo incentivos cada vez mais atraentes. Nesse contexto empresarial, é importante compreender o papel preponderante das torcidas, que atuam como agentes propagadores da imagem do time a serviço do clube, financiados para esse fim, ou como consumidores da "marca" clubística, ou ainda como fiscalizadores das ações financeiras do clube. No entanto, essa relação multifacetada é marcada por contradições e conflitos, revelando que a grande rede de interesses no futebol tem se sobreposto ao genuíno apoio ao clube do coração.

Quando uma ideologia é adotada por uma torcida de time de futebol, ela pode levar à formação de subgrupos dissidentes que se distinguem por novas ideologias e comportamentos (especificamente, no modo de torcer). Frente ao crescimento no número de torcidas de um mesmo clube, a informalidade desses grupos torna-se desfavorável ao controle do poder público, sobretudo em relação aos frequentes episódios de violência nas arquibancadas brasileiras a partir do fim dos anos 1990. Por conseguinte, instrumentos de legitimação jurídica foram adotados por ambas as partes: O Estado brasileiro promulga em 15 de maio de 2003 a Lei nº 10.671 – Estatuto de Defesa do Torcedor, com propósito de resguardar os direitos do consumidor de esportes enquanto torcedor. As federações esportivas e os clubes passam a condicionar a regularização das torcidas ao acesso com materiais simbólicos de grandes dimensões – faixas, bandeiras, instrumentos – oferecendo vantagens às torcidas institucionalizadas juridicamente, como reserva de ingressos e espaços delimitados nos estádios, o que nos permite pensar nas territorialidades. As torcidas passam a adotar um modelo organizacional por associação,

com estatuto próprio, corpo diretivo, conselho deliberativo e associados pagantes, de acordo com o art. 44 do Novo Código Civil (Lei 10.406 de 2002).

A fala do dirigente da torcida B traduz como a vigilância do Estado se aplica em torcidas organizadas:

A vigilância do Estado ela não se dá em si para a torcida organizada. O Estado está presente em toda questão, buscando legitimidade para que em determinado momento tenha uma vigilância, um controle. Mas em torcida organizada, por mais que o Estado oficialize nosso nome, eles não têm esse lastro para nos controlar, não importa a torcida, mas falando com certeza das torcidas do Corinthians, o Estado busca mas não tem essa bagagem para nos controlar. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

Quanto a busca pelo reconhecimento da torcida organizada pelo clube, o dirigente da torcida 1 adverte que:

Torcida organizada não tem que querer reconhecimento de clube! A torcida organizada, no final das contas, existe para apoiar e fiscalizar, a torcida tem que existir e não precisa em nenhum momento solicitar ou exigir reconhecimento do clube, e quando isso acontece, é porque tem interesse ou tem algo errado por trás. A torcida organizada é tida como órgão fiscalizador, mas ela não precisa de reconhecimento do clube não, o clube tem que saber que ela existe: “Olha, aqueles caras lá são a torcida do Corinthians”, os caras têm que saber e se não souber o pau vai quebrar e vai dar merda. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Ao nos debruçarmos sobre os critérios que legitimam uma torcida como organizada, os discursos dos dirigentes entrevistados ora convergem, ora divergem. O dirigente da torcida 4, não-hegemônica, indica o estatuto da torcida como requisito: “para ser torcedor organizado, precisamos de um estatuto com nossas diretrizes basilares”. O dirigente da torcida A, hegemônica, endossa que

O CNPJ é o de menos para ser torcida. O principal de uma torcida tem que ser o estatuto. O estatuto é a nossa base, antes de ter CNPJ, você tem que ter o estatuto, porque esse estatuto é o guia: Qual é a ideologia sua? Qual o caminho você vai seguir? Com o estatuto você cobra quando a torcida estiver desviando de seu foco. Com o CNPJ não.

Entretanto suscita uma ressalva:

Um estatuto, acho que qualquer um, assim como qualquer ONG, associação, pode se colocar e ser criado CNPJ. Mas aqui, se tratando de torcida organizada, é mais uma questão moral. Então, não é em cada esquina que você vai abrir uma torcida, né, não é assim que funciona. Aqui não é assim, enfim, digo nas torcidas do Corinthians. Tem todo um contexto. Então, pra ser... Hoje em dia não nasce mais nenhuma torcida organizada, não, não tem como não. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

O dirigente da torcida 1, cuja torcida possui CNPJ e estatuto próprio, estando assim oficializada perante os órgãos e entidades esportivas, nos explica:

Para entrarmos com o patrimônio e material da torcida, precisamos enviar um ofício para autorização do BEPE [Batalhão Especializado em Policiamento de Eventos], informar nosso cadastro, as medidas da faixa ou bandeira de acordo com o espaço destinado à nossa torcida na arquibanda e também promover alguns associados à responsabilidade de transportar esse material com segurança, associados preparados para essa função, visto que não podemos ser pegos de surpresa por torcedores rivais, correndo o risco de perder o patrimônio. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Já o dirigente da torcida B pactua com a necessidade de institucionalização jurídica das torcidas, descrevendo a relação destas com a segurança pública:

Uma torcida organizada em si vê a necessidade de, por exemplo, ter um diálogo com a Polícia Militar. A Polícia Militar não vai conversar com uma instituição que não seja legalizada, eles não conversam, eles não permitem que essas pessoas, esse grupo de pessoas, adentrem estádios, até porque você ter uma camada, um bloco que não seja oficial, que não seja legítimo, atrapalha o trabalho de quem se legitimou, acaba arrastando aquele determinado grupo de pessoas, aquela determinada torcida. Então acredito que há necessidade sim, que exista um registro. Se foi fundada a torcida, que faça seu registro, para que tenha a sua responsabilidade também, não só social, mas também jurídica. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

Por sua vez, o dirigente da torcida 1 demonstra inquietação quanto a essa necessidade, atribuindo à lógica em que opera o futebol moderno:

Isso vem por conta do futebol moderno. [...] Porque o CNPJ vai trazer essa ideia, não de deixar regulamentado, mas sim de ter uma entidade para punir, pra controlar. Olha que controverso: se para o clube nós não somos torcida organizada, para torcida organizada que é considerada “oficial” nós não somos torcida organizada, como é que para o órgão que rege a segurança nos estádios, nós somos torcida organizada? Tudo por causa de uma série, uma carreira de números em série, a partir do momento que você vai em busca do CNPJ, você consegue legitimidade, você passa a obedecer critérios jurídicos. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023 com dirigente de torcida não-hegemônica)

Na situação de não oficialização jurídica, o dirigente da torcida 2 nos indica:

Ainda assim temos o reconhecimento por parte das demais torcidas, vamos aos jogos com nossa camisa e somos parte da arquibancada, mas temos dificuldade em expor nosso patrimônio, estando a mercê de outras torcidas que possuem essa institucionalização para entrarem com nosso material. (Entrevista realizada em 03 de junho de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

O dirigente da torcida D contesta acerca dos critérios jurídicos e sociais que devem ser obedecidos para que um movimento torcedor possa ser considerado uma torcida organizada e assim exercer a representação. Argumenta que:

O critério é um só: estar na arquibancada. [...] Têm movimentos aí que não são legalizados no Brasil afora, que fazem parte de um contexto importante, mas não adianta você ser [torcida organizada] no papel.

Exemplifica:

A Estopim ficou de 1994 a 1999 sem entrar nos jogos, mas continua existindo, quer dizer, qual a simbologia disso? [...] Para ser, de fato, deve ter a faixa na arquibancada, as bandeiras tremulando, os sócios vestindo a camisa.

Esta discussão destaca a complexidade das regulamentações que envolvem a formação e o reconhecimento desses grupos dentro do contexto esportivo, amplificada pelo fato da prática torcedora atual ser marcada por interesses econômicos e políticos para além da paixão pelo time. Essa relação ambígua levou à criação do Estatuto de Defesa do Torcedor que regula práticas, deveres e direitos individuais ou coletivos, além de estabelecer diretrizes.

Hoje a figura jurídica universalizada do torcedor-consumidor, baseada nos princípios valorativos do Código do Consumidor, é uma marca dos novos tempos e uma aliança política costurada sem a presença dos torcedores, que ainda parecem pouco sensibilizados pelo instrumento jurídico que têm às mãos (Toledo, 2012, p.154).

Para maior compreensão acerca das diferenças conceituais entre torcedor comum e torcedor organizado, utilizamos como parâmetro o próprio Estatuto do Torcedor, que determina em seu art. 2º que “o torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do país e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”, enquanto no art. 2º-A “considera-se torcida organizada [...] a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).”

No senso comum “torcedores uniformizados” e “torcedores organizados” são termos equivalentes, utilizados em referência aos torcedores agrupados e reconhecidos pelo uso de vestimentas idênticas e, em muitos casos, pelo uso de práticas violentas. Uma parcela significativa de profissionais do esporte, meios de comunicação e representantes de órgãos públicos nutre a mesma percepção (Souza, 2020, p. 195).

Toledo (2012, p. 154) averbera que “a inclusão dos torcedores no rol de direitos do consumidor, por sua vez, frequentemente tende a excluí-los das agendas políticas que ditam e legislam sobre as peças e molduras político-jurídicas que se popularizaram a partir do Código de Defesa do Torcedor”. A Lei Federal nº 10.671 de 2003, que preceitua o referido Estatuto, no entanto, foi modificada pela Lei nº 12.299 de 2010, impondo a burocratização das torcidas organizadas e servindo como um mecanismo estatal de controle e silenciamento das arquibancadas, com o pretexto de combater a violência crescente nos estádios, mas que pouco leva em conta a real necessidade de assistência aos clubes ou propostas efetivas voltadas a manter a segurança e transparência nos jogos frente a atuação torcedora.

Mas o Código estaria aí justamente para corrigir essas distorções para os torcedores consumidores de poltrona ou torcedores-mercadoria. Todavia o que deveria ficar mais claro são as consequências de tais alianças políticas e econômicas, e agora jurídicas, entre esse mercado com a mídia, com os poderes públicos e com as instituições privadas (os clubes, as federações), enfim, entre o mercado e os ditos fornecedores que gerenciam e ditam a lógica da mercadoria futebol. Aos torcedores (comuns e organizados) caberia uma aliança entre si, mas de difícil execução. Como agora ‘somos todos torcedores’ no horizonte de um mercado em expansão, estamos sujeitos e capturados pela maquinaria atomizante de um Estatuto de Defesa do torcedor-consumidor naquilo que se crê ferir os direitos individuais como torcedores (Toledo, 2012, p. 156).

Na contramão do que consta na Constituição Federal, que estabelece que nenhuma pena pode ultrapassar o indivíduo condenado e garante a qualquer cidadão brasileiro o direito a um julgamento justo, com base nos princípios do devido processo legal e da ampla defesa, juntamente com outras garantias fundamentais asseguradas, os artigos que 39-A, 39-B e 39-C do dispositivo legal impõem coletivamente às torcidas organizadas a responsabilização pelos atos individuais de seus associados, prevendo para ambos a aplicação da pena de impedimento de comparecer a eventos esportivos, independentemente de culpa em relação a um dos atos ilícitos descritos. Além disso, o Estatuto indica que mesmo aqueles associados que não estiveram presentes no evento esportivo e até que em local ou data distintos dos relativos à competição esportiva, podem ser afetados pela pena de afastamento, que desde 2019 equivale ao período de cinco anos longe das arquibancadas. O dirigente da torcida C salienta:

A gente pede muito para punir o CPF, não o CNPJ, né? Então é uma forma do Estado estar punindo a torcida, toda uma nação. Na torcida organizada a gente sabe que não tem só santo, sabe o que acontece e o que não acontece. Se sair uma briga lá no estádio, nós temos milhares de sócios, mas não vão ser todos os milhares envolvidos. Então, o Estado vai punir todos de poder entrar no estádio com sua camisa, com sua bandeira, com sua faixa. O ideal seria não punir a instituição, punir o CPF. É o que a gente cobra muito. Em cada gestão, cada eleição, a diretoria tem que ir lá registrar o estatuto, registrar a ata. Então meu nome está no Batalhão de Choque da PM, está no Ministério Público, está em todo lugar. Qualquer coisa que aconteça, eles vão me procurar como responsável da torcida. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

No Brasil, inúmeras são as propostas por parte das organizações torcedoras para que as punições administrativas e penais sejam impostas ao CPF, ou seja, ao indivíduo transgressor, não à associação coletiva, especialmente considerando o avanço da tecnologia disponível para identificação pessoal nos estádios de futebol, como câmeras digitais e ingressos intransferíveis.

[...] Tanto na esfera cível quanto na penal, a busca pelo autor do ilícito deve ser a regra básica do julgador, imputando-se a ele (autor do ilícito) a pena. Na esfera cível, por exemplo, está prevista a responsabilização de todos os moradores de um condomínio edilício em caso de dano causado por objeto arremessado em via pública, mas somente se não for possível identificar o autor do ato ilícito. Percebe-se, em toda a atividade legislativa, portanto, o cuidado de seguir o mandamento constitucional que impede que a pena ultrapasse da pessoa do condenado, ressaltando-se o caráter personalíssimo da pena (Guilhon, 2014, p. 17).

Em que pesem as particularidades legais, podemos afirmar que reduzir as torcidas organizadas a associações regulamentadas juridicamente invisibiliza agrupamentos torcedores não hegemônicos, com menor número de associados ou que carecem de força política. Portanto, para fins metodológicos de pesquisa, utilizamos, para além do jurídico, os demais instrumentos que legitimam socialmente a atuação de torcidas organizadas corinthianas nas arquibancadas e nos demais espaços sociais, quais sejam: o reconhecimento de existência e representação torcedora pelo clube e/ou demais torcidas; concepção de estatuto próprio; composição de quadro de associados; ações coletivas e; marcas e caracteres identitários da torcida.

A representação torcedora nas arquibancadas se torna inviabilizada em alguns jogos caso não haja a institucionalização jurídica por parte destas junto às entidades públicas competentes. Os poderes regionais ou locais surgem como novos interlocutores nessas relações, gerando conflitos que se colocam hoje para os arranjos dos interesses no território e tende a transformar o ambiente das tradicionais alianças sociopolíticas, definindo-se novos símbolos, elaborando-se novos discursos, mobilizando-se novos territórios.

2. AS RELAÇÕES DE PODER E AS HIERARQUIAS NAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

O presente capítulo busca investigar como se estabelecem as relações de poder a partir das dinâmicas hierárquicas em torcidas organizadas corinthianas. As subseções deste tópico são: 2.1. Relações de poder: Hierarquia, dominação, disciplina, imposição e legitimidade; 2.2. Hierarquia de torcidas como fato social, expressão de poder e representação e; 2.3. Hierarquias em torcida organizadas corinthianas. Ao longo desses subtópicos, discutiremos os conceitos de hierarquia e poder, como suas relações se manifestam em diferentes contextos sociais, utilizando da ideologia para legitimar a ordem existente. Abordaremos o poder através da dimensão hierárquica como premissa para as ações, representações e ordenamento espacial em torcidas organizadas.

2.1. Relações de poder: Hierarquia, dominação, disciplina, imposição e legitimidade.

Um escrutínio da literatura sobre o conceito de poder nos revela uma multiplicidade de abordagens e definições, o que estimula debates incessantes devido à sua inerente ambiguidade e polissemia.

No âmbito da filosofia política nos parece haver um predomínio da acepção que sustenta que a origem do poder reside na habilidade de um indivíduo em agir e estabelecer uma relação de domínio sobre os demais, resultando na produção de "efeitos desejados" ou no controle direto das ações dos outros. Nesse contexto, aqueles que detêm o poder são capazes de exercer influência e alcançar seus objetivos de acordo com seus próprios interesses (Bobbio, 1986; Lima Filho, 2013).

O sociólogo Max Weber considera o poder como fundamento da vida social, discutindo-o, também, sob o aspecto da dominação por se tratar de uma característica da sociedade moderna ocidental. Segundo Perissinotto (2008), a abordagem weberiana de poder se inscreve em uma perspectiva que considera essas relações como hierárquicas, assentadas nas ideias de conflito e de predomínio. Essa conclusão nos parece reforçada quando interpretamos as palavras de Weber.

O poder significa a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo que contra toda a resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Dominação denominar-se-á a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo em dadas pessoas; disciplina chamar-se-á a probabilidade de, numa multidão dada de homens, encontrar uma obediência pronta,

automática e esquemática a uma ordem, em virtude de uma atitude adestrada. [...] O conceito de ‘poder’ é sociologicamente amorfo. Todas as qualidades imagináveis de um homem e todas as constelações concebíveis podem colocar alguém na posição de impor a sua vontade numa dada situação. O conceito sociológico de ‘dominação’, porém, tem de ser mais preciso e só pode significar a probabilidade de encontrar submissão a uma ordem. O conceito de ‘disciplina’ engloba o ‘treino’ da obediência acrítica e sem resistência das massas (Weber, 1994, p. 33).

Diante do arcabouço sociológico de Weber, emerge uma taxonomia das relações de poder, não obstante a apresentação de uma definição singular de dominação por parte do autor, essa abordagem não implica, porém, em sua adstringência a uma única configuração. Os diferentes tipos de dominação, identificados por Weber, têm a capacidade de coexistir em diferentes graus e contextos, exercendo influência sobre as relações de poder em diversos campos sociais. O autor argumenta que, em cada caso particular, a base da dominação é estabelecida por uma ampla gama de motivos, que podem variar desde hábitos inconscientes até considerações racionais, ademais, a natureza dos motivos desempenha um papel fundamental na determinação do tipo de dominação em questão (Gomes, 2008).

Weber (1995) distingue três vertentes da dominação, identificadas “*Die drei reinen Typen der legitimem Herrschaft*”, em tradução, “Os três tipos puros de dominação legítima”: A dominação tradicional, a dominação carismática e a dominação legal.

“Há três tipos puros de dominação legítima. A vigência de sua legitimidade pode ser, primordialmente:

1. de caráter racional: baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou
2. de caráter tradicional: baseada na crença cotidiana, na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou, por fim,
3. de caráter carismático: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico, ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática). (Weber, 1995, p. 141).

Weber (1995) também informa qual é o fundamento e a base de cada um dos tipos de dominação:

No caso da dominação baseada em estatutos, obedece-se à ordem impessoal, objetiva e legalmente estatuída e aos superiores por ela determinados, em virtude da legalidade formal das suas disposições e dentro do âmbito de vigência destas. No caso da dominação tradicional, obedece-se à pessoa do senhor nomeada pela tradição e vinculada a esta

(dentro do âmbito de vigência dela), em virtude de devoção aos hábitos costumeiros. No caso da dominação carismática, obedece-se ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude da confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse carisma (Weber, 1995, p. 141).

Max Weber conduz à conclusão de que a ação social, influenciada pelas demandas socioinstitucionais, vai além da mera vontade individual, uma vez que, embora possua uma dimensão subjetiva, nem sempre ocorre de maneira plenamente livre, evidenciando uma configuração hierárquica do poder nas instituições e na sociedade.

Lebrun (1999, p. 19) desenvolve a ideia de que “nenhuma organização política, pelo menos moderna, poderia funcionar sem haver dominação”. Conforme o autor, pode-se inferir que o poder e a dominação, apesar de deterem autonomia conceitual, são intrínsecos e relacionais, de modo que uma pessoa só detém poder quando outra é privada dele.

A maior parte do tempo, os homens vão vivendo de uma forma ou outra com o poder, rezignam-se a ele, reconhecem-no... Contudo, será muito apressado concluirmos que a coerção não seja essencial para obediência política. No horizonte desta, sempre está presente, se não o temor, pelo menos a consciência da possível coação mesmo para aqueles – e são inúmeros – que nunca pensaram sequer em contestar a legitimidade do poder (Lebrun, 1999, p. 17).

As disputas pelos espaços de visibilidade emergem das relações espaço-poder que confluem na disposição de cada torcida organizada no estádio, estas ocupam diferenciadamente as arquibancadas, obedecendo a ordenamentos prévios¹ estabelecidos conforme pressupostos hierárquicos.

A compreensão da hierarquia é fundamental para analisar as dinâmicas de grupos sociais, organizações e estruturas complexas. No contexto das torcidas organizadas, onde uma forte coesão interna e uma influência marcante são evidentes, a adoção de uma hierarquia estrutural tem um papel central na coordenação e no exercício de poder desses grupos. Nesse sentido, uma questão coloca-se como crucial: O que significa hierarquia? Trata-se de um conceito muito amplo e importa-nos explorar de modo a aclarar o que se entende por tal conceito e como é adotada pelas torcidas organizadas no cenário esportivo.

De acordo com os dicionários *on-line* da língua portuguesa, hierarquia é uma “classificação ordenada, dentro de qualquer grupo ou corporação, geralmente de acordo

¹ Ordenamento prévio: Entende-se por ordenamento prévio a disposição pré-determinada, a partir da hierarquia, de cada torcida organizada nas arquibancadas.

com o poder, autoridade ou função. Relação de serviço em que o superior tem o poder de direção, e o subalterno o dever de obediência. Classificação em ordem crescente ou decrescente de escala” (Porto Editora, 2013). A Enciclopédia Significados (2023) define a hierarquia como “a ordenada distribuição dos poderes com subordinação sucessiva de uns aos outros. Uma série contínua de graus ou escalões, em ordem crescente ou decrescente”. Já o Dicionário Priberam considera a hierarquia uma “classificação ou ordenação segundo determinados critérios”.

Sobressai destas definições que a hierarquia é uma estrutura organizada de poder caracterizada por uma ordenação contínua e sucessiva de níveis, estabelecendo uma cadeia de comando ou importância que define a relação de subordinação entre os diferentes graus ou escalões, se instituindo, inclusive, entre as diversas torcidas organizadas de um mesmo clube, que se baseiam nessa estrutura para definir a ocupação espacial de cada uma delas nas arquibancadas.

Sob a perspectiva nietzschiana da “vontade de poder”, temos a luta por mais poder e a conformação através de hierarquias como fundamento do impulso da vida, na medida em que cada vontade assume certa perspectiva para com o todo, sendo essa perspectiva a que a particulariza. Nietzsche (2013, p. 210) indica que “a própria vida é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do alheio e do mais fraco, opressão, dureza, imposição das formas próprias, incorporação e, pelo menos, no caso mais ameno, exploração”. Portanto, a vontade de poder é uma força que impulsiona a existência e a ação dos indivíduos, bem como as estruturas sociais como processos dinâmicos e em constante transformação.

Como contribuição à discussão conceitual acerca do poder hierárquico, Perissinotto (2008) questiona se o poder é uma imposição ou um consenso ilusório. Segundo o autor, o poder pode ser analisado em dois amplos domínios conceituais: as relações de poder baseadas em hierarquias, sustentadas pelas ideias de conflito e dominação; ou o poder como um conjunto de interações voltadas para a consecução de interesses coletivos, fundamentado na construção do consenso.

O primeiro campo conceitual é perpassado por outra divisão: De um lado encontramos aqueles que definem poder como uma interação entre atores conscientes dos seus interesses e do caráter antagônico de suas preferências. [...] De outro lado, há os que entendem o poder como uma relação social institucionalizada, que distribui desigualmente os recursos sociais, mas cujo funcionamento ocorre à revelia da consciência dos atores (Perissinotto, 2008, p. 30).

Neste sentido, o conceito de poder de natureza hierárquica, que é essencialmente adotado nesta pesquisa, podendo ser compreendido sob uma perspectiva subjetivista ou objetivista, dependendo da consciência da atuação dos agentes hegemônicos em relação aos demais indivíduos.

Entre os autores que adotam a concepção subjetivista, que considera o poder como uma imposição da vontade, destacam-se aqueles que seguem a perspectiva weberiana, como Robert Dahl, Bertrand Russel e Nelson Polsby. De acordo com a perspectiva desses autores, o poder é entendido como uma relação social conflituosa, sujeita a resistência, entre indivíduos determinados a fazer valer seus ideais. Nesse contexto, o sujeito "A" é capaz de impor sua vontade sobre o sujeito "B" ao utilizar recursos que possam ameaçar ou impor sanções a "B", resultando na submissão de um indivíduo em relação ao outro, ou seja, uma relação de poder em que "A" exerce poder sobre "B" (Russel, 1938; Dahl, 1970; Polsby, 1974; Perissinoto, 2008).

As diferentes concepções de poder, incluindo o poder baseado em hierarquias e conflitos, têm relevância para a compreensão do poder das torcidas organizadas no contexto do futebol. Essas torcidas muitas vezes demonstram seu poder por meio de manifestações passionais nos estádios, influenciando a atmosfera dos jogos e a percepção geral do público. Através de cânticos, bandeiras e coreografias, elas expressam sua vontade e conseguem direcionar a atenção do público para suas mensagens e emoções.

Contestando essa abordagem, Steven Lukes (1976) propõe que o subjetivismo não é suficiente para capturar toda a complexidade do poder nas relações sociais, buscando a compreensão das dimensões fundamentais do poder na sociedade, a qual chama de “três faces do poder”. Para o autor, a primeira dimensão é a do “poder manifesto”, que diz respeito às decisões e ações que são tomadas de forma visível e clara, onde um ator ou grupo exerce seu poder para alcançar seus objetivos. A segunda dimensão é a do “poder latente”, que envolve a capacidade de moldar a agenda política e influenciar quais questões são levadas em consideração ou deixadas de fora do processo decisório. Nessa dimensão, os atores poderosos podem evitar que certos problemas ou interesses sejam discutidos, mantendo-os ocultos ou não permitindo que ganhem visibilidade. A terceira dimensão é a do “poder ideológico”, que opera no nível das crenças e valores das pessoas. Aqui, o poder é exercido através da manipulação das percepções e perspectivas dos indivíduos, tornando-os obedientes e conformados aos interesses dominantes, muitas vezes sem que percebam que estão sendo controlados. Dessa maneira, o Lukes (1976)

revela como o poder pode operar tanto de forma aberta e explícita quanto de maneiras mais sutis e invisíveis, delineando as estruturas de poder e controle em uma sociedade.

Por sua vez, Bachrach e Baratz (1969) afirmam que o poder não pode ser simplificado apenas à capacidade de tomar decisões. Segundo eles, a tarefa fundamental é identificar os interesses sistematicamente favorecidos pelo viés predominante em um determinado sistema político, que exclui do processo decisório uma série de questões latentes.

Retomando a discussão conceitual do poder, Russell (1979) salienta que o poder pode ser expresso por meio da utilização de força física, aplicação de recompensas e punições, bem como através da influência sobre as opiniões alheias, englobando a capacidade de instilar hábitos desejados nas demais pessoas. Nessa concepção subjetivista, o poder é compreendido como a capacidade de efetivar a ocorrência de eventos, associando-se intrinsecamente à capacidade de produzir resultados intencionais. Essa compreensão de poder destaca sua natureza multifacetada e a variedade de meios pelos quais pode ser exercido.

Por outro lado, a concepção objetivista analisa as relações de poder questionando os consensos estabelecidos. Ela reconhece a existência de uma forma de comando psíquico que atua de maneira mais refinada do que ameaças e sanções diretas, operando por meio de mecanismos que normalizam o controle de maneira imperceptível aos agentes submetidos a ele.

Atribuído por Foucault como uma rede de relações e práticas sociais que operam em todos os níveis da vida social, desde a vida cotidiana até as instituições mais poderosas do Estado e do sistema econômico, o poder não é apenas coercitivo, mas também funciona com esmero, moldando nossas percepções e experiências do mundo. Para o autor “o poder não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade.” (Foucault, 1979, p. 71). Foucault busca captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício, encarando-o não como uma entidade que é exercida por uma elite dominante, mas sim algo que está presente em todas as esferas da sociedade. Ele argumenta que o poder não é algo que se possui, mas sim algo que se exerce através de relações sociais e práticas cotidianas, assim “o poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, mas se exerce e só existe em ação [...]. O poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações

econômicas, mas acima de tudo uma relação de forças” (Foucault, 1979, p. 175). Dentre as precauções metodológicas enfatizadas pelo autor para análise do poder, surge o alerta:

Não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles [...] (Foucault, 1979, p. 183).

Ainda sob a ótica do poder por Michel Foucault, as suas formas de força e disciplina possuem dimensões distintas. O poder disciplinar se manifesta por meio de técnicas de vigilância, controle e normalização dos corpos, bem como dos comportamentos individuais e coletivos, ressalta que “o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (Foucault, 1987, p. 196). A disciplina busca moldar e regular os indivíduos, tornando-os dóceis e produtivos dentro de determinadas instituições, como escolas, prisões, quartéis (*ou estádios de futebol*).

A ‘disciplina’ não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições “especializadas” (as penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX), seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais), seja de instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder (um dia se precisará mostrar como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se ‘disciplinaram’, absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares, depois médicos, psiquiátricos, psicológicos, que fizeram da família o local do surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal), seja de aparelhos que fizeram da disciplina seu princípio de funcionamento interior (disciplinação do aparelho administrativo a partir da época napoleônica), seja enfim de aparelhos estatais que tem por função não exclusiva, mas, principalmente, fazer reinar a disciplina na escala de uma sociedade (a polícia) (Foucault, 1987, p. 238-239).

Portanto, enquanto a força se baseia na imposição direta, a disciplina atua de forma mais sutil, por meio dos dispositivos de vigilância e controle, utilizando de

monitoramento contínuo e sistemático das atividades e comportamentos das pessoas, inclusive por meio de “agentes de fiscalização”. O autor indica que “graças às técnicas de vigilância, a ‘física’ do poder, o domínio sobre o corpo se efetua [...]” (Foucault, 1987, p. 202). Além da vigilância, temos a análise da punição como outro dispositivo na obra *Vigiar e Punir*, publicada originalmente em 1975. A aplicação penal e adoção de métodos coercitivos e punitivos pelo poder público funcionam como meios de repressão, variando desde a violência física até as instituições correcionais. No livro, Foucault (1987, p. 15) argumenta que “se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo bem mais elevado”, assim o sistema de justiça mantém uma certa distância da prática punitiva, ainda que a aplicação da pena permita a institucionalização da punição pelo Estado.

A prática punitiva [...] procurará pôr o máximo de distância possível entre a pesquisa ‘serena’ da verdade e a violência que não se pode eliminar inteiramente da punição. Será feito o possível para marcar a heterogeneidade que separa o crime que deve ser sancionado e o castigo imposto pelo poder público. Entre a verdade e a punição só deverá haver agora uma relação de consequência legítima. (Foucault, 1987, p. 74).

Portanto, embora a vigilância esteja presente de maneira constante, a punição geralmente apresenta-se como necessária para reafirmar e reforçar as normas sociais. Dessa maneira, a vigilância e a punição trabalham em conjunto para manter a ordem social e reforçar o poder disciplinar.

Assumindo outra vertente que entende o poder como um conjunto de interações voltadas para a obtenção de interesses coletivos, calcado na construção do consenso, Hannah Arendt em seu ensaio *Sobre a Violência*, recusa a clássica ideia de poder voltado à violência.

Se nos voltarmos para as discussões do fenômeno do poder, rapidamente percebemos existir um consenso entre os teóricos da política, da esquerda à direita, no sentido de que a violência é tão-somente a mais flagrante manifestação do poder. ‘Toda política é uma luta pelo poder; a forma básica do poder é a violência’, disse C. Wright Mills, fazendo eco, por assim dizer, à definição de Max Weber, do Estado como o ‘domínio do homem pelo homem baseado nos meios da violência legítima, quer dizer, supostamente legítima’ (Arendt, 1985, p. 27).

[...] deve ser admitido que é particularmente tentador pensar o poder em termos de comando e obediência, e assim equacionar poder e violência (Ibid. p.34).

Arendt (1985, p. 24) define o poder como “habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido”

e o distingue da violência, que é instrumental, pois, a "violência sempre é dado destruir o poder; do cano de uma arma desponta o domínio mais eficaz, que resulta na mais perfeita e imediata obediência. O que jamais poderá florescer da violência é o poder" (Ibid. 29). A autora argumenta que o poder é uma força positiva que surge da ação coletiva e da deliberação pública, enquanto a violência é uma força negativa que destrói a possibilidade de diálogo e cooperação entre as pessoas.

O poder é originado sempre que um grupo de pessoas se reúne e age de comum acordo, mas obtém sua legitimidade mais do ato inicial de unir-se do que de outras ações que se possam seguir. A legitimidade quando desafiada fundamenta-se a si própria num apelo ao passado, enquanto a justificação se relaciona com um fim que existe no futuro (Arendt, 1985, p. 28).

O conceito de poder de Arendt (1985), pode ser aplicado para entender como as torcidas organizadas se unem e agem coletivamente em torno de seu clube de futebol, exercendo influência por meio da ação coletiva, e como essa coesão é vital para manter a legitimidade e a força do poder que exercem. Arendt (1985) destaca que o poder não é uma propriedade individual, mas sim pertence a um grupo e só existe enquanto o grupo se mantiver unido. Nas torcidas organizadas, vemos claramente a manifestação dessa noção de poder. A união desses grupos de torcedores em torno de um ideal comum, muitas vezes representado pelas cores e símbolos do clube de futebol, demonstra a capacidade de agir em conjunto e de forma coordenada. Quando essas torcidas organizadas se reúnem nos estádios, sua ação coletiva é um exemplo tangível do poder de agir em uníssono.

Arendt também distingue o poder da violência, afirmando que a violência tem o objetivo de destruir o poder. No contexto das torcidas organizadas, essa distinção é interessante. Enquanto o poder desses grupos surge da sua capacidade de unir-se e expressar sua paixão pelo time de forma coletiva e ordenada, a violência, muitas vezes associada a confrontos entre torcidas rivais, pode interromper o diálogo e a cooperação entre os torcedores. A violência não apenas prejudica o poder coletivo, mas também pode resultar em medidas de segurança mais rigorosas e em consequências negativas para a imagem das torcidas e do próprio esporte, como muitas vezes temos visto no campeonato brasileiro.

A legitimidade do poder, como Arendt aponta, está relacionada à capacidade de um grupo de se manter unido em torno de um ideal compartilhado. No contexto das torcidas organizadas, a legitimidade do poder está intrinsecamente ligada à manutenção dessa coesão e da capacidade de agir em conjunto. Quando desafiada, a legitimidade

encontra sustentação em apelos ao passado e à história do grupo, enquanto a justificação está relacionada aos objetivos futuros.

Sobre o poder entre grupos, Ferreira Filho (1985) revela um posicionamento oposto do abordado por Arendt, afirmando que em uma sociedade global, os grupos exercem relações de poder entre si, pautadas tanto na violência, quanto no consenso. O autor assume a premissa de que “[...] grupos determinam a conduta de outros grupos, exercendo sobre estes influência, autoridade ou comando. Exercem este poder imbuídos de que o podem fazer, ou de que têm o direito de fazê-lo, sobre grupos que aceitam esse poder, de bom ou de mau grado” (Ferreira Filho, 1984, p. 119). Seria essa a ideia de “poder legítimo”, correspondendo ao que é reconhecido como direito de um determinado grupo, como consenso ou pacto social. O conceito de poder apresentado por Ferreira Filho, que abrange influência, autoridade ou comando exercidos por grupos sobre outros, também pode ser aplicado para analisar a dinâmica das torcidas organizadas no contexto do futebol. Esses grupos demonstram a capacidade de exercer uma forma de "poder legítimo" sobre outros grupos, tanto por meio do consenso quanto pela imposição ou violência.

Quando relacionamos essa perspectiva com as torcidas organizadas, é possível perceber uma analogia. As torcidas organizadas, como grupos coesos e engajados, exercem uma forma de poder sobre outros grupos de torcedores e até mesmo sobre a administração dos clubes de futebol. Elas podem influenciar as ações e decisões desses outros grupos, seja por meio do apoio apaixonado ao time, pela criação de atmosferas intensas nos estádios, ou até mesmo pela pressão exercida sobre os dirigentes dos clubes.

As torcidas organizadas, muitas vezes, baseiam sua influência no consenso daqueles que compartilham dos mesmos ideais, em uma adesão voluntária à sua liderança e à sua capacidade de mobilização. Ao mesmo tempo, há casos em que essa influência pode ser exercida de maneira mais coercitiva ou impositiva, quando, por exemplo, a torcida com maior expressividade numérica, estabelece os espaços de torcida e a disposição dos símbolos identitários nas arquibancadas das torcidas dissidentes, como também, através de manifestações de pressão, protestos ou mesmo atos de violência.

Na discussão teórico-conceitual do poder, a legitimidade é compreendida como um conceito intrinsecamente ligado à aceitação. Entre os principais teóricos, destaca-se o pensamento de John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Segundo Locke (1991), a legitimidade deriva do consentimento dos governados. Para ele, “o consentimento

explícito de cada membro da comunidade à apropriação de cada um de qualquer parte do que se dá em comum, [...] sem atribuir a cada um a sua parte em particular” (p. 46). Rousseau, por sua vez, enfatiza a ideia do contrato social, no qual a legitimidade é alcançada por meio de um acordo coletivo e igualitário entre os cidadãos. Para ele, a aceitação voluntária dos indivíduos em relação ao poder exercido é fundamental para que este seja considerado legítimo, uma vez que a coerção indica uma diminuição ou ausência de legitimidade.

O mais forte nunca é suficientemente forte para ser sempre o senhor, senão transformando sua força em direito e a obediência em dever [...] A força é um poder físico; não imagino que moralidade possa resultar de seus efeitos. Ceder à força constitui ato de necessidade, não de vontade; quando muito ato de prudência. Em que sentido poderá representar um dever? (Rousseau, 1987, p. 25).

Rousseau argumenta que a submissão de um indivíduo a outro é contrária à essência humana, sendo resultado de um processo de socialização que ocorreu de maneira ilegítima. Essa compreensão da legitimidade não se restringe apenas ao poder estatal e à sociedade política, mas também é aplicável à subordinação econômica e aos mais diversos grupos sociais.

Outra abordagem do poder deve ser entendida como uma relação social que se baseia na produção e disseminação de símbolos, discursos e representações por parte das elites econômicas, políticas e/ou culturais, os quais norteiam a percepção e a compreensão da realidade pelos agentes ou grupos sociais, reproduzindo relações de poder desiguais. O poder simbólico seria “[...] esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 8), constituindo uma rede sutil e intrincada, que é absorvida dentro de um contexto social específico.

Nesse sentido, Bourdieu (1989) compreende o poder simbólico como uma forma legitimada e transformada de outras formas de poder, sendo exercido por meio da enunciação, ou seja, da capacidade de fazer com que as pessoas vejam e acreditem em determinadas ideias, com o intuito de legitimar a dominação simbólica e a exclusão de determinados grupos sociais. O poder simbólico, portanto, seria a capacidade de impor, segundo seus interesses, essas classificações hierarquizadas e avaliações, tornando-as aceitas e naturalizadas pelos agentes sociais, mesmo que elas não correspondam à realidade objetiva.

Essas lutas simbólicas, tanto as lutas individuais da existência cotidiana como as lutas coletivas e organizadas da vida política, têm uma lógica específica, que lhes confere uma autonomia real em relação às estruturas em que estão enraizadas. Pelo fato de que o capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social. Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ela resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente (Bourdieu, 1990, p. 163).

Bourdieu (1990) chama a atenção para a relativa autonomia dos sistemas simbólicos das estruturas sociais e de seu poder constitutivo, ou seja, para sua capacidade de talhar a realidade, moldando representações compartilhadas do mundo, argumentando que as estruturas simbólicas, como as classificações sociais, as categorias de pensamento e as representações coletivas, são fundamentais para a construção e manutenção do poder, de acordo com um determinado consenso social. Assim, esses sistemas simbólicos podem desempenhar um papel tanto na coesão social quanto na perpetuação de desigualdades nas relações de poder.

Nas torcidas organizadas, esse poder simbólico é evidente. Esses grupos frequentemente produzem e disseminam símbolos, discursos e representações que delineiam a percepção dos torcedores sobre seu time, suas rivalidades e sua identidade como torcedores. As músicas, bandeiras, faixas e rituais dentro dos estádios são exemplos claros desse poder simbólico. As torcidas organizadas têm a capacidade de influenciar a visão dos torcedores sobre o que é importante, sobre quem é o adversário e sobre os valores compartilhados.

Bourdieu (1990), destaca que as estruturas simbólicas têm relativa autonomia em relação às estruturas sociais e desempenham um papel constitutivo na construção do poder. Ao analisarmos as torcidas organizadas, isso se reflete na forma como esses grupos podem influenciar as representações compartilhadas do mundo do futebol, como influenciam a maneira em que os torcedores veem sua própria identidade e a identidade dos adversários e como contribuem para a coesão interna e para a manutenção de rivalidades. Esse poder simbólico é parte integrante da força torcedora, bem como da perpetuação de suas culturas e relações no contexto futebolístico.

2.2. Hierarquia de torcidas como fato social, expressão de poder e representação

A hierarquia em torcidas organizadas de futebol não surge de maneira aleatória; ao contrário, ela é resultado de uma intensa interação de fatores históricos, sociais e institucionais. Sugere o dirigente da torcida B que a diferenciação entre torcidas organizadas “é questão de ideologia e formas de agir”. Em seguida, complementa sua fala garantindo que “as torcidas são coletivos, mas singulares.”

Ao investigar a sobreposição de uma torcida sobre a outra, o debate sobre as formas de poder e representação ganham relevância, consolidando as estruturas ontológicas que orientam a identidade e as ações coletivas desses grupos torcedores. Assim, conceitos fundamentais na sociologia durkheimiana emergem para fomentar a discussão desse fenômeno contemporâneo.

Durkheim (2007, p. 13) define fatos sociais como

toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais.

O autor elucida ainda que “só há fato social onde há organização definida” (2007, p. 4). Dessa maneira, visualizamos na hierarquia de torcidas organizadas, elementos que exemplificam as características marcantes de um fato social. Primeiramente pelo caráter da exterioridade, pois existe independentemente das vontades individuais, já que novos membros das torcidas são imediatamente introduzidos a essa estrutura preexistente, que devem aceitar e seguir. Como segundo elemento, temos a sua natureza coercitiva, uma característica central dos fatos sociais durkheimianos, onde os membros são compelidos a obedecer às normas hierárquicas estabelecidas, com sanções possíveis para aqueles que falham em conformar-se. Adicionalmente, se apresenta como um fenômeno geral dentro das torcidas organizadas, manifestando-se em diversos clubes e culturas, que apesar das variações específicas, nota-se como constante a presença de alguma forma de estrutura hierárquica, refletindo a generalidade necessária para classificar um padrão como fato social. Por fim, serve funções sociais importantes, facilitando a coordenação e a execução de ações coletivas e contribuindo com a manutenção da ordem, da eficácia, da identidade e da continuidade do grupo.

Essas características tornam a hierarquia de torcidas organizadas um caso emblemático de fato social no contexto do esporte e da cultura torcedora, oferecendo uma

lente através da qual podemos examinar a natureza e a função dessas estruturas hierárquicas.

Em mais uma contribuição de Durkheim (1995), notamos a relação entre a hierarquia de torcidas com o conceito da representação coletiva, sendo esta um modo pelo qual um grupo concebe sua interação com os elementos que o influenciam, referindo-se às maneiras comuns de pensar e sentir compartilhadas por seus membros, podendo abranger aspectos simbólicos e ideológicos de uma cultura como base para a consciência coletiva.

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único, ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade, mas tem, ainda assim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato, ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. É a mesma no Norte e no Sul, nas grandes e nas pequenas cidades, nas diferentes profissões. Do mesmo modo, ela não muda a cada geração, mas liga umas às outras as gerações sucessivas (Durkheim, 1995, p. 50).

Nesse contexto, as torcidas organizadas representam microcosmos onde essa consciência coletiva se manifesta de maneira intensa, visto que exibem uma cultura robusta e distintiva, permeada por tradições, normas e valores partilhados que são transmitidos de geração em geração, adaptando-se quando necessário, mas mantendo certos elementos centrais. Essa continuidade é crucial para a manutenção da coesão e do espírito comum dentro de torcidas que, frequentemente, contam com milhares de membros dispersos por grandes áreas geográficas. Assim, independentemente das cidades de origem, do quantitativo humano da organização, ou das profissões de seus associados, cada torcida detém seu estatuto e sua ideologia, apesar de compartilharem de uma paixão comum e devoção ao clube.

Assegura, pois, um dirigente da torcida A:

A gente tem uma ideologia que vem de anos, as torcidas sabem que a arquibancada é coisa séria. A gente tá lá pra apoiar o coringão, pra cantar. Pra empurrar o coringão pra dentro do gol. Se tratando de Corinthians, a mística tá aí, todo mundo sabe a força que a fiel torcida tem. Agora me espanta o corinthiano [torcedor comum], entendeu? Ele acha que ele tá indo pra passear? A gente acha que ele tá indo pra quê? Pra ele tirar a selfie dele. Por mais que a tecnologia tá aí, a gente não vai ser arcaico de não querer usar. Faz filmagem quem tem que fazer, que são os profissionais. Fora isso, você como torcedor, tá indo lá, você vai pra torcer, pra cantar. Vai ter que voltar rouco pra sua casa. Ah, você não gosta de cantar? Então fica em casa. Compra a sua cadeira lá, vai no [setor] oeste. Vai lá, compra seu camarote. Aqui a gente tem uma obrigação sagrada, sabe por quê? Porque a gente tá impondo, porque a mística é essa. Se a gente não cantar, o Coringão não chega dentro do gol. Então chegamos a isso:

você é corinthiano mesmo? Tem gente que não entende isso, a gente não tem tempo pra ensinar também. Então, se o cara não acessa a tecnologia que tem, no YouTube, toda a nossa história, o cara não entendeu o que tem que fazer na arquibancada, então ele tem que aprender na marra. Então, se aprender na marra é falar que a gente é ditador, usa a palavra que quiser, tá ligado? Tá todo mundo muito mal acostumado com a essência de ser Corinthians, tem a música nem é à toa: ‘é ir além de ser ou não ser o primeiro’. O Corinthians é coisa séria! (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

A fala faz menção ao renomado músico paulista, Toquinho, em sua canção “Corinthians do meu coração”, que descreve essa devoção ao clube no trecho “tu és religião de janeiro a janeiro. Ser corinthiano é ir além de ser ou não ser o primeiro. Ser corinthiano é ser também um pouco mais brasileiro”. Associando o cântico à concepção de Durkheim em torno do sagrado, Gabatz e Zeferino (2017) destacam a relação dos simbolismos sacros à comunidade, estando essa visão intimamente ligada aos indivíduos por meio de uma autoridade moral. Dessa maneira, esta perspectiva enfoca os procedimentos adotados pela torcida corinthiana, comumente associada ao termo “fiel torcedor”, assentindo a percepção que o simbolismo místico trabalha para perpetuar estruturas hierárquicas.

Na concepção de sagrado, Durkheim (1996) concebe o termo como um preceito social amplamente aceito pela consciência coletiva, carregando consigo uma conotação de algo a ser protegido, respeitado ou reverenciado, podendo esses regimentos se manifestarem tanto nas práticas sociais cotidianas quanto nos rituais religiosos, sendo o sagrado, portanto, uma dicotomia entre o individual e o coletivo, em que o coletivo representa a força normativa que transcende o indivíduo.

A partir da abordagem psicossociológica de Moscovici, que se concentra na teoria das representações sociais, o autor descreve que “as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (2003, p. 8). Por serem construções coletivas, as representações sociais estão intrinsecamente ligadas às divergências socio-ideológicas na sociedade, sendo formas de conhecimento geradas e mantidas por grupos específicos.

A luz do conceito de representação social, apresentamos a contribuição de Jodelet (1994, p. 36), que descreve a representação social como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Santos (2011, p. 27) alerta sobre “a impressão que se tem é de que estes autores são os expositores máximos desta problemática e único caminho possível para o diálogo, quando na verdade, estão inseridos em uma ampla tradição de reflexão para a qual é importante a idéia da representação [...]”.

Para ilustrar a complexidade do conceito de representação, Pitkin (2006) oferece uma análise semântica que revela as nuances culturais e linguísticas que influenciam o entendimento desse termo em diferentes contextos:

O conceito de representação é um caso instrutivo porque seu significado é altamente complexo e, desde muito cedo na história dessa família de palavras, tem sido altamente abstrato. [...] A representação é, em grande medida, um fenômeno cultural e político, um fenômeno humano. Desse modo, o ‘mapa semântico’ das palavras inglesas da família ‘represent-’ não corresponde bem ao ‘mapa semântico’ de termos cognatos até mesmo em outros idiomas muito próximos ao inglês. Por exemplo, a língua alemã tem três palavras – *vertreten*, *darstellen* e *repräsentieren* – que geralmente são traduzidas pela palavra inglesa “represent”. *Darstellen* significa “retratar” ou “colocar algo no lugar de”; *vertreten* significa “atuar como um agente para alguém”. O significado de *repräsentieren* é próximo ao de *vertreten*, mas é mais formal e possui conotações mais elevadas (teóricos alemães da política, às vezes, argumentam que meros interesses privados egoístas podem ser *vertreten*, mas o bem comum ou o bem do Estado devem ser *repräsentiert*). Entretanto, o significado de *repräsentieren* não é, de forma alguma, próximo àquele de *darstellen*. Então, para quem fala em inglês o modo pelo qual uma pintura, um pintor ou um ator de palco representam, e o modo pelo qual um agente ou um legislador eleito representam, obviamente, estão ligados ao mesmo conceito. O mesmo não acontece para quem fala em alemão. (Pitkin, 2006, p. 16)

Comparando os termos relacionados à representação em inglês e alemão, Pitkin mostra como as diferentes línguas estruturam de maneiras distintas os significados associados à representação. Essa análise evidencia que o conceito de representação é profundamente cultural e político, variando significativamente entre diferentes contextos linguísticos e culturais, o que enriquece ainda mais a discussão a respeito do termo.

Etimologicamente, o termo “representação” origina-se da palavra latina “*repraesentare*” sendo o ato de tornar presente algo que está ausente, seja uma pessoa, um objeto ou uma ideia, por meio de um substituto ou de uma manifestação simbólica. Esse conceito implica a capacidade de apresentar novamente ou trazer à tona uma realidade, conceito ou entidade que não está fisicamente presente, mas que se faz perceber através de uma forma intermediária. A representação, portanto, envolve tanto a evocação do ausente quanto a atribuição de significado ao que o substitui ou o simboliza. (Makowiecky, 2003; Santos, 2006)

De acordo com Blázquez (2000, p. 170) em dicionários de língua portuguesa o significado de representação se construiu a partir de quatro eixos: I) “o ato ou efeito de

tornar presente”, “patentear”, “significar algo ou alguém ausente”; II) “a imagem ou o desenho que representa um objeto ou um fato”; III) “a interpretação, ou a performance, através da qual a coisa ausente se apresenta como coisa presente”; IV) “o aparato inerente a um cargo, ao status social”, “a qualidade indispensável ou recomendável que alguém deve ter para exercer esse cargo”; podendo se tornar uma “posição social elevada”.

Assim, o dirigente da torcida B endossa que “a hierarquia remete à representação”.

Explica:

A questão da representação funciona da seguinte maneira: se você ocupa uma posição mais alta na escala da hierarquia, automaticamente você tem o maior poder de decisão e o maior poder de voz, isso é óbvio, não importa se é a torcida A, torcida B ou C, ela é mais velha ou não, se tem mais representatividade numérica. Há a necessidade de que você respeite a idade, porque quanto mais velha a torcida, mais garoa já tomou, então isso precisa ser respeitado, mas também não levar a risca, é necessário que você pense tanto na idade, quanto o respeito, a representação da torcida, o que a torcida já fez, a garoa que já tomou, as estradas que já rodou, entendeu? (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

Portanto, a hierarquia entre torcidas é influenciada por critérios como o ano de fundação, o número de torcedores que a compõem e sua presença nas arquibancadas, sendo esta estabelecida, em grande parte, como uma manifestação da competição pelo reconhecimento e pela representação dentro do cenário futebolístico: torcidas mais antigas tendem a reivindicar uma posição de prestígio e respeito, embasadas em sua tradição e longevidade; aquelas com maior quantitativo de membros buscam afirmar sua influência por meio da representatividade numérica e da capacidade de mobilização; em contrapartida, torcidas de menor porte buscam sua representação através do fortalecimento identitário de seus associados para compor uma resistência material e simbólica nas arquibancadas.

Essa sobreposição hierárquica se traduz em estruturas de poder que permeiam as relações entre torcidas de um mesmo clube, influenciando desde a ocupação física de espaços nas arquibancadas até os embates simbólicos travados por meio da massiva exposição de faixas e de bandeiras de uma determinada torcida. Através da hierarquia, a torcida afirma sua hegemonia e domínio territorial sobre o espaço físico do estádio, o que reflete uma disputa de poder que extrapola os limites do jogo em si.

O dirigente da torcida B (considerada hegemônica no âmbito deste trabalho) garante que:

O torcedor organizado é representado pela sua faixa e pelas suas camisas. O pesado mesmo da faixa é o nome e o que ele representa pra nós, um patrimônio, uma bandeira, um instrumento, é como você, o seu coração. [...] Existe a

necessidade de que o mundo em si veja nosso nome e a necessidade de que você tenha a faixa, tenha o patrimônio. Mas é muito maior, é muito mais complexo o sentido, a ideia de que o nome é pesado, ele precisa ser sempre respeitado, é o peso da instituição, é uma instituição de muitos anos, onde já ocorreram diversos conflitos internos, externos, mas todo mundo lutando pelo nome, para que o nome fosse bem representado. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

Ao passo que o dirigente da torcida 3, do grupo das torcidas não-hegemônicas, explicita as relações hierárquicas, reiterando que

Existe uma hierarquia! As torcidas [corinthianas] de São Paulo têm prioridade para estender suas faixas. Nós temos o entendimento que, por essas torcidas serem mais antigas e representarem a voz corinthiana em todo o mundo, passam a ter prioridade de representação. Nós respeitamos, mas não aceitamos. (Entrevista realizada em 04 de junho de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Sendo assim, a representação nas arquibancadas assume um papel preponderante na construção e na manutenção da identidade coletiva das torcidas organizadas, funcionando como um meio de reafirmar valores, reivindicar espaços e firmar a presença nos estádios.

Ibañez em "*Ideologia da Vida Cotidiana*", lançado em 1988, realiza uma análise minuciosa das interações sociais e ideológicas que regulam o cotidiano, argumentando que é nas práticas cotidianas mais simples e rotineiras que as ideologias se manifestam de forma insidiosa, servindo como instrumentos de controle social que moldam as percepções, valores e comportamentos dos grupos para manter as estruturas de poder existentes na sociedade.

Nesse sentido, ao confrontarmos os discursos dos dirigentes de torcidas hegemônicas (A, B, C, D) com os discursos dos dirigentes de torcidas não-hegemônicas (1, 2, 3, 4, 5, 6), notamos que a intensidade de representação, muitas vezes motivada pela hierarquia, tende a invisibilizar as torcidas do segundo grupo, sendo este sistema severamente criticado quanto a sua legitimidade, conforme elucidado pelo dirigente da torcida 1:

Não é legítimo! Primeiro que na arquibancada, independentemente de ser torcida organizada ou não, o propósito final é apoiar o Corinthians de forma incondicional, se você não entende isso, você sequer é torcedor do Corinthians. Esse lance de representação, de formação de grupos e delimitação de espaço, tem sempre por trás uma palavra chamada interesse, e aí a gente teria que entrar nas entranhas mesmo de cada uma delas [torcidas hegemônicas] para saber qual é de fato o interesse. Imagino que hoje o interesse de todos é meramente financeiro, o que não é legítimo. Eu acho que independentemente do tamanho do seu movimento, você tem que respeitar os demais, porque a finalidade maior [...] tem que ser o Corinthians, o propósito de tudo é Corinthians e aí quando você chega com a ideia de que o seu movimento é isso, é aquilo, é mais forte, é maior e tal, você deixa de ser Corinthians pra ser pelo movimento, então perde toda a legitimidade que sequer um dia chegou a existir. Então as relações entre

torcidas organizadas corinthianas não são apenas hierárquicas, como são impostas. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Associamos esta fala ao que Ibañez (1988) reconhece como potencial do cotidiano, sendo este um espaço de resistência e contestação, onde os grupos buscam criar alternativas e subverter as ideologias dominantes, criticando vigorosamente as ideologias veiculadas pelos meios de comunicação e instituições poderosas, destacando como distorcem a realidade em prol de interesses hegemônicos. Destacamos, ademais, a fala do mesmo dirigente:

De acordo com essa hierarquia imposta, essa questão das faixas ali é que delimita o espaço, o que importa é o nome, a marca que está estampada através das faixas. Os espaços são delimitados através do tamanho das faixas, porém o quantitativo, capital humano, também chega a pesar [...] Quem tem que estar na arquibancada é o corinthiano! Quem tem que estar lá é o torcedor do clube. Se o cara vai pro estádio com a predisposição de apoiar, ajudar a alavancar a ideia do clube vencer através do seu grito, de sua manifestação pró situação, ali ele é fundamental! Agora, quando você leva para arquibancada, movimentos ou empresas - porque as torcidas organizadas hoje são empresas - onde não se abre mão de coisas banais para poder tornar o clube forte, elas tornam-se desnecessárias [...] Isso não chega como apoio aos atletas em campo, que é a ideia principal, quando você tem uma torcida atuante, forte, coletiva e unitária, isso chega [como apoio aos atletas]! (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Ainda de acordo com Ibañez (1988), as representações não são estáticas, mas sim dinâmicas e orientadas por processos comunicativos contínuos, como um “conjunto de práticas sociais que se relacionam com as diversas modalidades de comunicação social. É, de fato, nos processos de comunicação social que se origina a construção das representações sociais.” (p. 41)

Desta maneira, as relações de poder e as assimetrias presentes na produção e disseminação de discursos sociais dominantes oferecem uma compreensão mais profunda de como certos grupos conseguem impor suas representações sobre outros, marginalizando perspectivas alternativas e reforçando estruturas de dominação. Essas representações se manifestam nas práticas e nas narrativas que esses grupos constroem, tanto sobre si mesmos quanto sobre os demais, moldando a percepção coletiva. As narrativas das torcidas hegemônicas, frequentemente influenciadas por sua posição de poder, tendem a sobrepor suas representações às das torcidas não-hegemônicas, silenciando vozes dissidentes. Nesse contexto, o discurso em torno das torcidas organizadas é carregado de significados e interesses, muitas vezes voltados para a manutenção de uma ordem social e hierárquica que beneficia os grupos hegemônicos.

Tal reflexão nos é permitida a partir da análise de discurso do dirigente da torcida 5, onde afirma seguirem as bases ideológicas dos Gaviões da Fiel, entretanto sentem a necessidade de maior representação da sua torcida nas arquibancadas dos estádios, ao menos em sua cidade natal:

Todos da nossa liderança são associados com os Gaviões, então a gente segue a ideologia deles. [...] O nosso direcionamento, quem recebe a gente lá, sempre foram os Gaviões. A gente não força alguém que chegue aqui para que vá se associar a eles, não! Mas quando a gente acha que tem alguém que tem um perfil, aí a gente pega no pé. [...] E existe uma hierarquia, querendo ou não, a gente respeita. Mas assim, é justo? Não é justo. Pros movimentos ou torcidas locais. Quantos jogos tem aqui, esses jogos maiores? O próprio cara que mora aqui não pode ir no jogo, porque não teve venda de ingresso, foi tudo patrocínio, cotas de ingresso. Então assim, o cara que espera aquela, uma ou duas, oportunidades no ano, não consegue ir. Não tem venda de ingresso. Então assim, bate na hierarquia. (Entrevista realizada em 13 de novembro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

A inquietação acima é justificada por um dirigente da torcida A, quando indagado sobre a escassez na representação de torcidas não-hegemônicas nas arquibancadas, nos afirma que não são consideradas e especifica sua posição:

Acho que pela falta de algo. Nunca chegou para mim que têm torcidas de fora [de SP] que são torcida organizada. [...] Falta o diálogo mesmo. Nunca soube que era uma torcida mesmo, assim. E ninguém aqui sabe. [...] Eu acho que cabe a eles vim aqui, trocar ideia. Porque o Corinthians é fundado aqui, né? Fazer uma reunião com todas torcidas. Para ser reconhecido, primeiramente o pessoal tem que saber que eles são torcida. Ninguém sabe. Dificilmente conseguem colocar uma faixa no alambrado. Porque é hierarquia. É hierarquia. Nós chegamos em qualquer lugar. É quem está rasgando o Brasil inteiro que tem o direito. É esse passo conquistado. Se eles não rasgam o Brasil inteiro, não têm direito. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2024 com dirigente de torcida hegemônica)

No contexto específico das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, a hierarquia se apresenta como uma forma clara de poder, com a existência de subgrupos e divergências políticas ou ideológicas, onde cada torcida busca consolidar sua posição na hierarquia e, assim, representar nas arquibancadas.

As contribuições do geógrafo Henri Lefebvre, em sua obra "*La Presencia y la Ausencia: Contribución a la Teoría de las Representaciones*" (1983), se mostram valiosas para explorar o complexo relacionamento entre o que é perceptível (presença) e o que é imperceptível ou ausente (ausência) nas experiências humanas e na produção do espaço. Apoio-me na visão do autor de que “as representações são fatos sociais, psíquicos e políticos” (p. 26) que “circulam, em torno de fixações: as instituições, os símbolos e arquétipos. Interpretam a vivência e a prática; intervêm nelas sem, no entanto, conhecê-las ou dominá-las. Fazem parte delas, apenas a análise as distingue”.

O dirigente da torcida A destaca a interdependência entre o espaço físico e as representações simbólicas que moldam a experiência dos torcedores e sua relação com o clube:

Quem defende o Corinthians em qualquer lugar do mundo são as torcidas organizadas. Então, gostando ou não, aceitando ou não, quem é a torcida fiel, quem é a ponta da faca é a torcida organizada, somos nós. O corinthiano que quer se sentir representado tem que olhar com carinho para a torcida organizada. Não que a gente seja mais corinthiano, não é isso! Mas a gente se propôs a pôr nossas vidas em prol de um símbolo. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2024 com dirigente de torcida hegemônica)

Lefebvre (1983) examina como as representações incorporam tanto elementos que são diretamente experienciados (presença) quanto aqueles que estão ausentes, mas ainda influenciam a percepção e o comportamento (ausência). Como exemplo que ilustra essa visão: em estádios de futebol, uma torcida organizada, com suas faixas e bandeiras (presença) evoca histórias ou eventos que não são visivelmente presentes, mas moldam a experiência do espaço (ausência). Assim, podemos abordar a representação como elemento central na maneira como as torcidas compreendem e interagem com o mundo ao seu redor.

O modo de existência das representações só pode ser concebido levando-se em conta as condições de existência deste ou daquele grupo, povo ou classe. Elas vêm de uma conjuntura ou conjunção de forças em uma estrutura social em que há grupos, castas, classes, mas se dirigem a toda a sociedade; representam a figura, a imagem que um grupo (ou casta ou classe) dá de si mesmo, ora para outros, ora para si, sem que uma coisa exclua a outra. Aqueles dominados [...] não têm outra escolha senão aceitar as imagens impostas pelos dominantes e reproduzi-las internalizando-as, não sem desviá-los, de acordo com a força do protesto e direcioná-los contra aqueles eles os produzem. Os dominantes, acentuando certos traços naturais, torná-las uma definição de natureza "definitiva". É assim que é possível oferecer, sem "mentir" particularmente, uma imagem que perpetua a dominação. O que há em jogo não é única e simplesmente econômico; os propósitos e os interesses estão ocultos; Se eles aparecerem na sua verdade, eles falham. As representações amplificam, deslocam, transpõem certas "realidades". Fazem parte de uma estratégia "inconsciente". Elas nascem como símbolos no imaginário e se fortalecem ao se tornarem comuns, quase instituídas. (Lefebvre, 1983, p. 60)

Com base nas ideias de Lefebvre, não é pertinente categorizar algumas representações como "verdadeiras" e outras como "ficcionalis". É essencial compreender as representações dentro do contexto do poder e do discurso, reconhecendo que elas estão intrinsecamente ligadas às práticas coletivas e não podem ser plenamente entendidas sem considerar essa interconexão.

Em que pesem as definições tradicionais de representação, ainda que possivelmente, em outros contextos, possamos associá-las às torcidas organizadas,

podemos afirmar que a ideia de representação adotada nesse estudo, baseada na análise do discurso dos entrevistados, se traduz nas ações coletivas que expressam a identidade de um grupo, convergindo na sua presença física e/ou simbólica. Ou seja, a representação I) ocorre por meio da apropriação de espaços pelo grupo e na conformação de suas territorialidades e; II) se manifesta através de elementos simbólicos (em torcidas: cânticos, bandeiras e uniformes) ou através de comportamentos que evocam as tradições e refletem os valores coletivos. Ademais, a representação de uma torcida inclui a exposição de faixas e outros signos que carregam marcas identitárias, bem como as interações e o discurso público dessas, moldados por dinâmicas de poder internas e pelo desejo de influenciar ou controlar a narrativa em torno de suas atividades e do clube que apoiam.

Portanto, ao examinar a hierarquia entre torcidas organizadas, é essencial considerar as dimensões simbólicas e emocionais que permeiam esse fenômeno. A análise histórica e sociológica, enriquecida pelas contribuições de Durkheim, Moscovici, Jodelet, Santos, Pitkin, Makowiecky e Ibañez, acrescida de um olhar interdisciplinar com a Geografia, sobretudo com os trabalhos de Lefebvre, nos ajuda a compreender as dinâmicas de poder e afirmação de identidade que conformam as relações entre as torcidas e sua representação nas arquibancadas.

2.3. Hierarquias em torcidas organizadas corinthianas

A hierarquia entre torcidas organizadas, um fenômeno intrínseco ao universo do futebol e suas rivalidades, é fundamentada em critérios que vão além do simples ato de torcer. A origem desse sistema hierárquico em torcidas organizadas corinthianas pode ser rastreada até suas raízes, com a ascensão de líderes carismáticos, aliada a representação torcedora em eventos marcantes na história do clube – tal qual a Democracia Corinthiana ou as três Invasões Corinthianas.

Este estudo propõe que as torcidas organizadas do Corinthians são divididas em dois blocos principais: as torcidas hegemônicas, que fazem parte da hierarquia, sendo fundadas no estado de São Paulo e incluem os Gaviões da Fiel, Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim, Coringão Chopp e Macabra; e as torcidas não-hegemônicas, que não integram esse sistema, nomeadamente Fiel Belo Horizonte (MG), Fiel CE (CE), Fiel João Pessoa

(PB), Fiel Manaus (AM), Fiel Piauí (PI), Fiel Salvador (BA), fundadas fora do estado de São Paulo.

Neste contexto, a hierarquia e o funcionamento desses grupos revelam uma profunda teia de relações sociais e culturais que moldam a experiência do futebol. A partir dos discursos dos dirigentes de diferentes torcidas, é possível discernir como essas relações são estruturadas e as dinâmicas de poder que as influenciam.

O dirigente da torcida 2 afirma que “no caso das torcidas do Corinthians, a hierarquia é como uma lei. Os espaços são respeitados: primeiramente as principais [hegemônicas], mas as menores [não-hegemônicas] já estão buscando destaque. Acredito que a representação seja uma forma de troféu.” Ao ser indagado a respeito da consolidação da hierarquia de torcidas como uma forma de representação, relata que “a hierarquia é mais como uma imposição, até porque essas torcidas, as quais detêm as primeiras posições nessa certa hierarquia, são as que tem o reconhecimento do clube e assim se impõem a ter o direito sobre espaço”.

O depoimento do dirigente da torcida B explicita com enorme clareza as relações hierárquicas entre as torcidas corinthianas, revelando, por conseguinte, como essas relações reverberam na ocupação e organização espacial dos estádios, em especial da Neo Química Arena.

Hoje o maior número de pessoas que vai entrar na arquibancada [setor] Norte do Corinthians, na Neo Química Arena é o Gaviões da Fiel, depois vem a Camisa 12, a Pavilhão 9, a Estopim, em seguida a [Coringão] Chopp e por último a Macabra. Tudo isso deve ser organizado, separado. Se o estádio é menor e recebe menor quantidade de pessoas, há uma divisão espacial por cima dessa hierarquia e representação. [...] A gente tem esse conhecimento, tem esse respeito, tem essa reciprocidade e existe a hierarquia, não é algo que atrapalha, não atrapalha, é algo que, de certa forma, pode servir até como uma motivação para outra torcida aumentar o número de sócios ou melhorar a forma com que aborda o corinthiano, para que torne-se associado. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2024, com dirigente de torcida hegemônica)

A hierarquia marca e estrutura as relações e as práticas, sendo conscientemente admitida pelas torcidas. O dirigente da torcida A assente com o ponto de vista acima e complementa “Essa é a hierarquia, e é dividida assim por que é e tem que ser”. Desta maneira, a hierarquia se apresenta não como um sistema simbólico, mas que se traduz em vantagens concretas, como maior acesso a espaços privilegiados nas arquibancadas e maior visibilidade em eventos, refletindo, assim, uma forma de expressão e afirmação de poder dentro do contexto mais amplo e pouco abordado na literatura que trata das rivalidades futebolísticas de torcidas organizadas de um mesmo clube.

Os Gaviões da Fiel, sendo a mais antiga e uma das maiores torcidas, ocupam a posição de maior influência, conforme explicitado por um dirigente da torcida A: “A hierarquia da torcida procede a partir do que cada uma conquistou. Os Gaviões da Fiel hoje é a maior força da torcida do Corinthians. Não tem como negar isso”.

A partir da indagação a respeito dos critérios para estruturação hierárquica das torcidas corinthianas, o dirigente da torcida B ressalta que “essa situação é profunda e muito complexa”. Neste sentido, o dirigente da torcida C garante que esses critérios não levam em conta apenas o ano de fundação da torcida, exemplifica que “a [Coringão] Chopp é de 1989, a Macabra de 1981, a Estopim de 1979, a [Camisa] 12 de 1971, os Gaviões vêm de 1969, mas a Pavilhão 9 é de 1990 e [as pessoas em] geral vê [sic] o tamanho que estão hoje em dia, onde chegaram”. Um dirigente da torcida A complementa que “a Macabra numa época se afastou, no fim dos anos 80 e início dos anos 90, perdendo espaço para a P9”.

Quanto a legitimidade do sistema hierárquico como forma de representação torcedora e relações de poder existentes entre as torcidas corinthianas, as posições divergem quando confrontamos os discursos de uma torcida hegemônica e de uma torcida não-hegemônica. Enquanto o dirigente da torcida A afirma que:

É legítimo no sentido de fazer dar certo. Não é uma questão que é obrigatória, taxativa. Mas que é uma fórmula que assim funciona e dá certo. É óbvio que tem que respeitar a hierarquia de um jeito ou de outro, pela história. Ninguém chegou ontem. Então quem chegou ontem tem que aprender mais, tem que desenvolver mais, mas dentro da torcida do Corinthians eu não vejo muito muita resistência sobre isso. Acho que está bem imposto isso. Está bem claro quem é quem. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2024 com dirigente de torcida hegemônica)

O dirigente da torcida 4 contrapõe:

Deveria ter um consenso, afinal, não custa nada conversar. Mas simplesmente as torcidas [corinthianas] de São Paulo chegam e colocam suas faixas. Se alguém chiar, o pau pode quebrar. São os donos da arquibancada. Se o espaço que a gente tiver, 3, 4 torcidas, só couber a faixa deles, só vai ser a faixa deles. Quem quiser que se vire para qualquer local, coloca ali para cima e fica segurando o jogo todo. Mas aquele espaço do estádio, que a gente costuma ver na televisão, que é aquele peitoril, aquele espaço ali, primeiro é a deles. Então eu acho que é uma hipocrisia monstra. Eles pregam uma coisa que eles não vivem. A gente quer ter espaço no estádio, a gente luta por todos os nossos associados para podermos ir para o jogo, mas a gente chega no estádio e só quem tem vez para representar são eles. (Entrevista realizada em 06 de setembro de 2023 com dirigente de torcida não-hegemônica)

Os depoimentos revelam como as relações de poder são marcadas pelo conflito, pela hierarquia e pelo antagonismo. Verificamos nos relatos as tentativas de dominação, mas as resistências, o que nos permitiu operar com as ideias de hegemonia e contra-

hegemonia. Um aspecto fundamental dessas relações de poder entre as torcidas é o seu rebatimento espacial nas arquibancadas dos estádios, permitindo-nos pensar na ideia da conformação de territórios do torcer (tema a ser explorado no próximo capítulo).

Podemos analisar a dinâmica de poder e influência dentro desses grupos à luz do conceito de poder proposto por Max Weber (1994). Conforme já abordado na primeira seção do capítulo, este autor define o poder como a capacidade de uma pessoa ou grupo impor sua vontade sobre outros, mesmo que haja resistência. Assim, diretrizes e procedimentos podem ser estabelecidos para regulamentar o sistema hierárquico, refletindo a influência do poder legal-racional na organização, representação e governança das torcidas, conforme declara o dirigente da torcida C:

Você já entra na entidade sabendo o seu lugar. Você já entra já sabendo a história toda, o seu lugar é aquele. Então, cada um entra já sabendo o seu papel ali. O que tem que defender e o que tem que cobrar. A gente já entrou já sabendo dessa hierarquia e desses “comandos” todos, vou dizer assim. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

Adotando uma perspectiva crítica, o dirigente da torcida 1 evidencia descontentamento quanto a hierarquia e o controle exercidos pela torcida Gaviões da Fiel nas arquibancadas.

A hierarquia funciona na base da imposição e da ditadura da maioria. A torcida que tem mais apreço, apelo popular é o Gaviões, é a torcida que tem mais membros, é a torcida que tem maior aporte financeiro, é a torcida que tem maior entrada dentro do clube e isso dá o direito a eles se acharem o dono da arquibancada do Corinthians, é simples assim. Então não tem muito que falar nesse sentido, é uma parada de imposição de força. Hoje, como eu disse, uma parte é imposição e a outra é aceitação da imposição. É a prática da imposição, é a prática da força. Você vê aquele espaço ali atrás do gol na arquibancada, naquele setor 50% ali é Gaviões, bem próximo onde a câmera está sempre passando, é uma estratégia para expor a marca Gaviões da Fiel. Através daquilo ali, daquela visibilidade, eles mostram força junto ao clube e é complicadíssimo, não existe possibilidade de reversão, a não ser que acontecesse algo muito muito fora da curva. Mas nem digo da necessidade de reverter, mas balancear o quadro. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

A narrativa sugere que a predominância dos Gaviões da Fiel nas arquibancadas não é apenas uma consequência natural de seu tamanho ou popularidade, mas o resultado de uma estratégia deliberada de imposição e manifestação de força. Esta influência é, ainda, estrategicamente ampliada pela localização privilegiada nos estádios, particularmente no setor que recebe maior cobertura midiática, reforçando sua visibilidade e, por extensão, seu poder. O uso do termo "ditadura da maioria" e a referência à "imposição de força" destacam um desequilíbrio de poder que parece irremediável sob as circunstâncias atuais.

Portanto, tendo como base a análise dos discursos, percebemos que a hierarquia torcedora é estabelecida com base em diversos fatores, como antiguidade, tamanho e representação. Assim sendo, o dirigente da torcida A sugere que a cota de ingressos também pode influenciar na ocupação torcedora nas arquibancadas: “Reconhecemos a história de cada torcida. Uma tem mais, outra tem menos. Mas a torcida, no final, é muito pela cota de ingresso. É o que faz a torcida ser fortinha, porque hoje o ingresso é escasso. Essa cota é a baseada na hierarquia e representação da torcida”.

A distribuição de ingressos é um aspecto fundamental que reflete a estrutura hierárquica e o poder relativo de cada grupo. Este sistema, baseado em cotas percentuais, além de conferir o acesso aos jogos, molda toda dinâmica socioespacial e a influência de cada torcida dentro e fora do estádio.

A quantificação exata das cotas de ingressos atribuídas a cada torcida organizada do Corinthians apresentou certos desafios metodológicos, principalmente devido à dificuldade em obter depoimentos diretos e consistentes que detalhem esses percentuais de forma precisa. No entanto, para fornecer uma estimativa aproximada, utilizamos as informações fornecidas por um dirigente da torcida A. Segundo ele, os Gaviões da Fiel, sendo a maior e mais influente torcida, aparentemente detêm cerca de 64% dos ingressos disponíveis para as torcidas organizadas. Seguem a Camisa 12 com 12%, o Pavilhão 9 com 10%, a Estopim da Fiel com aproximadamente 6% a 7%, e a Coringão Chopp com cerca de 4% a 5%. A Macabra, sendo a menor torcida, recebe a menor cota, embora o percentual exato não tenha sido especificado.

A alocação de ingressos entre as torcidas organizadas do Corinthians é claramente influenciada pela hierarquia estabelecida entre elas. Conforme relatado por todos os dirigentes entrevistados, os Gaviões da Fiel, sendo a torcida mais antiga e numerosa, recebem a maior cota de ingressos, refletindo sua predominância e capacidade de mobilização. Em seguida, a Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim da Fiel, Coringão Chopp e, finalmente, a Macabra, cada uma recebendo uma porcentagem de ingressos proporcional ao seu tamanho e influência histórica. Essa cota reforça a visibilidade e o status de cada grupo: torcidas com maior alocação de ingressos têm a capacidade de marcar presença de forma mais significativa, o que pode reforçar sua posição na hierarquia das torcidas e perante o clube.

Este sistema de cotas, embora prático em termos de organização dos espaços no estádio, pode ser visto como um reflexo das dinâmicas sociais mais amplas que governam a interação entre as torcidas. A distribuição de ingressos, portanto, supera a questão

logística, se tornando um indicativo de reconhecimento e prestígio dentro da comunidade torcedora, afetando a forma como cada torcida é percebida e como percebe a si mesma dentro do panorama do futebol brasileiro.

Além disso, se faz importante destacar a independência financeira enfatizada pelos dirigentes no que tange à aquisição de ingressos. Uma vez que os ingressos são adquiridos, a responsabilidade financeira recai completamente sobre as torcidas. Como explicado pelo dirigente da torcida C, após os jogos, as torcidas fazem questão de liquidar imediatamente qualquer dívida com o clube, depositando o dinheiro dos ingressos de volta ao Corinthians.

Cada torcida tem sua porcentagem. Então, o Corinthians libera no sistema, a gente carrega, vai para o jogo, no outro dia a gente já deposita o dinheiro do Corinthians. A torcida paga esses ingressos aí. Para qualquer coisa, para viajar depende de nós mesmos. É nós mesmos que pagamos nas nossas passagens, na nossa caravana. Então, tudo o que a gente faz é independente do Corinthians. Porque o dia que a gente for cobrar o Corinthians lá, não pode apontar o dedo na nossa cara e falar nada. Se a gente quiser lá protestar com quem seja que for, a gente vai protestar e não tem rabo preso com ninguém. Porque a gente não depende do Corinthians lá. A gente não depende nada do Corinthians. E os ingressos que a gente pega para o jogo, a gente paga. Fica tudo certinho. Para nós é, vamos dizer assim, mancha a nossa administração, se a gente dever o Corinthians. Nós temos um compromisso diante a torcida. Porque a gente pode dever um fornecedor de camisa, de agasalho, menos o Corinthians. Por isso a gente tem que estar em dia. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

A autonomia se estende às outras áreas de atuação das torcidas, como as viagens para jogos fora de casa, onde elas próprias financiam suas passagens e organizam suas caravanas, sem depender de subsídios ou suporte financeiro do Corinthians. Essa independência financeira é crucial para manter a integridade administrativa, transparência e a credibilidade diante dos membros e do próprio clube, uma vez que essa prática garante que qualquer ação ou protesto realizado por elas seja visto como legítimo.

Diante disso, uma situação chama atenção: No início do ano de 2024, a mais expressiva torcida organizada do Corinthians, os Gaviões da Fiel, anunciaram publicamente o fechamento de uma parceria com a empresa Vai de Bet, apenas 2 meses após o clube ter fechado um acordo de três anos de patrocínio com a mesma empresa no valor de R\$ 360 milhões. Após a mais recente crise política do clube, a Vai de Bet optou por rescindir seu contrato com o Corinthians, entretanto manteve seus vínculos com os Gaviões.

Neste sentido, um dirigente entrevistado comentou sobre a complexidade das relações entre o clube, as torcidas organizadas e seus patrocinadores. Ele expressa

preocupação com o fato de que, ao aceitar apoio financeiro externo, uma torcida pode comprometer sua independência. Segundo ele, quando atividades das torcidas passam a ser financiadas por fontes que também apoiam o clube, ou que eventos são realizados nas dependências do próprio clube, há um risco de que a autonomia da torcida seja enfraquecida, levando a uma percepção de que as ações de protesto podem não ser totalmente autênticas.

Procurados para uma entrevista em maio de 2024, visando sanar esse ponto polêmico, o setor de comunicação dos Gaviões da Fiel enfatizou a importância de uma discussão franca sobre os potenciais conflitos de interesse que tal alinhamento de patrocínios pode engendrar. Ao detalhar a reunião inicial com os patrocinadores, ressalta a necessidade de garantir que o apoio financeiro não comprometa a capacidade da torcida de agir independentemente, especialmente em situações de confronto potencial com as políticas do clube.

A gente fez uma reunião com eles para trazer as nossas preocupações em relação a essa parceria. Porque de fato exige um conflito de interesses. A gente colocou na mesa “olha, vocês assumiram o patrocínio com o clube e assumiram também com o Gaviões, só que vocês precisam entender que há momentos em que a torcida vai se posicionar contra o clube e que vocês não poderão interferir nesse processo.” Então eu acho que foi uma conversa super transparente. (Entrevista realizada em 31 de maio de 2024, com o setor de comunicações dos Gaviões da Fiel)

A resposta dos Gaviões da Fiel às preocupações sobre a influência de seu patrocinador revela um esforço deliberado para manter a transparência e a comunicação clara com seus membros e o público. Eles destacam a importância de manter informados os associados sobre os benefícios e as condições da parceria, procurando prevenir mal-entendidos e conflitos internos. Isso é particularmente importante em um ambiente onde as percepções podem rapidamente se voltar contra a torcida, especialmente nas redes sociais, onde as opiniões são livremente formadas e disseminadas.

No entanto, essa narrativa parece excessivamente otimista e talvez até ingênua sobre a capacidade de manter uma separação clara entre os interesses comerciais e as ações autônomas da torcida. A referência apresentada no discurso quanto ao relacionamento problemático entre a Crefisa, a Mancha Verde e o Palmeiras (patrocinador, torcida organizada e clube) é um exemplo pertinente de como os limites podem rapidamente se tornar turvos quando grandes somas de dinheiro estão envolvidas.

Quanto ao recente episódio envolvendo a ruptura de contrato entre a Vai de Bet e o Sport Club Corinthians Paulista, é preciso tempo para acompanhar os desdobramentos que podem advir deste cenário conturbado, acerca do posicionamento a ser adotado pelas

torcidas organizadas do clube, já que estas exprimem como uma de suas motivações, fiscalizar as ações do clube.

Superada a discussão anterior, no debate em um contexto mais amplo da cultura do clube, apesar da existência da competição por espaço e influência, prevalece dos discursos um reconhecimento mútuo da importância de todas as torcidas organizadas. A hierarquia é aceita, até certo ponto, como um meio de organização social e espacial e manutenção da ordem, mas também é vista como um incentivo para que torcidas menores aspirem o crescimento e se afirmem dentro da comunidade. O respeito e a reciprocidade são enfatizados como valores fundamentais, promovendo um ambiente em que todas as torcidas podem coexistir e contribuir para a atmosfera vibrante dos jogos.

No entanto, os discursos também revelam tensões e conflitos. A imposição de hierarquia pode levar a desentendimentos e, em alguns casos, confrontos, especialmente quando o "direito" de uma torcida ao espaço é desafiado por outras. A predominância dos Gaviões da Fiel nas arquibancadas é um claro indicativo de sua centralidade na cultura torcedora do Corinthians, enquanto as menores cotas de ingressos e, conseqüentemente, de espaços, atribuídas a torcidas como a Coringão Chopp e a Macabra apontam para um status menos dominante. Ainda que não componham um lugar na hierarquia, e possivelmente motivadas por isso, as torcidas corinthianas fora de São Paulo expressam frustração com a dominância (ideológica e territorial) das torcidas hegemônicas e a dificuldade de estabelecer sua presença de maneira significativa.

3. TERRITORIALIDADES TORCEDORAS

Este capítulo tem como objetivo compreender a conformação das territorialidades hierárquicas das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas. As subseções deste tópico são: 3.1. Territórios e territorialidades; 3.2. As arquibancadas como territórios do torcer; 3.3. Territorialidades hierárquicas: as redes e multiterritorialidades e; 3.4. A produção do estádio e o direito à arquibancada. Nos subtópicos, discutiremos os conceitos de território e territorialidade, utilizando autores que transmitam a multiplicidade de abordagens. Analisaremos como territórios são delimitados nas arquibancadas dos estádios de futebol, relacionando de que maneira se estabelecem as relações de poder que constituem as territorialidades torcedoras, debatendo como a representação das torcidas organizadas conformam a construção de territorialidades hierárquicas que impactam no ordenamento espacial e apresentando os dilemas territoriais que acedem em conflitos/embates na luta pelo espaço nas arquibancadas.

3.1. Territórios e territorialidades

Sendo uma das categorias da geografia, o território, muitas vezes é considerado como sinônimo de espaço, porém existe distinção entre estes. Por se tratarem de conceitos polissêmicos e bastante discutidos na ciência geográfica, eles assumem distintas abordagens de acordo com as concepções dos diferentes pesquisadores. Nesse sentido, Raffestin (1993) assegura que:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por atos sintagmáticos (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço [...]. (Raffestin, 1993, p. 143).

Assim, é possível afirmar que o território se baseia no espaço, considerando o espaço como uma matéria-prima que existe independentemente de qualquer ação. Essa distinção entre os conceitos é necessária, porém, é importante compreender que o espaço e o território não estão separados, sendo inter-relacionados. Haesbaert (2009) apresenta uma discordância parcial em relação a Raffestin (1993), criticando essa ideia, enfatiza que, para ele, o território dá privilégio à dimensão política, desse espaço socialmente produzido.

[...] Embora não equivalentes, como se referiu Raffestin, espaço e território nunca poderão ser separados, já que sem espaço não há território – o espaço não como um outro tipo de ‘recorte’ ou ‘objeto empírico’ (tal como na noção de ‘matéria-prima preexistente’ ainda não apropriada) mas, num âmbito mais epistemológico, como um outro nível de reflexão ou um ‘outro olhar’, mais amplo e abstrato, e cuja ‘problemática’ específica se confunde com uma das dimensões, fundamentais, da sociedade, a dimensão espacial. Ao território caberia, dentro desta dimensão, um foco centralizado na espacialidade das relações de poder. (Haesbaert, 2009, p. 105).

Haesbaert (2009) ao afirmar que o espaço, assim como o território, não pode ser considerado apenas uma "categoria de análise", mas sim uma "categoria da prática". Portanto, para Haesbaert (2009), o território é definido a partir de um enfoque no espaço, concentrando-se nas dimensões políticas e nas problemáticas que envolvem as manifestações das relações de poder em diversos campos. No entanto, não se pode admitir a existência do território “sem o ‘momento’ da materialização através de algum tipo de prática espacial” (p. 106). O território, então, está imerso em relações de poder, não apenas políticas, mas também na apropriação do espaço pela sociedade, que abrange desde formas mais concretas e funcionais de dominação político-econômica até formas mais particulares e/ou culturais-simbólicas.

Coelho Neto (2013a, 2016, 2021) considera que, pensar o território e a territorialidade pressupõe conceber a relação espaço-poder, pois, o poder tece a substância do território. Neste sentido o espaço é um conceito matriz que permite conceber a dimensão da territorialidade.

De acordo com a abordagem mais tradicional da Geografia Política, o território era concebido como uma entidade física e tangível, fundamentada em dinâmicas de poder exercidas pelos Estados. Coelho Neto (2016) enfatiza que até a década de 1970, essa perspectiva era amplamente aceita, como evidenciado nas ideias de Jean Gottmann:

[...] é uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é recipiente físico e suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo. Descreve a arena espacial do sistema político desenvolvido em um Estado nacional ou uma parte deste que é dotada de uma certa autonomia. (Gottmann, 2012 [1975], p. 523).

Souza (1995), em severa crítica aos autores clássicos que este julga terem “coisificado” o território, compreende como uma área delimitada e apropriada por um grupo ou agente social, onde são estabelecidas relações de poder, pois, “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países membros da

OTAN” (Souza, 2001, p.11). Apesar de assumir como válidas as dimensões econômicas e culturais acerca do território, Souza (2009) reconhece o poder como componente que “define” o território, conferindo a dimensão política como aquela que lhe incorpora o “perfil”:

O que ‘define’ o território é, em primeiríssimo lugar, o poder – e, nesse sentido, a dimensão política é aquela que, antes de qualquer outra, lhe define o perfil. Isso não quer dizer, porém, que a cultura (o simbolismo, as teias de significados, as identidades...) e mesmo a economia (o trabalho, os processos de produção e circulação de bens) não sejam relevantes ou não estejam ‘contemplados’ ao se lidar com o conceito [...] (p. 59-60).

Souza (2013) explica a conceituação de território como “campo de forças” a partir da territorialidade urbana, inclusive considerando as territorialidades não estatais que são, também, constituídas por organizações espaciais determinadas, o que em torcidas organizadas pode se configurar como posicionamento e representação em estádios a partir da hierarquia.

Segundo Coelho Neto (2016), foi a partir dos estudos de Raffestin, especialmente na década de 1980, que se tornou mais evidente a consideração da multiescalaridade do território, ampliando as manifestações espaciais das territorialidades e reconhecendo que uma variedade mais ampla de agentes contribuem para a produção dos territórios:

do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos [aqueles que realizam um programa] que ‘produzem’ o território”, pois, “em graus diversos, em momentos diferentes e lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem ‘territórios’ (Raffestin, 1993, p. 152).

Com isso temos a territorialidade, atribuída por Raffestin (1987) como um “[...] conjunto de relações mantidas pelo homem, enquanto pertencentes a uma coletividade, com a exterioridade e a alteridade [...]” (p. 266), a qual consiste em distinguir o espaço de outros indivíduos e/ou grupos, a partir da dominação da área geográfica dotada de significados.

Nesse contexto, o território assume sua multidimensionalidade, se configurando como o espaço que incorpora tanto a dimensão política quanto a dimensão afetiva, ou até mesmo ambas (Haesbaert, 2004; Saquet, 2007; Coelho Neto, 2013a, 2021).

As diferentes dimensões são e estão relacionadas e, por isso, condicionam-se; são indissociáveis e o reconhecimento desta combinação e unidade se faz necessário para tentarmos superar os limites impostos por cada concepção feita isoladamente, o que remete a dicotomização na abordagem geográfica (Saquet, 2007, p.15).

A territorialidade, por sua vez, refere-se às dinâmicas e expressões das práticas territoriais, envolvendo comportamentos, estratégias e representações dos grupos e agentes sociais em relação ao território.

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado (Sack, 1986, p. 219).

Para Sack (1986), um estudo debruçado nas territorialidades é fundamental para compreender as relações sociais, as dinâmicas de poder e as identidades que são construídas e expressas no território. Ele enfatiza a importância de uma abordagem que considere as diferentes nuances e escalas envolvidas.

Rogério Haesbaert procura desenvolver em suas obras questões sobre o território centralizado no estudo das relações espaço-poder. Para o autor, os territórios devem ser caracterizados por meio dos sujeitos que efetivamente exercem poder e que controlam estes espaços, “sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições, como a Igreja, dentre outros” (2004a, p. 3). O controle social através do espaço varia de acordo com a sociedade, o indivíduo, o grupo ou cultura, este território é construído com a premissa de afetar, influenciar e controlar pessoas ou fenômenos (Sack, 1986; Haesbaert, 2004).

Então, para Haesbaert (2004a), o território pode ser distinguido por ter um caráter funcional e simbólico, pois é exercido o poder no espaço geográfico tanto, para realizar funções, quanto para produzir significados. Estes nunca poderão se espacializar isoladamente, ou seja, “todo território ‘funcional’ tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território ‘simbólico’ tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja” (Haesbaert, 2004a, p. 4), abrangendo não apenas uma dimensão política, mas estando relacionada às interações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (Sack, 1986, p. 6).

Para Coelho Neto (2013, 2021), a territorialidade é concebida “[...] como uma relação que se estabelece entre a sociedade e o espaço, implicando uma apropriação material e/ou simbólica, assegurando a reprodução da vida material dos grupos sociais”. Portanto, “a formação de territórios seria um componente essencial para a realização da vida social” (Coelho Neto, 2021, p. 214-215).

Coelho Neto (2021) sintetiza de modo seminal sua compreensão da territorialidade, apontando que as territorialidades podem ser multiescalares e resultantes das complexas assimétricas e conflituosas relações de poder, concepção que nos permite pensar nas territorialidades das torcidas organizadas:

Há múltiplas formas de manifestações das territorialidades, conformadas por relações de poder entre os mais variados agentes sociais, que constroem seus territórios e territorialidades particulares. As territorialidades são multiescalares, pois os agentes sociais estabelecem relações com o espaço que implicam a apropriação e/ou o domínio de múltiplas escalas. Os territórios são, portanto, inscrições espaciais da sociedade conformadas no âmbito das relações sociais de poder. O poder, concebido como uma relação social assimétrica e conflituosa, tece a substância do território e demarca o espaço, objeto de apropriação e/ou domínio dos indivíduos, grupos sociais, organizações e instituições de diferentes modalidades (Coelho Neto, 2021, p. 221).

Compreender o conceito de território a partir da relação socioespacial e nas perspectivas multiescalares e interescalares, seja em termos subjetivos, locais, regionais, nacionais e globais, e considerando as lógicas de comando dos fluxos que o definem, entrecruzando normas globais com as normas locais (Saquet; Santos, 2007), concede-nos uma abrangência em termos de fundamentação teórica a este trabalho, visto que as torcidas organizadas territorializam as arquibancadas dos estádios de futebol, apropriando-se física e simbolicamente dos espaços: estabelencendo limites e fronteiras, impondo hierarquias, vivenciando experiências, repassando valores, contruindo símbolos e manifestando sentimentos.

3.2. As arquibancadas como territórios do torcer

Nas arquibancadas dos estádios de futebol, onde o torcer se manifesta em diversas interações sociais, culturais e políticas, os conceitos de "território" e "territorialidade" se apresentam como potência explicativa para compreensão da espacialização das relações de poder. De acordo com Raffestin (1993 [1980], p. 153) “falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite”, o que invariavelmente pode ou não ser traçado pela “[...] relação que um grupo mantém com uma porção do espaço” confluindo na delimitação para “[...] isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa”. Dessa maneira, o espaço converte-se em um recurso valioso e frequentemente escasso, e sua distribuição entre as torcidas é um reflexo direto das relações de poder existentes.

No contexto do Sport Club Corinthians Paulista, a organização espacial das arquibancadas reflete uma intrincada rede hierárquica, onde cada torcida organizada negocia, estabelece e defende seu território dentro das limitações físicas do estádio. As torcidas hegemônicas tendem a ocupar posições centrais e visualmente estratégicas, baseadas tanto no número de membros quanto na tradição. Já as torcidas de menor porte ou mais recentes lutam por reconhecimento e espaço, em um processo que é tanto competitivo quanto colaborativo.

Esse posicionamento estratégico não se apresenta à mera conveniência, mas como uma manifestação de poder e influência que essas torcidas exercem dentro e fora do estádio. Uma localização privilegiada permite a coordenação mais eficaz dos cânticos e rituais que são cruciais para a identidade do grupo e sua visibilidade durante as transmissões televisivas. Além disso, ao ocupar esses espaços, as torcidas organizadas demarcam visualmente sua presença e afirmam sua dominação sobre segmentos significativos das arquibancadas.

Dentro deste contexto, a organização espacial nas arquibancadas se torna um mapa complexo de influências e poderes, onde a disposição geográfica das torcidas revela muito sobre suas relações hierárquicas e o impacto da modernização dos estádios. Nas palavras do dirigente C:

Em todo lugar a gente tá acompanhando o Corinthians, então a gente tem o direito ali. É que nem o tamanho da faixa, tem o estádio ali, mas se coube só a faixa dos Gaviões; a Pavilhão e a 12 vão segurar na mão. Coube a faixa dos Gaviões, sobrou dez metros: cinco metros da 12, cinco metros da Pavilhão. E vai ser assim a vida toda." (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

O depoimento, embora desconsiderando a dinâmica sociocultural e histórica das territorialidades, revela uma configuração que reflete a hegemonia dos Gaviões da Fiel e a compressão espacial enfrentada por outras torcidas, evidenciando a dificuldade de torcidas menores em se estabelecerem nas arquibancadas, afinal, para o dirigente da torcida 5 o “espaço na arquibancada é território conquistado. Mas a territorialidade se define quando as torcidas chegam no espaço público. Isso pode ser pré-estabelecido e tem variantes que acontecem”

Sendo assim, o dirigente da torcida B aponta para a suposta inviabilidade de novas torcidas emergirem, mas demarca também, o movimento de afirmação das torcidas estabelecidas e o forte componente territorial de suas ações. As torcidas se manifestam e se fortalecem com um comportamento eminentemente territorialista:

Qualquer torcida hoje, que queira ser criada, vai encontrar N barreiras. Pra começar uma nova torcida, tem a barreira, até como uma forma de controle nosso [torcidas hegemônicas], inclusive territorial. [...] A gente já tem uma arquibancada hoje [...] extremamente cheia de torcida, carregada de torcida. Acho que a torcida do Corinthians já é tão singular por conta disso, já que nenhum time tem duas torcidas do tamanho, da força, dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12. Ainda temos a força do Pavilhão 9 que tem sua representatividade, tem sua importância, a Estopim da Fiel, que tem uma grande estrutura. Nenhum outro clube terá um número tão grande de torcidas com a estrutura que têm as torcidas organizadas do Corinthians. É muito complexo e não tem mais como pensar na criação de uma nova torcida hoje, esse pensamento quase que se torna inviável, impossível, você não vai conseguir ter uma linha de pensamento ideológica que já não existe em nenhuma dessas torcidas, você vai fazer mais do mesmo, só vai tumultuar o ambiente. Aí existe a necessidade mesmo do nosso acompanhamento, das torcidas mais velhas e realmente controlar a criação ou não de qualquer outra torcida. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

A territorialidade redefinida e os desafios impostos pela reestruturação dos estádios de futebol no Brasil, guiada por um modelo de arenas que segue padrões internacionais de segurança, conforto e rentabilidade, refletem um cenário onde as dinâmicas de poder são constantemente negociadas, revelando, de acordo com Mascarenhas (2014a, p. 26) “uma faceta do assalto neoliberal sobre a cidade, incidindo diretamente sobre a cultura do futebol”. Este processo, conhecido como arenização, impõe uma nova ordem espacial que reconfigura as territorialidades antes já estabelecidas nas arquibancadas. Nas palavras de Mascarenhas:

Diante do conceito de cidade-cenário, não nos parece estranho propor a noção de “estádio-cenário”, considerando o quanto sua atual configuração e regulação se prestam muito mais a encenações comportadas e adequadas à transmissão televisiva, do que a um espaço de livre manifestação coletiva. Milton Santos (1987) já havia colocado de forma contundente o quanto a sociedade capitalista restringe o acesso aos direitos de cidadania àqueles aptos a pagar: ao “cidadão-consumidor”. Todavia, parece que estamos diante de uma nova situação, que radicaliza a associação do consumo com direitos de acesso a polis: trata-se do empobrecimento da vida pública pela via da segregação espacial (a insularização) conjugada à supracitada encenação, fruto do aparato normativo emergente. [...] A aclamada modernização dos estádios de futebol se insere precisamente nesse processo, posto que ela visa remover de seus recintos todos aqueles comportamentos considerados inadequados à nova ordem de consumo passivo do espetáculo futebolístico. O atual “modelo FIFA” concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, “figurante”, seletivo, solvável, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público “familiar”, “ordeiro” que vai ao estádio consumir o espetáculo e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo hegemônico. Ainda no plano da retórica modernizadora, pretende-se um estádio “civilizado”, em contraposição ao caos e à “barbárie”, supostamente reinantes no modelo anterior, considerado vulnerável a movimentos de massa incontroláveis e sujeito à atuação de grupos sociais “perigosos”. É notável o quanto este discurso sobre os estádios reproduz fielmente o pensamento neoliberal (Mascarenhas, 2013, p. 158-160).

Historicamente, estádios de futebol como o Maracanã, Mineirão, Morumbi e Pacaembu ofereciam maior liberdade às torcidas, que podiam exibir suas faixas e manifestar seu apoio em espaços maiores. Como exemplificado na Figura 1, que ilustra o mapa do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o espaço destinado às organizadas corinthianas representam os setores amarelo e verde.



Figura 1 – Mapa do estádio Pacaembu
Fonte: Site do Pacaembu

Na Figura 2, em fotografia retirada em jogo no Pacaembu, o extenso bandeirão expressa a hegemonia e predomínio dos Gaviões da Fiel na ocupação dos espaços de arquibancada destinados às torcidas organizadas. A bandeira estendida (e sua dimensão espacial) expressa a relação espaço-poder entre as torcidas, impõe uma posição hegemônica e demarca um território.



Figura 2 – Torcidas hegemônicas no estádio Pacaembu
Fonte: Gabriel Uchida

No entanto, essa liberdade tem sido progressivamente restringida com a introdução de estádios estilo arena, alterando significativamente a dinâmica tradicional das arquibancadas ao impôr limitações espaciais, o que refletiu em grandes mudanças na experiência torcedora, especialmente no que diz respeito à territorialidade das torcidas organizadas, conforme nos relata o dirigente da torcida C:

Antigamente, aquela época lá, a gente mandava muito jogo no Morumbi, Pacaembu, não tinha essa orientação da polícia de que a torcida organizada deveria ficar em setor tal. Então era liberado o estádio inteiro. [...] Hoje em dia, na [Neo Química] Arena, Gaviões, Camisa 12 e Pavilhão, muitas vezes a Estopim põem a faixa no parapeito ali. As outras põem para cima, porque não tem espaço para todo mundo. E você vê o tamanho da Arena, a gente tem que ficar tudo espremido ali na Norte, cada um em seu espaço ali. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

O depoimento revela uma liberdade na conformação dos territórios do torcer, ao passo que nos informa como os territórios que se configuram nas novas arenas são impactados por outros agentes que impõem regras e limitações espaciais para a organização territorial das torcidas. A exigência de cadastramento e a identificação de cada torcedor, uma prática que se intensificou após incidentes de violência, exemplifica a crescente regulamentação das atividades das torcidas organizadas. Essas medidas, embora visem garantir a segurança, frequentemente limitam a expressão cultural que é intrínseca ao futebol brasileiro.

A mudança e contenção das organizadas em um determinado espaço começou a se desenhar quando houve aquela briga da proibição. Quando voltou, exigiram um monte de burocracias para adentrar os estádios: deveríamos ter o cadastro na Federação Paulista e cada torcedor identificado. Instituíram “a torcida organizada só pode ficar naquele setor tal.” Então houve bastante diminuição de espaço para as torcidas. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

A introdução de assentos numerados e áreas VIP nos novos estádios resultou em uma maior segmentação e diminuição da acessibilidade, impactando diretamente o espaço disponível para as torcidas organizadas. Essas mudanças forçaram os grupos a se adaptarem a setores mais confinados, desafiando-os a manter sua presença e influência sob novas condições. Este é o caso da Neo Química Arena, estádio do Corinthians, onde as torcidas organizadas estão confinadas especificamente ao setor Norte, limitando tanto sua visibilidade, quanto a capacidade de realizar as tradicionais festas com bandeiras, bexigas e dispositivos pirotécnicos.

O futebol moderno quer regular, mas ao mesmo tempo está cerceando o nosso direito de fazer festa. Infelizmente. Às vezes, o cara acha que é europeu. Estar assistindo futebol sentado, comendo amendoim? Não, não tem como. É como fala “não quero cadeira numerada, eu vou de arquibancada para sentir mais

emoção”. (Entrevista realizada em 20 de maio de 2024, com dirigente de torcida não-hegemônica)

As novas medidas de segurança implementadas com a modernização dos estádios impuseram novos controles sobre o comportamento das torcidas, restringindo itens como sinalizadores e limitando a festividade tradicional das arquibancadas. Essas políticas são vistas pelos torcedores organizados como uma forma de cerceamento de suas liberdades tradicionais, transformando a experiência de torcer em um ato mais passivo e menos participativo, numa tentativa de 'europeizar' a experiência do futebol brasileiro, distanciando-a das suas raízes culturais, alterando a dinâmica socioespacial e modificando o perfil do público que frequenta os jogos, agora mais inclinado a um comportamento de espectador.

Para nós aqui, a nossa cultura sempre foi festa, bandeiras, bexiga, fogos. Sempre foi a cultura da arquibancada fazer festa. Hoje em dia a polícia como braço armado do Estado proíbe muito da gente fazer essas coisas: tem que pedir autorização para eles para poder entrar com a bexiga, para poder encher uma bexiga preta e branca, para fazer qualquer tipo de festa. Eles negam bastante coisa. Antigamente se acendia sinalizador, hoje em dia se acende o sinalizador para o jogo, a torcida é punida, o clube é punido. Aí quando acontece na Europa, aqueles negócios, todo mundo acha lindo, parece tudo legalzinho. Quando tem a campanha do Premiere, aí usa a torcida “Que show de bola, que daora”. Aí quando a gente faz, a gente é vagabundo, a gente para o futebol, trama contra o clube, sendo que tudo que a gente quer, é fazer uma festa bonita para o Corinthians, para incentivar o clube. Então essa modernização, por conta da Copa do Mundo que teve, transformou tudo, se comparar o estádio do Maracanã como era antes e como está hoje, perdeu uma alma, vamos dizer assim, virou um negócio. O mesmo aconteceu com o Mineirão. E a gente que estava acostumado com o Pacaembu, tivemos que ir para a [Neo Química] Arena. [...] É um outro público que frequenta, é um outro tipo de pessoa, tiraram essa coisa da festa, do povão mesmo, a que a gente estava acostumado antigamente. Quem já foi em jogo no Pacaembu sabe, é outra história, outra pegada. Porque você vê onde fica a torcida organizada, aqui na Arena do Corinthians, onde a gente fica, as organizadas, é no concreto, não tem cadeira. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

As novas “arenas multifuncionais”, influenciadas pelo modelo de negócios global e pelas exigências de segurança e conforto, tem redefinido as territorialidades nas arquibancadas. Essas mudanças refletem uma tensão entre a preservação das tradições culturais do torcer brasileiro e a adaptação a um padrão de consumo esportivo que valoriza a ordem e a rentabilidade em detrimento da expressão espontânea e comunitária.

Sem dúvida, a moderna arena multiplica sua capacidade comercial ao flexibilizar as funções do equipamento. Todavia, para o torcedor engajado, o que se percebe é o movimento oposto, de restrição acentuada de seu comportamento, reduzido à condição passiva de assistir sentado. Portanto, ao contrário do que é entusiasticamente divulgado pelos agentes hegemônicos, interdições diversas padronizam as formas de torcer e acenam para o torcedor a clara redução da natureza efetivamente “multifuncional” do estádio tradicional, que era o verdadeiro portador da diversidade de usos: não apenas assistir espetáculos, mas

ser protagonista, e inventar formas de expressão coletiva, de cantar, dançar, comer e beber (Mascarenhas, 2013, p. 157).

Tratando especificamente da Neo Química Arena, que se autodenomina “casa da fiel”, foi inaugurada em 2014 com a realização de um jogo marcante: Corinthians x Corinthians, contando com a participação de mais de 100 ex-jogadores. Nesta partida, é claro, as principais torcidas organizadas se fizeram presentes, ao menos as cadastradas na Federação Paulista de Futebol (FPF), conforme orientação do próprio estádio (Figura 3).



Figura 3 – Registro da partida Corinthians x Corinthians em 10 de maio de 2014

Fonte: Rodrigo Coca / Agência Corinthians

Entretanto, a Figura 3 não retratada de maneira fiel – com o perdão do trocadilho – a distribuição das torcidas organizadas nas arquibancadas da Neo Química Arena, que na imagem ocupam o setor Leste. Constatam-se as distintas dimensões territoriais e as marcas espaciais das relações de poder de algumas das torcidas focalizadas neste estudo, revelando espacialmente hierarquias e hegemônias nas relações entre as torcidas organizadas corinthianas. Em termos de ordenamento e localização, o mapeamento desse estádio pode nos fornecer algumas contribuições (Figura 4).

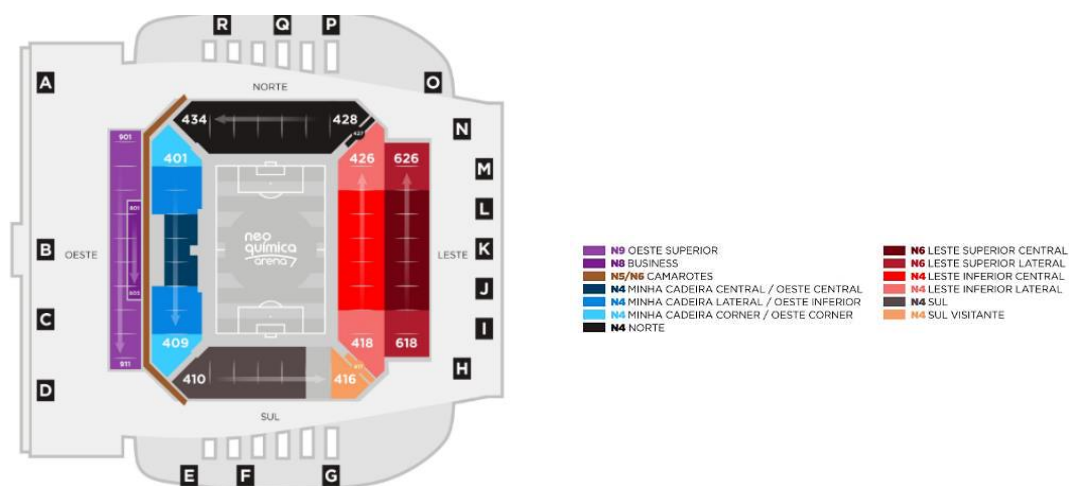


Figura 4 – Mapa da Neo Química Arena
Fonte: Site da Neo Química Arena

Conforme já abordado nos discursos e no corpo deste trabalho, informação reafirmada também em consulta ao site da Neo Química Arena, o setor Norte é “destinado a torcedores de organizadas cadastradas na Federação Paulista de Futebol”. Mas ora, de que maneira as torcidas organizadas de fora do estado de São Paulo podem se fazer representar na “casa da fiel”? Assumo não ter a intenção de responder a essa reflexão, já que a questão é retórica. Diante da hierarquia de torcidas, dos comandos jurídicos estatais e até mesmo da estrutura organizacional adotada pelos estabelecimentos empresariais (estádios), os territórios são delimitados seguindo a lógica do poder hegemônico. O território de cada torcida é diretamente influenciado pelo poder e pelo histórico de cada grupo dentro do contexto corinthiano. Assim, ao observar o setor Norte, uma representação visual dessa hierarquia se manifesta claramente.

Na Figura 5, é possível ver a disposição das torcidas hegemônicas na arquibancada do setor Norte, onde a Fiel Macabra e a Coringão Chopp ocupam a extremidade voltada a Leste, seguida pelos Gaviões da Fiel, que se posicionam centralmente, evidenciando seu status e influência. Adjacente aos Gaviões, encontram-se a Camisa 12 e o Pavilhão 9, enquanto a Estopim da Fiel ocupa espaços subsequentes, delineando uma sequência que traduz a ordem de precedência e a visibilidade que cada torcida detém, mas também é revelador das relações de poder que demarcam a organização espacial Neo Química Arena.



Figura 5 – Distribuição das torcidas hegemônicas no setor Norte da Neo Química Arena
Fonte: Acervo Gaviões da Fiel

Na Figura 6, notamos um posicionamento diferente da Coringão Chopp, que tenta se estabelecer próxima à Camisa 12 e aos Gaviões da Fiel, segurando sua faixa na mão, para assegurar sua visibilidade e melhor representação na arquibancada. Coelho Neto (2013a), discutindo sobre a multiescalaridade do território, aponta o debate sobre os limites, como componente fundamental para pensar os territórios e a territorialidades.

Portanto, ‘falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite (...)’ que pode ser expressa pela ‘(...) relação que um grupo mantém com uma porção do espaço’, gerando uma delimitação, que, por sua vez, significa “manifestar um poder numa área precisa” (Raffestin, 1993 [1980], p. 153). Contudo, o autor adverte que delimitar (marcar, cercar - arremata o autor) parcelas não é uma simples relação com o território, pressupondo uma relação triangular, pois, ‘a relação com o território é uma relação que mediatiza em seguida as relações com os homens, com os outros’ (Coelho Neto, 2013, p. 26).

Essa perspectiva aponta inequivocamente para as relações de poder que são constitutivas da territorialidade e como o movimento de construção de territórios se ampara na produção de limites.

Esse ordenamento espacial ilustra a intensa rede de negociações e o equilíbrio de poder que define os territórios dentro do estádio. A localização de cada torcida facilita a coordenação e a execução de cânticos e rituais e assegura que suas marcas e símbolos estejam visíveis para as câmeras e para o público geral, reforçando suas identidades dentro e fora das arquibancadas.



Figura 6 – Distribuição das torcidas hegemônicas no setor Norte da Neo Química Arena
Fonte: Acervo Gaviões da Fiel

A transição dos territórios tradicionais das torcidas organizadas do Pacaembu para a moderna Neo Química Arena ilustra uma preservação das territorialidades que se estende além dos limites físicos de um único estádio. As posições ocupadas pelas torcidas no Pacaembu, um estádio de características mais antigas e abertas, foram, em grande medida, transpostas para a Neo Química Arena com um notável grau de continuidade. Essa perpetuação das localizações não é um fenômeno isolado, observando-se um padrão similar em outros estádios pelo estado de São Paulo e mesmo em outras regiões do país.

Esse fenômeno pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo a necessidade das torcidas de manter uma continuidade na expressão de sua identidade e influência. No Pacaembu, as torcidas estabeleceram territórios específicos que facilitavam a coordenação visual e acústica de suas atividades, como cânticos e exibição de bandeiras, elementos cruciais para a manutenção da moral do time e a demonstração de apoio incondicional. A migração para a Neo Química Arena manteve essa lógica espacial, ainda que adaptada às novas configurações e restrições arquitetônicas do espaço.

Em outros estádios estaduais e nacionais, as torcidas hegemônicas mantêm uma disposição semelhante nas arquibancadas, sempre buscando posições estratégicas que maximizem sua visibilidade e impacto. A regularidade dessa distribuição espacial sugere uma negociação constante e estabelecida entre as torcidas para consigo mesmas e com as administrações dos estádios, que reconhecem a importância desses grupos na cultura do

futebol. Essa conservação de territórios nas arquibancadas reflete uma hierarquia bem estabelecida e acordada entre as próprias torcidas e com o clube, garantindo que novas configurações de estádios ou alterações nas políticas de gestão dos espaços não perturbem significativamente as tradições de torcer.

Conforme relatado pelo dirigente da torcida 5, “a hierarquia permanece em qualquer estádio do Brasil, não é apenas na Arena Corinthians”. A Figura 7 representa a distribuição espacial das torcidas hegemônicas na arquibancada do Estádio Municipal Olivério Bazzani Filho, a Fonte Luminosa, em Araraquara, em partida válida pelo Campeonato Paulista de Futebol, sob mando da Associação Ferroviária de Esportes.



Figura 7 – Distribuição das torcidas hegemônicas na Fonte Luminosa
Fonte: Lentes do Interior / Acervo Gaviões da Fiel

A Figura 7 exemplifica o arranjo espacial da arquibancada corinthiana como torcida visitante, em estádios no estado de São Paulo. Este retrato exhibe a magnificência visual e a intensidade emocional trazidas por esses torcedores, iluminando o comportamento estratégico e a organização hierárquica adotados pelas torcidas organizadas fora de seu território habitual. Neste contexto, a disposição das faixas e a densa concentração de bandeiras de mastro empunhadas por torcedores nas arquibancadas revelam um meticuloso planejamento prévio, já que, como assegura o dirigente da torcida A “o tamanho das faixas é combinado entre os departamentos de bandeira”.

Entretanto, imagens capturadas na Arena Fonte Nova, em Salvador (BA), durante o trabalho de campo, em 2022 (Figura 8), 2023 (Figura 9) e 2024 (Figura 10), ilustram

vividamente a intensa tapeçaria de paixão e política que permeia as arquibancadas, evidenciando o fervor dos torcedores do Corinthians e destacando as dinâmicas de poder, territorialidades e resistência cultural intrínsecas às torcidas organizadas.



Figura 8 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2022
Fonte: Acervo da autora



Figura 9 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2023
Fonte: Acervo da autora



Figura 10 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2024
Fonte: Acervo da autora

Observamos nas Figuras 8, 9 e 10, a presença dominante dos Gaviões da Fiel, uma torcida notoriamente hegemônica do clube, que ocupa posições privilegiadas no estádio, mesmo longe de seu território habitual. As demais torcidas organizadas corinthianas, naturais do estado de São Paulo, Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim da Fiel, Coringão Chopp e Fiel Macabra exibem suas faixas de maneira estrategicamente posicionadas, o que lhes assegura visibilidade e impacto máximos, refletindo organização e influência onde quer que o Corinthians jogue.

Não obstante, a organizada local, Fiel Salvador Torcida, notadamente conhecida por suas ações engenhosas que visam subverter a ordem hierárquica, adotou em 2022 (Figura 8) o procedimento de pendurar sua faixa próxima à área desocupada no anel superior do estádio. Nos anos seguintes, em 2023 e 2024 (Figura 9 e Figura 10), posicionaram sua faixa entre o anel superior e intermediário, garantindo, assim, sua representação na cidade de Salvador.

Ao mesmo tempo, é notável, a presença de torcidas não-hegemônicas, identificadas nas faixas de "Fiel CE", "Fiel Piauí", e "João Pessoa" (Figura 8, Figura 9 e Figura 10). Estas torcidas com representação em escala majoritariamente regional, requerem seus

espaços nas arquibancadas, demonstrando, juntamente com a Fiel Salvador, um esforço persistente de resistência e reivindicação territorial. A participação desses grupos menos numerosos ou com menos recursos é uma manifestação de desafio à ordem estabelecida e uma negociação pela sua existência dentro de uma hierarquia frequentemente inflexível.

Essas interações nos estádios refletem a multifacetada natureza das territorialidades nas arquibancadas, onde o espaço é valorizado tanto como recurso escasso quanto como campo de batalha simbólico. As torcidas organizadas menores, ao se fazerem visíveis em jogos fora de casa, expressam seu apoio ao time e contestam a estrutura dominante.

Essa prática revela uma articulação interessante em que a dominância das grandes torcidas organizadas de São Paulo convive com a representação ativa e resistência de torcidas locais, que aproveitam esses encontros para reafirmar sua existência, presença, identidade e representações. Em estádios fora de São Paulo, sob o mando de outros clubes, esta interação torna-se ainda mais marcante, com as torcidas corinthianas no papel de visitantes, ocupando espaços, exibindo símbolos e desafiando as convenções, ultrapassando as fronteiras geográficas do estado de origem do clube e, assim, transformando as arquibancadas em territórios do torcer.

3.3. Territorialidades hierárquicas: as redes e multiterritorialidades

Na literatura geográfica, a concepção tradicional de território evoca uma relação de poder sobre um espaço delimitado. No entanto, essa visão tem sido progressivamente ampliada por estudiosos contemporâneos, entre eles Rogério Haesbaert, com sua abordagem de multiterritorialidade.

Haesbaert (2007) propõe a coexistência de múltiplas territorialidades, que interagem simultaneamente em diversas escalas e contextos, refletindo uma dinâmica espacial cada vez mais complexa e interconectada ao abranger tanto uma dimensão quantitativa, caracterizada pela disponibilidade de múltiplos territórios, quanto uma dimensão qualitativa, que envolve a capacidade de intervir e experienciar simultaneamente diversos territórios ou territorialidades.

Assim, o território assume um caráter móvel e territorializar-se “significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (Haesbaert, 2004b, p. 280). Essa perspectiva destaca a transformação do território em um conceito flexível, adaptável às realidades contemporâneas marcadas pela mobilidade e pelo fluxo de informações.

Multiterritorialidade (ou multiterritorialização se, de forma mais coerente, quisermos enfatizá-la enquanto ação ou processo) implica assim a possibilidade de acessar ou conectar, num mesmo local e ao mesmo tempo, diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma ‘mobilidade concreta’, no sentido de um deslocamento físico, quanto ‘virtual’, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço (Haesbaert, 2004b, p. 343-44).

Este último aspecto é fundamental para entender como as territorialidades modernas se entrelaçam através de redes complexas que conectam locais fisicamente distantes, permitindo novas formas de organização social e influência que superam os limites geográficos tradicionais.

Em suas reflexões, Haesbaert (1997) argumenta que a multiterritorialidade deve ser vista sob uma luz dual. Por um lado, ela pode ser libertadora, oferecendo novas opções e permitindo a manifestação livre de identidades diversas. Por outro, pode se tornar opressiva, fechando-se sobre si mesma e voltando-se apenas para seus semelhantes, o que desfavorece o diálogo e o confronto necessários para a renovação cultural e social. Assim, a fragmentação promovida pela supervalorização do território, assim como aquela impulsionada pela globalização e pelas redes, não só pode conduzir a uma sensação de insegurança e fragilidade, mas também apresenta desafios e conflitos que permitem a vivência concomitante de múltiplas identidades e pertencimentos.

A aplicação desse conceito ao estudo das torcidas organizadas explica como as dinâmicas territoriais são negociadas e como as organizadas corinthianas utilizam de táticas que refletem o poder institucional, predominantemente através da gestão de pontos estratégicos que interligam redes, ao invés de pelo domínio extensivo de grandes áreas ou zonas (Haesbaert, 2002).

O território-rede, em particular, ajuda a entender como essas instituições mantêm sua coesão e identidade cultural através de uma rede distribuída de subsedes e pontos de encontro, que funcionam como nós ativos dentro de uma estrutura organizacional mais ampla, coordenando ações e mobilizando recursos de maneira eficaz e ágil.

[...] o território sempre foi constituído de redes. Poderíamos mesmo afirmar que elas passaram de elemento constituinte, na territorialidade mais tradicional e fechada, a elemento constituidor, malha cada vez mais globalizante dentro da qual os territórios podem se tornar meros pontos, ou seja, momentos ou parcelas elementares da rede. Muitos territórios têm o controle e a identidade internos garantidos por redes hierárquicas (geralmente com o papel de dominação) ou complementares (muitas vezes ‘de solidariedade’). E vice-versa: territórios podem servir como patamar para articulação de redes que cooptem, hierarquicamente, outros territórios (Haesbaert, 1997, p. 94).

No cerne deste tópico, propomos explorar como as territorialidades hierárquicas se estabelecem dentro do arranjo multiterritorial entre sede-subsede ou sede-ponto de encontro. Um estudo exploratório acerca da geografia das subse-des e/ou pontos de encontro das torcidas organizadas do Corinthians demonstra como ocorre a integração nos meios de ampliação de sua base de apoio, destacando o papel destes núcleos na construção de uma rede coesa que sustenta um apoio durante os jogos e a própria identidade da torcida.

Assim, proponho o termo “territorialidades hierárquicas” para me referir à organização espacial e à distribuição de poder dentro de uma rede de torcidas organizadas que, apesar de descentralizada, não possui a autonomia completa de suas subse-des, pontos de encontro ou núcleos locais (quebradas/bairros). Este conceito é caracterizado pela maneira pela qual os centros de poder (sede) mantêm uma influência normativa e operacional sobre as demais estruturas organizacionais da instituição, definindo estratégias, políticas e representações que devem ser seguidas em diferentes localidades geográficas. As subse-des, pontos de encontro e quebradas, embora desempenhem papéis vitais na mobilização e manutenção da cultura da torcida em suas áreas específicas, operam sob a orientação e supervisão da sede central, garantindo que a identidade e os valores da torcida principal sejam preservados e representados uniformemente. Em entrevista com o setor de comunicações dos Gaviões da Fiel, essa divisão é melhor explicada:

A subse-de é uma extensão da sede, então a gente tem que ter aquele cuidado, porque é um patrimônio da torcida, e patrimônio a gente cuida como se fosse a nossa vida. A gente dá a vida pelo instrumento, pelo material, pela faixa, pela bandeira, e a gente sabe da visibilidade que o Gaviões da Fiel tem e chama a atenção dos rivais. Então, para ter uma subse-de não é mercadológico, ter ali uma franquia. Envolve muita coisa, muito sentimento e também essa questão ideológica de ser uma extensão da sede. Então, para abrir uma subse-de não é tão fácil. A pessoa, a liderança, a região, ela precisa estar bem madura em relação à torcida, precisa ter um coletivo de sócios do Gaviões da Fiel muito forte, muito presente, muito atuante, que respire torcida organizada, que esteja presente em todos os jogos do Corinthians, que esteja participativo nas caravanas, nas atividades da sede. Não é só “ah, é que a gente se organiza para assistir o jogo de fim de semana”, é muito além. E esse muito além, envolve essa cobrança. Para ser diretor do ponto de encontro (PDE) ou subse-de Gaviões da Fiel é difícil, ser diretor de um lugar que a gente vai estar distante. Então tem que ter esse relacionamento, essa confiança muito forte entre quem está ali na sede com quem está lá na ponta, na subse-de, ponto de encontro ou quebrada. Tem que ter essa caminhada, enfim, tem que respirar a torcida muito mais do que até o próprio presidente do Gaviões. Então por isso que você não vai encontrar tantas subse-des. Porém, tem esses pontos de encontro que está no intermediário, avançou um nível acima da quebrada e está próximo, em algum momento, de se tornar uma subse-de. Ele está naquele período de experiência, é o “estagiário”, como se fosse. E a quebrada, a gente assume como todas as regiões em que o Gaviões tem controle e tem respaldo de um líder da torcida nessa região. Então,

normalmente essas quebradas não têm um espaço físico, mas elas se reúnem coletivamente para ir aos jogos e acompanhar o Corinthians. Tem um liderança que é o porta-voz dessa região, que vai até a sede para fazer a recarga de ingresso desse grupo, que organiza a caravana, que passa os principais comunicados. Antes de cada jogo importante, seja em clássico ou um evento expressivo do Gaviões, esses representantes são chamados para a sede, para serem ali, compartilhadas as informações primordiais e eles fazerem esse desdobramento”. (Entrevista realizada em 31 de maio de 2024 com o setor de comunicações dos Gaviões da Fiel)

Essa estrutura permite uma organização coerente e uma ação coletiva eficaz, porém implica uma certa limitação na autonomia das subsedes, ponto de encontro ou quebradas para tomar decisões independentes que possam divergir das diretrizes centrais. A liderança e as políticas estabelecidas no núcleo principal da torcida organizada definem e moldam as ações e a representatividade dos subnúcleos, tanto em eventos locais quanto em mobilizações nacionais e internacionais

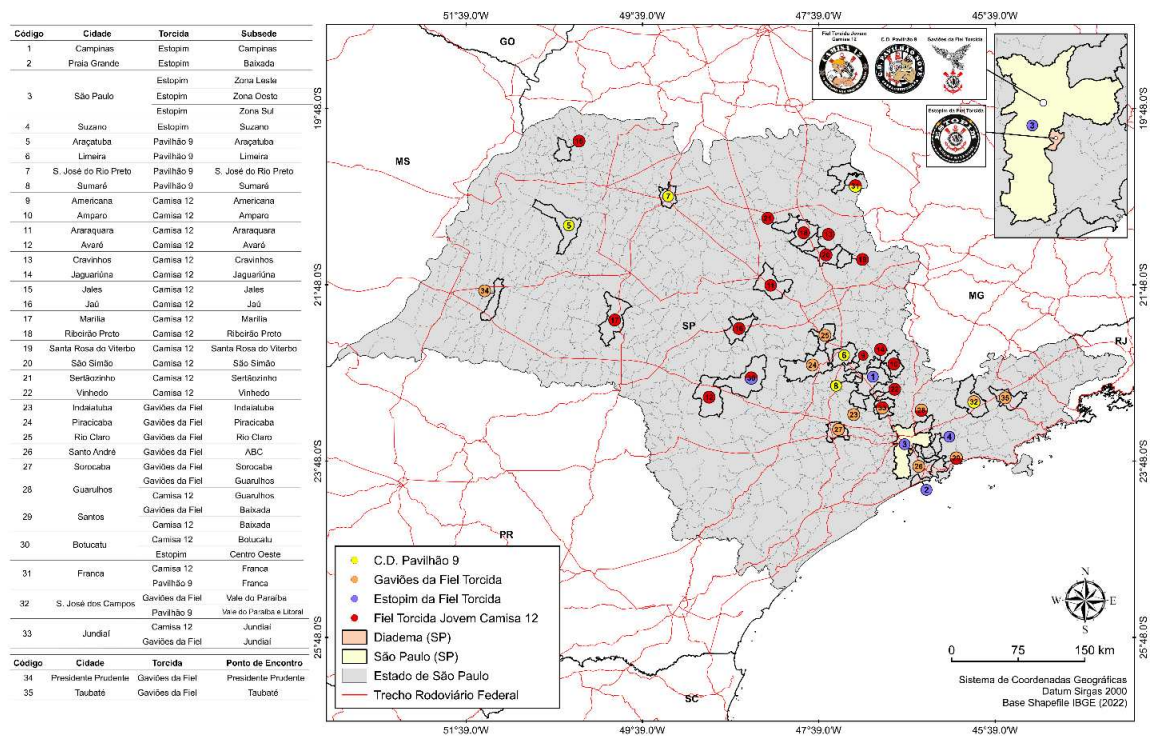
Através de suas subsedes, pontos de encontro e quebradas, as torcidas organizadas estendem suas territorialidades em uma dimensão multiescalar, operando tanto no nível local, quanto a nível regional, nacional ou até global, utilizando rotas viárias e estratégias logísticas para consolidar sua presença e poder (Mapa 2). Esse modelo de expansão reflete uma profunda interação entre localidade, mobilidade e identidade, sendo particularmente importante para jogos fora de casa, onde a representação se faz necessária. A extensão geográfica das redes de subsedes e pontos de encontro (excluo do mapeamento as quebradas, já que, por muitas vezes, não apresentam estrutura física) ilustra uma prática espacial que é dinâmica e adaptada às necessidades contemporâneas de grupos que operam em múltiplas localidades.

Coelho Neto (2013b) recupera e organiza o debate sobre as distinções e reciprocidades entre as noções de rede e território, apontando sinteticamente a existência de dois esquemas interpretativos que reconhecem suas diferentes lógicas espaciais, mas, concebe, por outro lado, suas possibilidades diálogo, conexão e interpenetração.

Todavia, decorre dessa assertiva duas compreensões gerais que se opõem e que concorrem para a problematização do debate, oferecendo elementos para pensar a dimensão espacial da sociedade. Uma primeira assentada numa marcada distinção entre rede e território, considerando-os como portadores de lógicas espaciais inconciliáveis e que não são passíveis de serem pensadas como perspectivas que se integram e se complementam. Desse modo, rede e território conformam uma dicotomia, constituída por duas lógicas antagônicas e dissonantes que se relacionam em tensão. Por outro lado, também admitindo que as noções de rede e de território apresentam distinções, a outra perspectiva trabalha com as ideias de implicação e reciprocidade a partir de diferentes modos de operacionalização. A reciprocidade é pensada como relação entre vocábulos cujos sentidos contrários expressam uma relação recíproca de correspondência ou como no repertório kantiano, enquanto categoria do

entendimento a partir do qual é possível o conhecimento da relação entre dois ou mais elementos quaisquer do mundo que são percebidos simultaneamente no espaço, de forma complementar e interativa (Coelho Neto, 2013b, p. 26).

Nesta perspectiva, é possível pensar que as torcidas organizadas hegemônicas são constituídas como redes, cujos nós se articulam para conformar territórios-rede. Enquanto a teoria do território-rede sugere uma descentralização do poder, as territorialidades hierárquicas dentro das torcidas organizadas implicam uma estrutura mais rígida e centralizada de controle e influência, apesar da aparente dispersão geográfica. Assim, as torcidas hegemônicas corinthianas fortalecem sua identidade coletiva e afirmam seu status dentro da hierarquia de torcidas. Este fenômeno cria uma "rede de poder", integrando membros de diversas localidades numa causa comum e mantendo a coesão através de atividades coordenadas.



Mapa 2 – Distribuição das subseções e pontos de encontro das torcidas hegemônicas do Corinthians no Estado de São Paulo
Elaboração da autora (2024)

O planejamento e posicionamento das subseções e/ou pontos de encontro das torcidas organizadas, especialmente no estado de São Paulo, revelam uma estratégia deliberada para maximizar influência e eficiência logística que reforçam a influência e o poder hierárquico. A concentração de subseções no mapa pode indicar centros de poder e influência. Por exemplo, na Região Metropolitana de Ribeirão Preto notamos uma alta

concentração de subsedes da Camisa 12, o que sugere uma forte influência dessa torcida numa região específica.

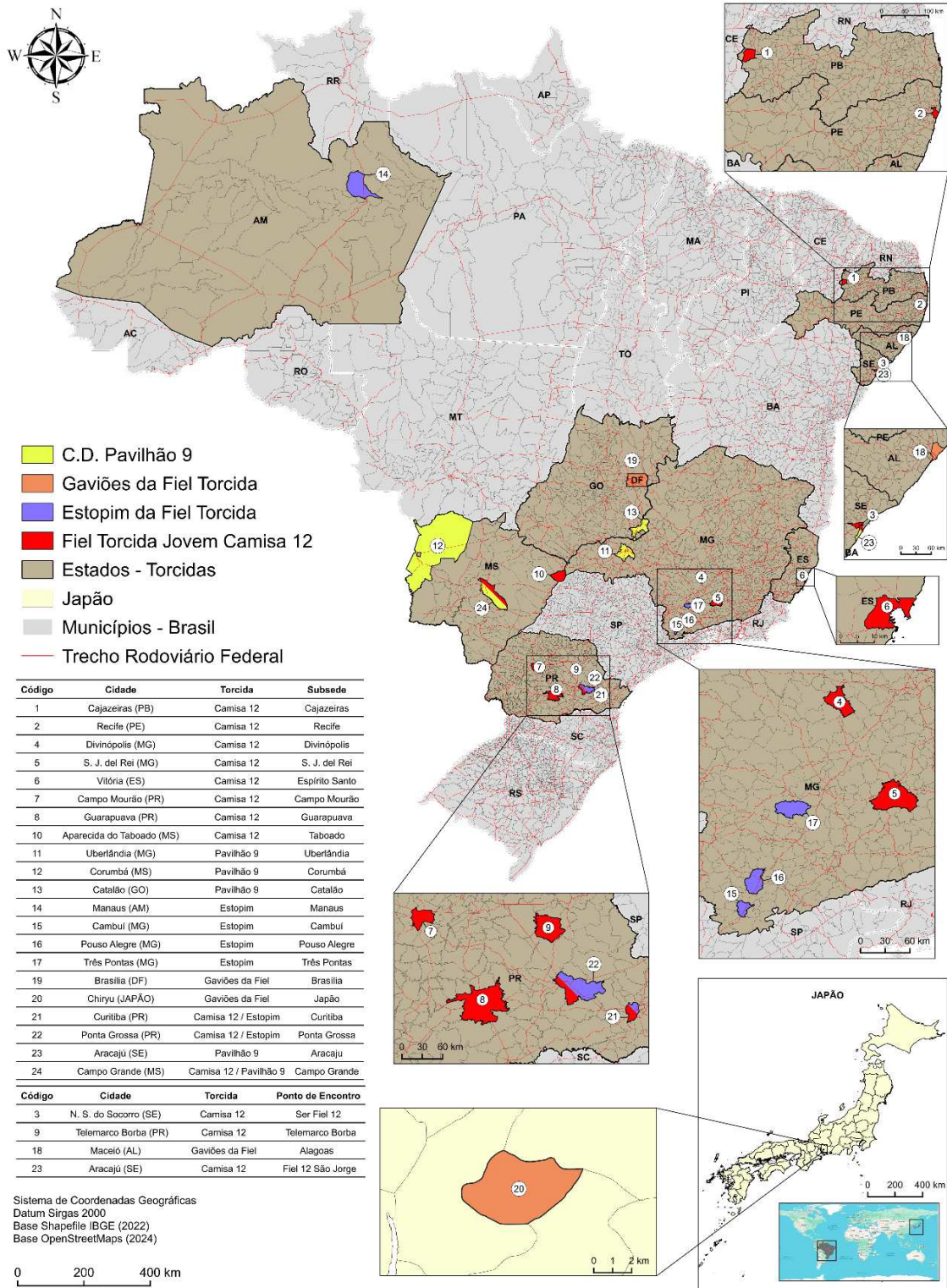
A maior presença de subsedes e pontos de encontro dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12, torcidas estas que ocupam as primeiras posições na estrutura hierárquica das organizadas corinthianas, indicam sua maior capacidade organizacional e recursos para manter uma rede mais extensa. A partir da localização de suas subsedes, a exemplo de Jundiaí, que atende à região da rodovia Anhanguera-Bandeirantes, o agrupamento e a partida das caravanas se torna facilitado, maximizando a segurança e reduzindo custos e complexidades operacionais ao organizar o suporte necessário para esses torcedores, como a distribuição de ingressos e coordenação de transporte.

O Mapa 2 também evidencia a presença de subsedes ou pontos de encontro em grandes centros urbanos e em pontos nodais perto de fronteiras estaduais, maximizando a cobertura territorial e influência da torcida dentro do cenário futebolístico nacional. As subsedes e pontos de encontro no Vale do Paraíba, situados nesta região entre São Paulo e Rio de Janeiro (a exemplo de São José dos Campos ou Taubaté), detêm as facilidades de acesso representados, principalmente, pela Rodovia Presidente Dutra e, depois, pelas rodovias Ayrton Senna, Governador Carvalho Pinto e Dom Pedro I.

No universo das torcidas organizadas do Corinthians, a estruturação espacial das subsedes supera a mera funcionalidade logística, assumindo um papel importante na manifestação da cultura torcedora e na dinâmica de apoio ao clube. A localização estratégica das subsedes ao longo das principais rotas viárias facilita o transporte e a mobilização para jogos, bem como reforça a presença e a influência territorial da torcida, permitindo uma rápida congregação e deslocamento dos membros das torcidas, facilitando a organização de caravanas e o transporte coletivo para os locais de competição, seja na capital paulista ou em outros estados.

A análise do Mapa 3, que ilustra as subsedes e pontos de encontro das torcidas hegemônicas fora do estado de São Paulo, revela padrões de organização que transcendem a proximidade a eixos rodoviários principais, diversificando os fatores de territorialidade e influência. Enquanto as rodovias desempenham um papel fundamental no planejamento logístico dentro de São Paulo, outras dinâmicas espaciais parecem influenciar a localização das subsedes em outros estados. Portanto, as torcidas organizadas corinthianas se estruturam em territórios-rede que superam os limites do estado de São

Paulo, conformando um amplo e complexo tecido socioespacial que opera em múltiplas escalas geográficas.



Mapa 3 – Distribuição das subsedes e pontos de encontro das torcidas hegemônicas do Corinthians no Brasil (exceto no Estado de São Paulo)
Elaboração da autora (2024)

Isso é evidenciado no Mapa 3 pelo estabelecimento de subsedes das torcidas hegemônicas em diferentes cidades e estados, permitindo a estas exercerem influência e participação em eventos e atividades que extrapolam as limitações de um território físico único. Este arranjo permite às torcidas operar numa escala ampliada, mantendo a coesão e o espírito comunitário mesmo entre membros separados por grandes distâncias. Embora a localização das subsedes fora de São Paulo não seja predominantemente definida pela proximidade às rodovias principais, elas são metodicamente posicionadas para maximizar a influência sociopolítica hierárquica e o engajamento da torcida organizada em uma escala nacional e, como veremos a seguir, em escala global.

A presença de uma subsede da Pavilhão 9 em Corumbá (MS), localizada na fronteira com a Bolívia, por exemplo, pode ser vista como um ponto estratégico para a expansão da influência cultural e social do clube, bem como para a comercialização de mercadorias e o intercâmbio cultural, aproveitando a posição limítrofe para atrair membros advindos de países vizinhos. A presença nesta cidade fronteiriça pode também facilitar a organização de eventos internacionais e servir como um ponto de encontro para torcedores residentes fora do Brasil.

Ademais, visualizamos no Mapa 3 a subsede internacional dos Gaviões da Fiel, no Japão, confluindo na visibilidade e no reconhecimento global desta torcida.

Mesmo a subsede do Japão que está um pouco mais afastada, ela de alguma forma está ali envolvida nos bastidores da torcida para estar atualizada do que está sendo feito e não ter nenhum ruído também de comunicação. O principal ponto para manter viva essa ideologia é essa comunicação direta e esse envolvimento assíduo dos seus principais líderes. (Entrevista realizada em 31 de maio de 2024, com o setor de comunicações dos Gaviões da Fiel)

Cada subsede, dependendo de sua localização geográfica, desempenha um papel único na expansão da representação da torcida organizada, na mobilização de suporte, e na integração com a comunidade torcedora em várias escalas, refletindo uma abordagem multiterritorial que vai além do futebol e entra no âmbito da influência social e cultural.

3.4. A produção do estádio e o direito à arquibancada

Na perspectiva da produção do espaço por Henri Lefebvre (2006), o espaço supera sua abrangência como uma entidade física se tornando um produto social que expressa e perpetua as hierarquias e o controle social, refletindo as relações de poder e as lutas culturais dentro de uma sociedade. O autor desenvolve a tríade do espaço — percebido,

concebido e vivido — que fornece uma estrutura analítica robusta para entender as interações e práticas espaciais em diversas configurações.

[A prática socioespacial] associa estreitamente, no **espaço percebido**, a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida “privada”, dos lazeres). Associação surpreendente, pois ela inclui em si (pressupõe) a separação exacerbada entre esses lugares que ela vincula. A competência e a performance espaciais próprias a cada membro dessa sociedade só se examinam empiricamente [...] Uma prática espacial deve possuir uma certa coesão, o que não quer dizer uma coerência (intelectualmente elaborada: concebida e lógica). (Lefebvre, 2006, p. 65-66, grifo nosso).

As representações do espaço, ou seja, o **espaço concebido** [...] é o espaço dominante em qualquer sociedade (ou modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas reservas sobre as quais será preciso retornar) para um sistema de signos verbais, portanto, elaborados intelectualmente.

Os espaços de representação, ou seja, o **espaço vivido** por meio das imagens e dos símbolos que o acompanham [...]. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais. (Lefebvre, 2006, p. 66, grifos nossos).

Quando aplicadas as teorias de Lefebvre ao contexto das torcidas organizadas, podemos desvendar como o espaço nos estádios é constantemente produzido e reproduzido através das interações sociais que desafiam as normas e redefinem continuamente o significado de pertencer e torcer. Este enfoque fornece uma noção para examinar de que maneira as arquibancadas são contestadas e negociadas, destacando a capacidade dos grupos marginalizados de construir uma resistência à lógica dominante, sistematicamente imposta.

Sobre o espaço social, o espaço físico e material de uma torcida organizada no estádio de futebol podemos associar o espaço percebido. Este representa o âmbito das arquibancadas e dos locais de encontro dos torcedores (sedes, subsedes, pontos de encontro, ruas, bares), onde ocorrem interações diretas e visíveis. Neste contexto, as torcidas organizadas estabelecem sua presença física e definem suas territorialidades através de símbolos visíveis, como faixas, bandeiras, cânticos e cores representativas. Essa expressão do espaço percebido é essencial para compreender como as torcidas afirmam sua dominação e identidade territorial, influenciando diretamente na dinâmica do torcer e na atmosfera dos eventos esportivos.

Por outro lado, o espaço concebido refere-se à representação intelectualizada e planejada do espaço, abrangendo os esquemas organizacionais que os dirigentes das

organizadas estabelecem. Este inclui as estratégias meticulosas para ocupação das arquibancadas, organização das caravanas para jogos “fora de casa” e a coordenação de atividades que reforçam a solidariedade e a identidade do grupo. O espaço concebido é um reflexo da intencionalidade das torcidas organizadas, revelando como a estrutura e o planejamento contribuem para a manutenção das hierarquias de torcidas e a maximização da representação torcedora em diferentes locais.

Finalmente, o espaço vivido abarca as experiências e as vivências emocionais dos indivíduos e grupos dentro dos estádios ou em quaisquer outros ambientes ligados à torcida. Este espaço é intensamente pessoal e subjetivo, infundido com as emoções e identidades que surgem em resposta às dinâmicas do jogo e interações com outros torcedores. A experiência vivida pelos membros das torcidas ilustra uma camada intensa de significado, englobando o sentimento de pertença a determinado grupo ou coletivo; a expressão de rivalidades ou oposições políticas e ideológicas e; a celebração de uma cultura comum.

A integração dessas três dimensões — percebido, concebido e vivido — oferece uma abordagem holística para entender como as arquibancadas se apresentam como territórios do torcer onde se desdobram lutas pelo poder, pela identidade e pela ação coletiva. A aplicação dessa tríade ao estudo das territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas corinthianas contribui para a melhor compreensão das interações espaciais, destacando tanto os aspectos tangíveis quanto os intangíveis que definem a cultura das arquibancadas.

Os campos que nós estamos preocupados são, primeiro, o físico – a natureza, o cosmos; segundo, o mental, incluindo abstrações lógicas e formais; em terceiro, o social. Em outras palavras, nós estamos preocupados com o espaço lógicoepistemológico, o espaço da prática social, o espaço ocupado por fenômenos sensoriais, incluindo produtos da imaginação tais como projetos e projeções, símbolos e utopias (Lefebvre, 2006, p. 31).

Os estádios de futebol, como espaços de manifestação cultural e política, tornam-se locais onde se materializa o "direito à cidade".

O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (Lefebvre, 2001, p.135).

Segundo Lefebvre (2001, p. 117), o direito à cidade deve ser concebido como o "direito à vida urbana, transformada e renovada". Para efetivar o direito à cidade e a

participação plena nos espaços urbanos, é essencial que os grupos marginalizados reconheçam sua capacidade de influenciar mudanças sociais. Nas dinâmicas das arquibancadas, isso se reflete na interação entre torcidas organizadas hegemônicas e não-hegemônicas. As torcidas dominantes frequentemente impõem restrições que marginalizam as torcidas menores, perpetuando assim uma hierarquia. Confrontar esse cenário exige das torcidas não-hegemônicas uma postura ativa para romper as estratégias e ideologias que sustentam o status quo, promovendo um ambiente mais democrático e inclusivo no contexto das torcidas.

O autor sugere que o espaço é produzido e controlado por forças dominantes, propondo que todos os indivíduos têm o direito de moldar e utilizar o espaço de maneiras que reflitam suas próprias experiências e necessidades. As torcidas organizadas, especialmente aquelas não-hegemônicas ou com menor poder institucional, ao ocuparem as arquibancadas (sobretudo em estádios onde a representação se faz possível) acabam por contestar a ordem espacial imposta, que muitas vezes favorece as torcidas mais numerosas e institucionalizadas de grandes centros urbanos como São Paulo. Ao fazerem isso, essas torcidas menores afirmam sua lealdade ao clube, desafiando a hierarquia que busca controlar a experiência do torcer, ocasionando, por vezes, em conflitos, pois, como nos assegura o dirigente da torcida 1: “Torcida organizada é território hostil”. O dirigente da torcida B endossa:

Desde quando o mundo é mundo, conflitos por espaço sempre vão existir, por representação mesmo. [...] Quanto aos confrontos, já vi, já participei, não que eu me orgulhe disso, mas é aquela história da natureza do espaço, desde quando o mundo é mundo o homem quer dominar o outro homem, e quer dominar o espaço do outro, até em determinado momento existe uma situação onde entre em alguma via de fato, mas aí cabe a nós saber conduzir da melhor forma para não ficar se destruindo. A intenção nunca foi essa, todo mundo tem que ir pro mesmo propósito, nosso inimigo é outro e veste verde. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

Neste contexto, cada jogo “fora de casa” se transforma em uma oportunidade para essas torcidas reafirmarem sua existência e resistência contra uma estrutura que frequentemente as marginaliza. Conforme salienta o dirigente da torcida C:

Você vê muitas torcidas aí que brigam entre si, defendendo o mesmo clube e eles brigam entre eles. Aqui a gente já passou dessa fase. Fora de casa, todas as torcidas do Corinthians entoam um só canto. Todas vamos cantar a mesma batida. Quando somos torcida visitante é assim. Em Itaquera [Neoquímica Arena] não tem como, aí que vai ficar aquela divisão, cada um no seu espaço. Mas conflito por espaço sempre tem. Cada um com a sua opinião e você vai querer valer da sua opinião. Todo mundo vem da periferia, todo mundo quer ter voz, todo mundo quer ter

seu espaço ali. Essas confusões, sim, sempre acontecem. Pode acontecer, mas a gente resolve na hora, ou no outro dia a gente já deixa tudo no chão. “Já apaziguou, não é? Já apaziguou” (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica).

Cooperação e competição são componentes envolvidos nas complexas relações de poder entre as torcidas organizadas. O território não é apenas o palco onde se travam as disputas, é também objeto de desejo e luta política por afirmação e resistência. As torcidas organizadas ocupam os espaços físicos dos estádios, exibindo faixas e entoando cânticos, que são atos de resistência em um campo de batalha simbólico, expandindo suas territorialidades além das fronteiras geográficas tradicionais. Este fenômeno, conforme discutido por Lefebvre, destaca a importância das práticas espaciais que são simultaneamente locais e translocacionais, refletindo uma complexidade que extrapola limites físicos dos territórios para englobar dimensões simbólicas e culturais de espaço.

O depoimento de um dirigente da torcida A explica o sentimento de pertença a uma determinada torcida em detrimento a outra:

Primeiramente é o seguinte, é questão de identidade mesmo. [...] É óbvio que cada torcida do Corinthians tem sua história, temos respeito mútuo, cada uma tem seu coletivo formado. Cada um tem o seu motivo e isso é válido. Tá tudo bem. Só que a questão é que a gente quer expôr a nossa [faixa], sim. A gente tem que ver. Mesmo eu não estando no estádio, se eu olho pela televisão, eu tenho que ver a faixa lá. Eu tenho que ver que está lá. Isso eu me sinto representado. Por exemplo, a minha vez de estar lá com a faixa, segurando ela e defendendo, quem estiver em casa também tem que se sentir representado. É sobre isso. Então, pra eu poder chegar no jogo do Corinthians, eu tinha que trabalhar. Ter dinheiro. Pra ter dinheiro eu tinha que trabalhar, firmeza. Mas com qualquer trabalho dá pra ver o jogo do Corinthians? Não. Então eu preciso ter um bom trabalho. Pra eu ter um bom trabalho, eu tenho que estudar. É isso que o Corinthians faz na vida das pessoas. [...] Assim, a torcida organizada faz essa função social que deveria vir do Estado, dá educação, dá respeito, dá conhecimento, dá cultura, dá lazer. Então, como eu não vou ocupar esse espaço? Como eu não vou representar isso na arquibancada? [...] Pra quem nunca teve uma identidade na vida, quem sempre foi um ‘água de salsicha’ que não serve pra nada, ser torcida organizada é ser alguma coisa. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

Para o dirigente da torcida C, ao tratar dos territórios hierárquicos há um peso simbólico pois, “sempre ficou que a Macabra é do interior, de longe. E se formos ver a representação dos caras, a gente considera os caras iguais. Mas é diferente, o cara ser da capital ou o cara ser do interior”, reforçando a ideia de que a localização geográfica influencia o status dentro da hierarquia em torcidas organizadas corinthianas.

O dirigente da torcida A complementa que “tem uma questão territorial”, mas também simbólica e compara:

O Pavilhão passou pelo processo da chacina [emblemático Carandiru] e o bagulho foi louco, fechamento da sede, tudo mais. Mudou toda a territorialidade. Saiu da Zona Oeste que era o chão ali, foi feito ali. E foram pro outro lado da cidade, estão aí, resistem, vivem, estão firmes e fortes. E comparando com a [Coringão] Chopp, que tem uma sede, que tem uma estrutura, mas nem por isso se tornou a terceira [torcida na hierarquia] do Corinthians. [...] Não é por questão material, é questão moral mesmo, ideológica. (Entrevista realizada em 21 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

Castro (1997, p. 157) argumenta sobre “inseparabilidade entre imaginário, política e território”, apontando para a necessidade de se compreender a apropriação do espaço a partir dos valores simbólicos. A autora destaca a importância de entender os sentimentos coletivos e as paixões comuns como componentes de um simbolismo amplo, essencial para a integração da comunidade, alertando sobre a complexidade dessa missão para o geógrafo e ressaltando a necessidade de discernir tanto os processos visíveis quanto aqueles que surgem das simbologias dos lugares e das conotações subjetivas.

Os estados nacionais foram consolidados, em sua maior parte, a partir do domínio hegemônico de uma região. [...] Os regionalismos representam, muito mais, lutas por disputas de recursos com base no poder simbólico da afirmação de identidade ou solidariedade a territórios particulares do que um desejo real de soberania. Trata-se, na realidade, da articulação entre escalas territoriais de poder e de identidade que, sendo contraditórias como essência, são complementares enquanto prática política. (Castro, 1997, p. 187)

No contexto das torcidas organizadas, sobretudo as corinthianas, há relutância das torcidas não-hegemônicas em se fundir ou aliar-se às grandes torcidas, o que pode ser entendido por intermédio de algumas lentes socioculturais e políticas. A dinâmica das territorialidades revela a interação entre processos de territorialização e desterritorialização, conforme descrito por Haesbaert:

Fica evidente que as redes podem atuar no sentido de territorialização, quando voltadas mais para a articulação interna do território (tornando-se seu elemento), quanto da desterritorialização, quando seus fluxos desestruturam territórios/ fronteiras anteriormente estabelecidos (e territórios ‘locais’ podem se transformar em elementos ou nós de redes) (Haesbaert, 1995, p. 199).

No entanto, esse processo não é unidirecional. A desterritorialização ocorre quando os fluxos de influência das torcidas hegemônicas desestabilizam as fronteiras e as estruturas de poder locais, transformando territórios locais em elementos ou nós de uma rede mais ampla de influência corinthiana. Isso pode levar tanto a conflitos, quanto a negociações sobre o espaço e a identidade, à medida que as torcidas não-hegemônicas respondem a esses desafios, seja adaptando-se, resistindo ou colaborando com as novas

dinâmicas impostas. O dirigente da torcida 1 contribui ao explicar esta relação entre torcidas:

No passado distante existiu uma relação, ainda que não fosse saudável para o movimento. Hoje não existe relação praticamente nenhuma! Temos nosso próprio patrimônio, uniforme, faixas, bandeira, a nossa estrutura se desdobra como torcida, assim como qualquer outra, com marcas e identidade próprias. Já a questão da representação está condicionada a estarmos nos jogos e é algo que é mais complicado por termos uma questão financeira apertada e nosso apoio quantitativo deixa muito a desejar, o que traz toda dificuldade nesse sentido, mas a ideia da representação não existe da forma que era pra ser. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023 com dirigente de torcida não-hegemônica)

As torcidas não-hegemônicas muitas vezes prezam por sua independência e identidade distinta e a união com torcidas hegemônicas poderia diluir suas características únicas, seus valores culturais e tradições próprias. Essas torcidas podem valorizar a liberdade de expressar suas próprias vozes e de realizar atividades que refletem diretamente os interesses e sentimentos de seus membros, sem serem ofuscadas pelas agendas e políticas das grandes torcidas.

Conflitos ideológicos ou diferenças nas formas de torcer também podem ser fatores significativos. As torcidas não-hegemônicas podem discordar das táticas, políticas ou mesmo da cultura interna das grandes torcidas. Essas divergências estão relacionadas a comportamentos nos estádios, métodos de organização e questões sociopolíticas mais amplas.

O que eu mais vi nos jogos foi briga por delimitação de espaço, por questão de visibilidade, os caras [torcidas hegemônicas] não conseguem nem disfarçar a questão do interesse deles: é questão de mídia, de visibilidade. Falan tanto “não posso falar com a mídia, dar entrevista”, mas o nome da torcida tem que estar numa faixa de 20 metros estampada para a mídia ver o tempo inteiro. (Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023, com dirigente de torcida não-hegemônica)

Torcidas não-hegemônicas detêm suas próprias histórias e tradições que desejam preservar, se consolidando em torno de identidades locais específicas e questões regionais, algumas sustentam em suas motivações, inclusive, a luta contra o regionalismo nas arquibancadas, com propósito de resistir e protestar contra as normas hierárquicas de representação estabelecidas pelas torcidas hegemônicas.

As resistências e a busca de territorialidades alternativas (que recusam a des-territorialização imposta pelas representações dominantes) têm sido sufocadas (quase sempre pela força), mas têm apresentado momentos de viva atividade, como no presente, se não cairmos na armadilha do antagonismo democracias ocidentais versus terrorismo. Há sempre uma relação dialética entre os processos globais de reestruturação do capitalismo com as resistências de nível local que, quase sempre derrotadas até o momento, têm antagonizado os modelos ocidentais de desenvolvimento. Essas resistências se dão nas nesgas do vivido das práticas espaciais cotidianas em oposição ao processo brutal e transescalar das transformações (desenvolvimento) criadoras de renovadas representações (Rua, 2007, p. 161).

A decisão de permanecerem autônomas permite que as torcidas não-hegemônicas mantenham sua integridade, promovam suas próprias agendas e atendam às necessidades específicas de seus membros, sem a influência diluída ou potencialmente dominadora de torcidas maiores. Esta escolha ressalta a complexidade e a riqueza do cenário das torcidas organizadas, onde cada grupo possui suas próprias motivações e objetivos dentro do ecossistema esportivo mais amplo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a investigar as dinâmicas de poder e territorialidades nas torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, uma temática pouco explorada no campo da Geografia. O estudo se fundamentou na análise das hierarquias e influências das torcidas nas arquibancadas dos estádios de futebol, acionando o conceito de territorialidade para compreender o comportamento espacial dessas organizações.

A metodologia adotada para esta pesquisa foi a estratégia de estudo de caso, focando nas organizadas do Corinthians, já que acreditamos ser a mais indicada devido a seu cariz qualitativo. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, análise documental e observações de campo para coleta de dados. Esta abordagem permitiu uma investigação detalhada e contextualizada das dinâmicas internas e das interações entre as torcidas, proporcionando uma compreensão abrangente do fenômeno estudado.

Os desafios legais e éticos enfrentados pelas torcidas organizadas foram discutidos, especialmente no que diz respeito à responsabilidade coletiva por atos individuais. A pesquisa destacou a importância do consentimento informado e da proteção dos participantes, garantindo a confidencialidade e evitando qualquer prejuízo aos entrevistados.

Após concluir as etapas de revisão da literatura científica e coleta de dados (por meio da análise de documentos e entrevistas), realizamos o tratamento, apresentação, revisão e interpretação das informações obtidas, utilizando a técnica de análise de conteúdo. Esse processo nos possibilitou chegar a conclusões relevantes que respondem aos objetivos deste estudo.

As arquibancadas são vistas como territórios ontológicos para as torcidas, onde se manifestam e reafirmam suas identidades através da ocupação espacial estratégica, carregada de significados. Em nosso entender, podemos concluir que as torcidas organizadas corinthianas buscam demarcar territórios de controle e influência, apropriando-se do espaço numa clara demonstração do poder, identificados nesse estudo por meio de faixas, bandeiras, cânticos e rituais, que são dispostos e entoados nas arquibancadas, obedecendo a uma ordem hierárquica definida, aplicada e seguida pelas torcidas e seus membros.

Essa hierarquia se consolida segundo critérios concebidos e acordados pelas organizadas, seguindo esta ordem: representação em jogos do clube, ano de fundação, local de origem da torcida, número de integrantes, institucionalização jurídica e

legitimação social. Dessa forma, as torcidas que cumprem os requisitos estabelecidos garantem seus espaços de visibilidade e privilégio nas arquibancadas dos estádios de futebol de todo o Brasil em dias de jogos do Sport Club Corinthians, exibindo seus símbolos em patrimônios, estendendo suas faixas em alambrados mais amplos e determinando o território de cada organizada no momento do jogo.

Entretanto, as torcidas corinthianas que não possuem todos os requisitos (aqui nomeadas não-hegemônicas), se assentam nas arquibancadas à sombra das torcidas hegemônicas, por anuência delas ou através de resistências. Constatase assim, que o delineamento territorial dentro dos estádios obedece a uma diretriz hierárquica, criada, estabelecida e implementada pelas torcidas organizadas e sustentada por práticas de dominação e submissão, que são legitimadas por normas internas, tradições e por uma cadeia de comando que regula a conduta/idiossincrasia torcedora.

Importa ressaltar que a dominação das torcidas organizadas hegemônicas sobre as não-hegemônicas ocorre dentro de uma lógica de controle direto sobre o território minuciosamente determinado em dias de jogos, através da disposição simbólica dos patrimônios nas arquibancadas e pela capacidade estrutural de influência, bem como uma certa validação coletiva, apesar das obstinadas práticas de resistência por parte das torcidas não-hegemônicas.

Identificamos que a legitimidade da hierarquia nas torcidas organizadas, apesar de baseada nos critérios acima descritos, também segue aos aspectos legais, como estatutos internos dessas organizações, reconhecimento pelo clube e regulamentações regidas pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Todos esses normativos acabam por influir diretamente nos fundamentos determinados pelas organizadas corinthianas para definirem seus estatutos, mas, sobretudo, para gerar uma impressão de licitude/validação e conferir um caráter mais democrático e justo aos preceitos internos que são impostos às torcidas caracterizadas como não-hegemônicas.

Como já referido nesse trabalho, a formalização jurídica das torcidas organizadas é um ponto importante e delimitador para a prática do torcer, pois é através de estatutos e registros oficiais (CNPJ), que lhes são conferidos uma institucionalização que facilita sua atuação e a defesa de seus interesses. Percebe-se que os desafios legais e éticos enfrentados por esses grupos são frequentes e a legislação constantemente pune a organização como um todo por atos individuais, o que é visto como injusto pelos membros das respectivas torcidas. A pesquisa sugere que políticas públicas devem focar na individualização das punições, utilizando tecnologias de identificação pessoal para

responsabilizar os infratores diretamente. Esse fator da punição dos torcedores acaba por ser uma das razões apresentadas pelas torcidas para a manutenção do poder e imposição das regras estipuladas.

Entretanto, apesar das diferenças definidas por padrões culturais variados, status quo, número de associados e atuação, que resultam em diversos modos de torcer, as torcidas organizadas paradoxalmente mostram unidade quando se trata da “fiel torcida corinthiana”. Marcadas ora por semelhanças, ora por divergências, as motivações torcedoras sucedem, para além da expressão coletiva do amor ao clube nas arquibancadas, na representação simbólica-identitária e delimitação de seus territórios dentro e fora dos estádios.

A pesquisa revela que as dinâmicas de poder dentro das torcidas são complexas e multifacetadas. As hierarquias em organizadas do Sport Club Corinthians Paulista se refletem nas territorialidades torcedoras nas arquibancadas, com espaços claramente delimitados que reforçam a coesão do grupo. As relações de conflito e cooperação entre as torcidas organizadas se revezam em diversos momentos e acabam por criar territorialidades alternativas como uma reivindicação das torcidas não-hegemônicas contra a imposição do sistema hierárquico pelas torcidas hegemônicas.

Com o avanço da mercantilização do futebol e conseqüentemente do torcer, emerge uma articulação entre os processos advindos da globalização, impulsionados pelos poderes dominantes e a mobilização das torcidas organizadas que traçam estratégias para atuação e representação nas arquibancadas, envolvendo diversas contrariedades e insurgências, o que condiciona a configuração espacial desses grupos, influenciando nas relações de poder e provocando um constante (re)ordenamento de territorialidades.

Considerando a relevância da pesquisa para as áreas de Geografia Política e Geografia do Esporte, este estudo demonstra a intersecção entre as dinâmicas sociais e a organização espacial dentro de contextos esportivos altamente competitivos e passionais, como os estádios de futebol. Ao explorar a configuração das torcidas organizadas e suas hierarquias, a dissertação amplia o entendimento de como tais grupos exercem poder e influência territorial nas arquibancadas, através das narrativas e práticas que definem suas identidades coletivas. Este enfoque contribui significativamente para o campo da Geografia do Esporte, ao detalhar como os espaços são negociados, disputados e transformados por atores em diferentes escalas de poder e capital social.

Quanto às perspectivas futuras, este estudo abre caminho para investigações mais profundas sobre a interação entre esporte, território e sociedade, sugerindo a possibilidade

de estender a análise para outras regiões e contextos esportivos. Futuras pesquisas podem explorar como as dinâmicas observadas entre as torcidas organizadas do Corinthians se manifestam em outros clubes brasileiros e internacionais, ou mesmo em diferentes modalidades esportivas. Ademais, incentiva a reflexão para os efeitos das políticas de gestão dos estádios e de controle das massas sobre as práticas culturais das organizadas, propondo uma análise crítica sobre como tais políticas impactam a vivência e a expressão torcedora nos estádios de futebol.

Referências

- ALABARCES, Pablo. **Crônicas del aguante**: futebol, violência e política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- ALABARCES, Pablo; GARRIGA ZUCAL, José; MOREIRA, María Verónica. El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 113-136, jul./dez. 2008.
- ALMEIDA, Leandro; FREIRE, Teresa. **Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação** (3ª Ed.). Braga: Edições Psiquilíbrios, 2003.
- ALVES, Gilvanildo. **História do futebol em Pernambuco**. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- AMADO, João. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>. 2014.
- ARENDT, Hannah. Da violência. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1985.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo** (5a ed.). Edições 70, 2018.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 171 p.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003. Disp
- BRASIL. Lei n. 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências.
- BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil.
- CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. **Explorações geográficas** 1, p. 155-196, 1997.
- COELHO NETO, Agripino Souza. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. **GEOgraphia (UFF)**, Niterói, v. 15, n. 29, p. 23-52, 2013a.
- COELHO NETO, Agripino Souza. Redes e territórios. *Mercator*, Fortaleza, v. 12, n. 28, p. 19-34, mai./ago. 2013b.

COELHO NETO, Agripino Souza. Dos territórios (e territorialidades) na geografia: conteúdos basilares da construção de um conceito. In: MEURER, Ane Carine, et. al. (Org.). **As categorias e as Geografias do século XXI**. São Paulo: FFLCH/USP, 2021, p. 193-224.

COELHO NETO, Agripino Souza. Territorialidade: uma proposição teórico-conceitual. In: SILVA, A. M.; AMORIM, I; CASTRO, S. (Orgs.). **Educação, Territorialidade e Formação Docente: contextualizando pesquisas**. Curitiba: Editora CRV, 2016, p. 15-29.

COLLINS, Tony. History, Theory and the “civilizing process”. **Sport in History**, vol 25, Nº2. 2005.

COLLINS, Tony. **How Football Began: A Global History of How the World's Football Codes Were Born**. (1ª ed.), 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In M. Santos, M. A. A. Souza & M. L. Silveira. **Território, globalização e fragmentação** (5a ed.). São Paulo: Annablume, 2002.

CORREIA SOBRINHO, José. Violência de massa no futebol: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. **Folha do Campus**. Ano II, n10, set, 1997.

COUCEIRO, Silvy Costa. **Artes de viver a cidade: conflito e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 1920**. 2003. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. 1998. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola Superior de Educação Física.

DAOLIO, Jocimar. **A representação do trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria-prima ao corpo cidadão**. São Paulo, 1992. 97p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração Corinthiano: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos**. São Paulo: fundação Nestlé de cultura, 1992. V.02, cap.63, p.314-317.

DUARTE, Oscar. **História dos Esportes**. 3ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, páginas 213-224, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão Social do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: **Encyclopaedia Britânica do Brasil**, 1987. 20 v. ISBN 85-7026-095-4.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. O Poder e Seu Controle. **Revista de informação legislativa**, v. 21, n. 84, p. 69-94, out./dez. 1984.

- FILHO, Mario Rodrigues. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- GABATZ, Christiane; ZEFERINO, Jaqueline. As contribuições de Émile Durkheim para compreender a religião na contemporaneidade. **Correlatio**, v. 16, n. 2, pp. 339-355, 2017.
- GALEANO, Eduardo. **Fútbol a sol y sombra**. Cidade do México: Siglo XXI (ebook), 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248 p.
- GOMES, José Vitor Lemes. **A lógica da ação na sociologia weberiana: religião, política e ciência**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.
- GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**.
- GUILHON, Marcelo Faria. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil. **Esporte e Sociedade**, ano 9, n 24, Setembro 2014.
- HAESBAERT, Rogério. A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: Castro, Iná Elias de et. al. **Geografia: Conceitos e temas**. 5ª. Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 165-206.
- HAESBAERT, Rogério. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. **Terra Livre**. São Paulo. Ano 18, v.1, n. 18, jan.-jun. p.37-46. 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: Eduff, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: Saquet, Marcos Aurelio e Sposito, Eliseu Savério (org.) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**, Expressão Popular, São Paulo, pp. 95-120, 2009.
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004a. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em Junho/23.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.
- HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.
- HIERARQUIA. In: **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto, Porto Editora, 2013.

HIERARQUIA. In: **Dicionário Priberam**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/hierarquias>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

HIERARQUIA. In: **Enciclopédia Significados**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/hierarquia/>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Os estudos do futebol na Inglaterra: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. **HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA**, v. 14, p. 289-318, 2021.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas organizadas no Brasil e na França: considerações preliminares para uma comparação**. Razón y Palabra, v. n.69, p. 1-18, 2009

IBAÑEZ, Tomás. **Ideologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Sendai, 1988.

JODELET, Denise (dir.). **Les représentations sociales**. 4 ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1994.

JODELET, Denise. “La Representación Social: Fenómeno, Concepto e Teoria”. In: Moscovici, Serge (Org). **Psicología Social**. Buenos Aires: Paidós, 1986.

KLEIN, Mauro André. Futebol inicia ciclo da economia de mercado, **Gazeta Mercantil**, 17 set. 1999. p. A-3.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace). 4e éd. Paris: Éditions, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEVINE, Robert. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: Meihy, José Carlos Sebe Bom Meihy e Witter, José Sebe Bom (Orgs.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LIMA FILHO, Fernando de Barros. O fenômeno do poder e suas manifestações. **Revista Jurídica UNIGRAN**. Dourados, MS, v. 15, n. 30, Jul./Dez. 2013.

LOCKE, John. **Carta Sobre a Tolerância**. In: **Ensaio acerca do entendimento humano**. Segundo tratado sobre o governo. Tradução 1º parte Anoar Aiex. Tradução 2º parte E. Jacy Monteiro. 5º edição. São Paulo. Nova Cultural, 1991.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, Niterói, Vol. 24 n. 2. Mai./Ago. p.207-232, 2018.

LOURENÇO JÚNIOR, Luiz Roberto Corrêa. **Violência no futebol brasileiro**: A influência dos problemas sócio-culturais e econômicos da sociedade brasileira na violência do futebol local. 36 p. 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 166 p. 1984.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação**: a palavra, a idéia, a coisa. Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v. 57, p. 1-30, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. **Revista Advir / Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Asduerj, n. 32, p. 24-38, jul. 2014a.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Universidade de São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras** – a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. São Paulo: A cidade e o futebol – **Revista Eletrônica Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires - Año 8 - N° 46 - Marzo de 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Revista Cidades**, Presidente Prudente – SP, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil**: Do século XIX ao início do século XX. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOSCOVICI, Serge (Org). **Psicologia Social**. Buenos Aires: Paidós, 1986.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, páginas 11-68, 2007.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Carvalho. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: revista.ufpr.br.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Carvalho. **Resistência e Rendição**: a gênese do Sport Club Corinthians. 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

OLIVEIRA, Elias Costa. As interfaces da prática torcedora pelo mundo contemporâneo: Hooligans, ultras, torcidas organizadas e barras bravas. In: **Esporte e Sociedade** ano 15, n 36, dezembro, 2022.

PEREIRA, Jovino Alberto Oliveira. **Futebol, de esporte amador a negócio de entretenimento e lazer em uma sociedade midiaticizada**, 2003, 283 f. Dissertação (Pós graduação em Administração) – Escola de Administração – NPGA, UFBA, Salvador, 2003.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERISSINOTTO, Renato M. Poder: imposição ou consenso ilusório? In: NOBRE, Renato. **O poder no pensamento social: dissonâncias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

PITKIN, H. F. **Representação: Palavras, instituições e ideias**. Tradução de W. Mancuso e P. Ortellado, Lua Nova Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 67, pp. 15-47, 2006.

PIMENTA, Carlos. Hooligans: barbárie e futebol. In: **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Louis Van. **Manual de investigação em ciências sociais** (2a ed.). Gradiva, 1998.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. Repères pour une théorie de la territorialité humaine. **Cahiers**, Groupe Réseaux, n. 7, 1987.

REIS, Letícia Vidor dos Santos. **Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997–2002)**. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPGS/UFRGS, 2003.

ROMERO, Almicar. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. In: **Educación Física y Deportes**. Ano 2, nº8. Buenos Aires: dez. 1997.

RUA, João. Desenvolvimento, espaço e sustentabilidades. In: RUA, João (org.). **Paisagem, espaço e sustentabilidades: uma perspectiva multidimensional da geografia**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2007. p. 143-193

RUSSELL, Bertrand. **O Poder - uma nova análise social**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. 189 p.

SACK, Robert David. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, Maria Pilar Del B. **Metodologia de Pesquisa**, (5º ed.), 2013.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do Jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. **Acerca do conceito de representação**. Revista de Teoria da História, ano 3, n. 6, p. 27-57, dez. 2011

SANTOS, Irlan Simões. **Clientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multi

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). São Paulo. 2010. 489 f. São Paulo, 2010.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio; SANTOS, Sandra. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Revista Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2007. p. 24-42

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: [s.n.], 1999.

SILVA, Elizabeth Murilho. **As torcidas organizadas de futebol**. Violência e espetáculo nos estádios. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC-SP, 1996.

SILVA, Adriana Maria Lage. **Aspectos socioespaciais da cidade de Salvador na primeira república**. O governo de J J Seabra. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 2013.

SKINNER, David; TAGG, Charlotte; HOLLOWAY, John. Managers and research: the pros and cons of qualitative approaches. **Management Learning**, v. 31, n. 2, p. 163-179, 2000.

SOUZA, Eduardo Agaripe Pacheco. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. **Csonline (UFJF)**, v. 31, p. 192- 2018, 2020.

SOUZA, Luís César de. **Sociedade, futebol, torcidas organizadas e educação**: da violência explícita às contradições não evidentes. 193 p. 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcio A.; SPOSITO, Eliane S. **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, Ivo Elias de; GOMES, Pedro Carlos da Costa; CORRÊA, Ricardo Luiz (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA. **Mapas e rotas**. 2024. Disponível em: <https://www.neoquimicaarena.com.br/sobre/mapas-e-rotas>. Acesso em 25 de junho de 2024.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade** ano 8, n 21, março-2013.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

TESTA, Alberto; ARMSTRONG, Gary. Football fascism and fandom: the ultras of italian football. **Sociology of Sport Journal**, 30, 223-226, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. Políticas da Corporalidade: Socialidade Torcedora entre 1990-2010. In: TOLEDO, Leonardo Henrique; MALAIA, João; HOLANDA, Buarque de; MELO, Valdir Andrade de (org.). **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Vozes, 1996.

TRIVELA. **Ditadura nunca mais: as relações entre o futebol e a ditadura militar no Brasil**. Equipe Trivela. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/ditadura-nunca-mais-as-relacoes-entre-futebol-e-a-ditadura-militar-no-brasil/>.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

VERMERSCH, Pierre. **L'entretien d'explicitation**. ESF Sciences humaines, Psychologies et psychotherapies, 2019, ISBN: 9782710138563. DOI: 10.3917/esfsh.verme.2019.01. Disponível em: <https://www.cairn.info/l-entretien-d-explicitation--9782710138563.htm>.

VIEIRA, Cristina. **Metodologia de Investigação II**. Relatório apresentado para efeitos de concurso para Professor Associado, área das Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2011.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos Estudos-CEBRAP**, São Paulo, n. 96, p. 87-103, 2013.

WEBER, Max. “Die drei reinen Typen der legitimem Herrschaft.” In: **Wirtschaft und Gesellschaft**, 4ª edição, organizada e revisada por Johannes Winkelmann. Tübingen, J.C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1956. v. II, p. 551-558. Tradução por Gabriel Cohn. In WEBER, Max. In: **Coleção Grandes Cientistas Sociais**, n. 13. São Paulo: Ática, 1979.

WEBER, Max. Conceitos Sociológicos Fundamentais. In: **Economia e Sociedade**. Vol.1. Brasília: UnB, 1994.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: **Metodologia das Ciências Sociais - Parte 3**. São Paulo: Cortez, 1995.

WISNIK, José Miguel. Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 430 p. **Revista de História**, [S. l.], n. 163, p. 369-389, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i163p369-389. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19182>. Acesso em: 9 ago. 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 4ª ed. 2010. YOGUI, Rodrigo. **El fútbol de futuro**. Madrid: Libros en Red, 2008.

Apêndice

Categorias	Objetivo	Perguntas de recurso e aferição
Categoria 1 - Identificação do entrevistado	Apresentar a relevância do estudo ao entrevistado e estabelecer um ambiente propício a entrevista.	1) Quando se tornou torcedor do Corinthians? Em que ano e com que idade? 2) Como se tornou torcedor do Corinthians? 3) Quando e como se tornou integrante de torcida organizada? Conte um pouco essa trajetória.
Categoria 2 – Perfil e motivações da torcida	Obter os dados e informações sobre a torcida.	4) De qual torcida organizada você faz parte? Ela tem sede? Onde ela se localiza? 5) Ela é fruto de dissidência de outra torcida ou é uma manifestação orgânica? 6) Como foi criada a torcida organizada que você faz parte? 7) Quais os propósitos, ideologia, bases fundamentais da torcida?
Categoria 3 - Legitimação jurídica e/ou social	Obter dados acerca da formalização jurídica, como uso de CNPJ, em que essa legitimação contribui, em caso de não oficialização junto aos órgãos públicos, como detém o respaldo social diante outras torcidas.	8) É uma torcida institucionalizada legalmente? Se sim, como se deu esse processo? 9) Existem critérios jurídicos ou sociais que devem ser obedecidos para que uma torcida possa ser considerada T.O? 10) Vocês são reconhecidos pelo clube? Vocês são reconhecidos como T.O por outras torcidas?
Categoria 4 - Hierarquias	Identificar os pressupostos de hierarquia nas arquibancadas como forma de organização espacial.	11) A torcida é autônoma ou subsidiária de outra torcida? Se subsidiária, informe qual? 12) Você considera que as relações entre as torcidas organizadas do Corinthians são hierárquicas? Como ocorre e se estrutura essa hierarquia? 13) Você considera que há uma hierarquia na demarcação dos espaços nas arquibancas? 14) Existe alguma orientação norteadora (imposição) por parte do clube ou dos dirigentes de outras torcidas ou partiu de uma convenção coletiva (consenso)?

		<p>15) Você considera a hierarquia de torcidas nas arquibancadas uma forma legítima de representação? (Beco Alvinegro e Torcida Explosão Coração Corinthiano sumiram na Arena???)</p> <p>16) Durante sua trajetória em torcida organizada, já verificou algum conflito decorrente da distribuição dos espaços de visibilidade nas arquibancadas?</p>
<p>Categoria 5 - Territorialidades</p>	<p>Obter dados sobre a dominação geográfica dos espaços nas arquibancadas pelas torcidas e como ocorre a representação torcedora.</p>	<p>17) 17) Como ocorre a definição da distribuição dos espaços de ocupação das torcidas organizadas do Corinthians na Neoquímica Arena e em outros estádios?</p> <p>18) Quais são as relações que vocês estabelecem com as outras torcidas? Há consensos ou conflitos na definição dos espaços nas arquibancadas?</p> <p>19) Como acontece a representação da tua torcida nos espaços da arquibancada?</p> <p>20) Qual espaço a torcida organizada a qual faz parte efetivamente ocupa na arquibancada na Neo Química Arena e em outros estádios?</p> <p>21) Vocês se sentem satisfatoriamente representados nas arquibancadas dos estádios?</p>
<p>Categoria 6 - Agradecimentos e finalização</p>	<p>Agradecer a participação e disponibilidade do entrevistado.</p>	<p>22) Posso te convidar para uma entrevista novamente ao longo do desenvolvimento da pesquisa?</p>

Apêndice 1 – Guião de entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa entre 2023 e 2024
Elaboração da autora



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

Pesquisador: NATALIA MORENA LAGE SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67586323.0.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.061.992

Apresentação do Projeto:

O projeto é vinculado ao DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – CAMPUS I, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS TERRITORIAIS.

Resumo informado pela autora:

"Este estudo apresenta resultados de uma investigação que vem sendo desenvolvida no Mestrado em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia, objetivando compreender as territorialidades relativas às torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, fundamentadas em hierarquias de poder. Nesse sentido, interessa-nos analisar as relações de poder que conformam a organização espacial das arquibancadas a partir do ordenamento e representação das torcidas corinthianas nos estádios de futebol".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas dos estádios de futebol.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Objetivo Secundário:

Investigar o contexto histórico de formação das torcidas organizadas no Brasil, em especial das

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.061.992

torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista;

Analisar os documentos legais e fatores sociais que legitimam, juridicamente ou socialmente, as torcidas organizadas;

Investigar como se estabelecem as relações de poder e as dinâmicas hierárquicas em torcidas organizadas do Corinthians;

Compreender a conformação de territorialidades das torcidas organizadas corinthianas nas arquibancadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações da instituição proponente.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo.

Recomendações:

Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.061.992

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.67586323.0.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2071623.pdf	18/04/2023 17:07:41		Aceito
Outros	JUSTIFICATIVAS_NataliaMorenaLageSilva.pdf	18/04/2023 17:06:33	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma_NataliaMorenaLageSilva.pdf	18/04/2023 17:05:13	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Outros	Entrevistas_Guia_NataliaMorenaLageSilva.pdf	18/04/2023 17:03:18	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa_NataliaMorenaLageSilva.pdf	18/04/2023 17:00:12	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Declaração de concordância	TermoConfidencialidade_NataliaMorenaLageSilva.pdf	18/04/2023 16:57:42	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NataliaMorenaLageSilva.pdf	18/04/2023 16:55:29	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TermoAutorizacaoInstitucional_NataliaMorenaLageSilva.pdf	16/02/2023 18:54:44	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoCompromissoPesquisador_NataliaMorenaLageSilva.pdf	16/02/2023 18:42:33	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto_NataliaMorenaLageSilva.pdf	16/02/2023 18:41:22	NATALIA MORENA LAGE SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 6.061.992

Não

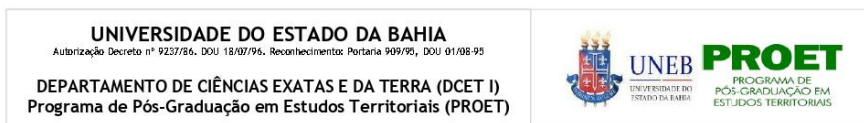
SALVADOR, 16 de Maio de 2023

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

Página 04 de 04

Apêndice 2 – Aprovação pelo Comitê de Ética da UNEB



Salvador, 6 de setembro de 2022

A(o) dirigente da Torcida Fiel Piauí

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: “**Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista**”, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone/whatsapp (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Salvador, 14 de novembro de 2023

A(o) dirigente da Fiel Torcida Jovem Camisa 12,

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: **“Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista”**, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Estarei em São Paulo entre os dias 20 e 25 de novembro de 2023, por gentileza, me informe a melhor data e horário disponível, e eu farei o possível para acomodar sua agenda. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Salvador, 14 de novembro de 2023

A(o) dirigente dos Gaviões da Fiel,

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: **“Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista”**, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

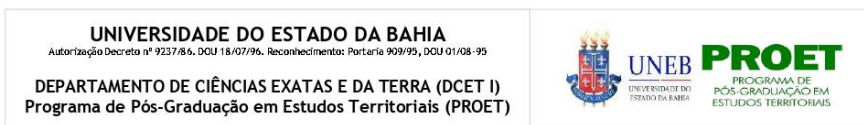
Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Estarei em São Paulo entre os dias 20 e 25 de novembro de 2023, por gentileza, me informe a melhor data e horário disponível, e eu farei o possível para acomodar sua agenda. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Salvador, 14 de novembro de 2023

A(o) dirigente da Estopim da Fiel,

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: **“Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista”**, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Estarei em São Paulo entre os dias 20 e 25 de novembro de 2023, por gentileza, me informe a melhor data e horário disponível, e eu farei o possível para acomodar sua agenda. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Salvador, 14 de novembro de 2023

A(o) dirigente da Pavilhão 9,

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: **“Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista”**, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Estarei em São Paulo entre os dias 20 e 25 de novembro de 2023, por gentileza, me informe a melhor data e horário disponível, e eu farei o possível para acomodar sua agenda. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Atribuição Decreto nº 9237/86, DDU 18/03/96, Reconhecimento Portaria 909/96, DDU 01/08/95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA (DCET I)
Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET)



Salvador, 6 de setembro de 2022

A(o) dirigente da Fiel BH

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: **“Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista”**, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

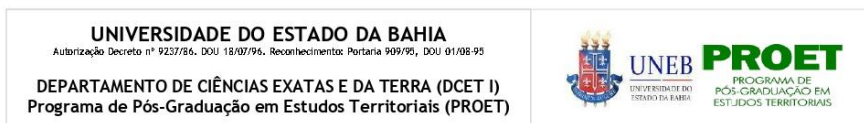
Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone/whatsapp (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Rua Silveira Martins, Nº 2555 Cabula – 41.195-001 site: <https://portal.uneb.br/proet>
e-mail da Coordenação: proetdcet1@uneb.br / e-mail da Secretaria: secretariaproetdcet1@uneb.br



Salvador, 6 de setembro de 2022

A(o) dirigente da Torcida Fiel CE

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: “**Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista**”, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

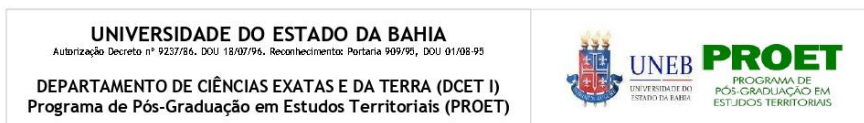
Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone/whatsapp (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Salvador, 6 de setembro de 2022

A(o) dirigente da Fiel Manaus

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: “**Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista**”, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

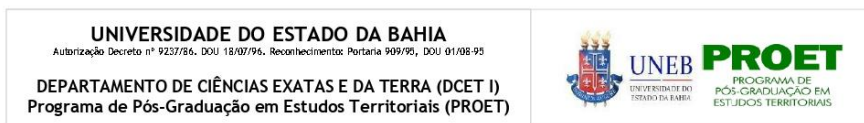
Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone/whatsapp (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucessoda minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Salvador, 6 de setembro de 2022

A(o) dirigente da Fiel Salvador Torcida

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: “**Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista**”, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

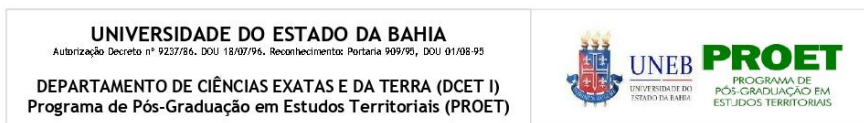
Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone/whatsapp (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucessoda minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB



Salvador, 6 de setembro de 2022

A(o) dirigente da Torcida Fiel João Pessoa.

Prezada (o),

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apresenta a aluna **Natália Morena Lage Silva**, matrícula 072210017, regularmente matriculada nesta instituição, que ora desenvolve trabalho de pesquisa sobre o tema: **“Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas: Sport Club Corinthians Paulista”**, sob a orientação do **Prof. Dr. Agripino Souza Coelho Neto**.

Com vistas, a subsidiar as atividades de pesquisa, solicitamos colaboração em forma de entrevista entre, ao menos, um dirigente da torcida e a discente. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o dirigente não será identificado.

Se concordar em participar da entrevista, me coloco à disposição para agendar de acordo com sua conveniência. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo pelo e-mail nataliamorena.prof@gmail.com ou pelo telefone/whatsapp (71) 988191252 para discutir mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida que possa ter. Sua participação será fundamental para o sucesso da minha pesquisa.

Na certeza de contarmos com colaboração de V.S, e do estreitamento das relações entre este Curso e essa Torcida Organizada.

Cordialmente,

Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Rua Silveira Martins, Nº 2555 Cabula – 41.195-001 site: <https://portal.uneb.br/proet>
e-mail da Coordenação: proetdcet1@uneb.br / e-mail da Secretaria: secretariaproetdcet1@uneb.br

Apêndice 3 – Carta-convite para participação na pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA, que tem como objetivo central analisar as territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas dos estádios de futebol. A pesquisa terá duração de 2,5 anos com o término previsto para 08 de setembro de 2024

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada. Os dados coletados serão utilizados nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de questionário. O(A) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras de qualquer natureza relacionada a sua participação. Quanto aos riscos, por se tratar de um estudo que questiona as relações de poder entre torcidas organizadas e suas repercussões sobre o espaço, os participantes, sobretudo das torcidas menores, podem sofrer retaliações das mais diversas ordens. Portanto, para evitar os riscos optamos por não revelar os nomes das torcidas nem dos dirigentes dessas, a fim de garantir o anonimato dos entrevistados.

Ao fim da defesa de dissertação, esta será disponibilizada aos entrevistados da pesquisa. Realizaremos a socialização dos resultados através de reuniões on-line com as torcidas organizadas participantes. Os resultados da dissertação serão úteis para o planejamento das ações do poder público, uma vez que se trata de uma interpretação de um fenômeno social expressivo que envolve milhares de pessoas e que requer uma ação pública.

O(A) Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/email do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Desde já agradecemos!

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
Autorização Decreto nº 9237/86, DOU 18/07/96, Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA TERRA
DCET Campus I - Salvador
Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais - PROET



Natália Morena Lage Silva
(71) 98819-1252
nataliamorena96@hotmail.com

Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia
(71) 3612-1330
cepuneb@uneb.br
www.cep.uneb.br

Participante da Pesquisa

Contatos: () _____



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS TERRITORIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N^o
466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____ -
Documento de Identidade n^o: Sexo: F () M ()
Data de Nascimento: ____ / ____ / ____
Endereço: _____ Complemento: _____
Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
Telefone: () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

- 1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA
- 2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Natália Morena Lage Silva
- 3. Cargo/Função:** Discente

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa de responsabilidade do pesquisador Natália Morena Lage Silva, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar as territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista nas arquibancadas dos estádios de futebol.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para análise sobre as novas formas e agentes socioespaciais na organização espacial das arquibancadas por meio de hierarquias de torcidas. Por se tratar de um estudo que questiona as relações de poder entre torcidas organizadas e suas repercussões sobre o espaço, os participantes, sobretudo das torcidas menores, podem sofrer retaliações das mais diversas ordens. Portanto, para evitar os riscos optamos por não revelar os nomes das torcidas nem dos dirigentes dessas, a fim de garantir o anonimato dos entrevistados. Ao fim da defesa de dissertação, esta será disponibilizada aos entrevistados da

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer 6.061.992, em 23 de maio de 2023
consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

pesquisa. Realizaremos a socialização dos resultados através de reuniões on-line com as torcidas organizadas participantes. Os resultados da dissertação serão uteis para o planejamento das ações do poder público, uma vez que se trata de uma interpretação de um fenômeno social expressivo que envolve milhares de pessoas e que requer uma ação pública.

Caso aceite o Senhor(a) será feita uma entrevista com gravação de voz pela aluna Natália Morena Lage Silva do curso de Mestrado em Estudos Territoriais. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr. caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Natália Morena Lage Silva

E-mail: nataliamorena96@hotmail.com

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, PROET

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos, CEP: 40.460-120, Salvador/BA Tel.: (71)3612-1330 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer 6.061.992, em 23 de maio de 2023
consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa TERRITORIALIDADES E HIERARQUIAS EM TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL: SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

SALVADOR - BA, 28 de maio de 2023



Assinatura do participante da pesquisa

Natalia Morano Lage Silva

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Amato

Assinatura do professor responsável
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer 6.061.992, em 23 de maio de 2023
consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido